

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FaE)
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA (PROMESTRE)
Gilson Ferreira Silva

Rosário de Lembranças: narrativas da Festa de Nossa Senhora do Rosário
(Milho Verde – MG)

Belo Horizonte - MG

2018

S586r
T

Silva, Gilson Ferreira, 1957-
Rosário de lembranças [manuscrito] : narrativas da festa de Nossa Senhora do
Rosário (Milho Verde – MG) / Gilson Ferreira Silva. - Belo Horizonte, 2018.
124 f., enc. il.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Educação.

Orientadora: Inês Assunção de Castro Teixeira.
Coorientador: Paulo Henrique de Queiroz Nogueira.
Bibliografia: f. 94-99.
Anexos: f. 100-124.

1. Educação -- Teses. 2. Educação patrimonial -- Teses. 3. Patrimônio cultural --
Milho Verde (MG) -- Teses. 4. Patrimônio cultural -- Educação -- Teses. 5. Patrimônio
cultural -- Estudo e ensino -- Teses. 6. Festas religiosas -- Aspectos educacionais --
Teses. 7. Festas religiosas -- Igreja católica -- Minas Gerais -- Teses. 8. Rosário, Nossa
Senhora do, Festa de -- Aspectos educacionais -- Teses. 9. História oral -- Teses.
10. Idosos -- Narrativas pessoais -- Teses. 11. Milho Verde (MG) -- Educação -- Teses.
12. Minas Gerais -- Educação -- Teses.

I. Título. II. Teixeira, Inês Assunção de Castro, 1950-. III. Nogueira, Paulo
Henrique de Queiroz, 1966-. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Educação.

CDD- 351.807

Catlogação da Fonte* : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário†: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O
(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma
e na diagramação gráfica da ficha catalográfica‡.)

* Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º – "É obrigatório que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos".

‡ Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

**Rosário de Lembranças: narrativas da Festa de Nossa Senhora do Rosário
(Milho Verde - MG)**

GILSON FERREIRA SILVA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2019, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Ines Assunção de Castro Teixeira - orientadora - Orientador
UFMG

Prof(a). Paulo Henrique de Queiroz Nogueira
UFMG

Prof(a). Clarisse Maria Castro de Alvarenga
UFMG

Prof(a). Lúcia Helena Alvarez Leite
UFMG

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2019.

Gilson Ferreira Silva

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação e Docência (PROMESTRE) da Faculdade de Educação (FaE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a orientação da Prof. Dra. Inês Assunção de Castro Teixeira e co-orientação do Prof. Dr. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Belo Horizonte- MG

2018

Ao meu pai, Álvaro Silva, à minha mãe, Maria Joana Ferreira Silva, aos meus irmãos Walter, Renato, Rubens, Sônia, à minha grande e querida sogra e amiga Isaira Barbosa Arcanjo. Todos “in memoriam”

AGRADECIMENTO

Gratidão é um sentimento que se manifesta ao longo de toda a minha vida, mas dessa vez ele tem um caráter muito especial. Estamos dando como finalizado (não que tenha chegado ao fim) um período, que nos premiou com tanto aprendizado e vivências humanas, um período de relações generosas e de compartilhamento que guardarei com as mais felizes das minhas lembranças.

Quero começar estes agradecimentos pela minha orientadora, professora Dra^a Inês Assunção de Castro Teixeira, ao co-orientador professor Dr. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, por toda a paciência, empenho e sentido prático com que sempre me orientaram neste trabalho

Agradeço a todos os meus amigos do PROMESTRE, especialmente ao Rafael Paiva, Marcela Teófilo, Andrea Juliana, Izaú Veras, Queila Cristina, Rebeca Lloyd, bem como aos professores que sempre me apoiaram, Josiley Francisco, Pablo Lima, Licínia Maria Correa, Renata Aspis e Clarice Alvarenga. Não poderia deixar de fazer um agradecimento especial ao professor Dr. Mauro Passos com quem sempre contei ao longo desta caminhada.

Agradeço também aos meus amigos de equipe de produção voluntária do documentário, a turma da boa vontade, encabeçada por Paulo Jader, Maria Aparecida Oliveira (Cica), Maycon Sousa, Flávia Assis Alves, Otávio Zonatto pelas horas e horas incansáveis de montagem do documentário, sem estas amizades tal trabalho não seria possível. Agradeço ainda aos meus amigos de departamento na FAFICH- UFMG, Lúcio, Rogério, Enderson, Neilton, Sabrina José Pinto e mais recente Frederico. Não posso deixar de mencionar ainda minhas queridas amigas Lili, Tetê, Bia e Glauça do fantástico Cantinho da Glau, que ao longo destes dois anos suportaram resignadamente minhas lamentações e “chorumelas”, sempre sobre o mesmo assunto: o mestrado que me consumia.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer à minha família, irmãos amados e sempre presentes em meus pensamentos. Agradeço também à minha sempre presente amada de todas as horas, minha companheira Izamara Arcanjo, pela paciência, constantes e incansáveis revisões ao longo da elaboração deste trabalho.

Agradeço aos meus filhos Lucas Arcanjo e Joana Arcanjo pelo incondicional amor e apoio que me deram.

Obrigado senhor!

Viva Nossa Senhora do Rosário!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de distritos da região do Serro.....	16
Figura 2– Mapa do Distrito de Milho Verde	17
Figura 3– Dona Geralda diante de seu fogão à lenha, relembra as histórias de sua vida.....	45
Figura 4 - Dona Geralda em frente à sua cada onde faz as suas tradicionais quitandas.....	47
Figura 5– Dona Dalva, conhecida na região como exímia benzedeira.....	47
Figura 6 - Dona Elizabete em frente ao imenso tacho onde faz seus doces.....	50
Figura 7 - Dona Coração que ainda hoje canta nas missas em louvor a Nossa Senhora.....	51
Figura 8 – Dona Cida, primeira mulher a se tornar chefe das caboclinhas na região.....	53
Figura 9 – Vavá, devoto de Nossa Senhora, bate sino e caixa durante a procissão.....	54
Quadro 1 - Atualização do conceito de patrimônio cultural no campo da educação.....	30

Sumário

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – SOBRE O LUGAR, SOBRE OS VELHOS E SOBRE A FESTA	14
1.1 Milho Verde na região de Diamantina.....	14
1.2 A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Milho Verde.....	18
1.3 Sobre velhas e velhos e suas lembranças.....	20
CAPÍTULO II – BASES TEÓRICA CONCEITURAS.....	23
2.1 A questão das memórias: ideias iniciais.....	23
2.2.1 O tempo e espaço da memória.....	26
2.2 Patrimônio e Educação Patrimonial.....	29
2.3 Conhecendo as festas religiosas	34
CAPÍTULO III – BASES METODOLÓGICAS E O DOCUMENTÁRIO.....	39
3.1 História Oral: algumas considerações	39
3.1.1. A entrevista narrativa.....	42
3.1.2 A pesquisa de campo de os sujeitos: apresentando as velhas e o velho.....	43
3.1.3 Como analisar os dados.....	54
3.2 Alguns apontamentos entre cinema e documentário.....	55
3.2.1 O que seria então o documentário?.....	56
3.2.2 O documentário como uma pedagogia.....	66
CAPÍTULO IV- DIMENSÕES ANALÍTICAS NOS RELATOS DE VELHAS E VELHOS....	70
4.1 As lembranças da festa, seus rituais e seus significados	71
4.2 O papel das mulheres ao longo da festa	77
4.2.1 A gratuidade e a generosidade feminina.....	79
4.3 Tensões, mudanças e permanências	81
4.4 A fé e a religiosidade.....	84

CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS.....	98
ANEXOS.....	101

RESUMO

O trabalho recolheu, no período de 08 a 28 de janeiro de 2018, relatos de quatro protagonistas velhas e um velho da festa de festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em Milho Verde, Minas Gerais. Nesses depoimentos estão salientadas as continuidades e rupturas existentes nesta festa, bem como os sentidos engendrados no louvor a Nossa Senhora. Inspirado pelas orientações teórico metodológicas da História Oral e de alguns princípios do cinema documental, percebemos que as narrativas trazem à tona elementos como a fé, o pertencimento, os cantos, as rezas, as lembranças constitutivas dos festejos. A pesquisa buscou ainda contribuir para a educação patrimonial nas comunidades do entorno através da produção de um documentário.

Memória de velhas e velhos - História oral – educação patrimonial documentário - Festa de Nossa Senhora do Rosário

ABSTRACT

The work collected, from January 8 to 28, 2018, reports of four old protagonists and an old man of the party of Our Lady of the Rosary of the Black Men, in Milho Verde, Minas Gerais. In these testimonies are highlighted the continuities and ruptures existing in this feast, as well as the senses engendered in the praise of Our Lady. Inspired by the theoretical methodological guidelines of Oral History and some principles of documentary cinema, we realize that the narratives bring to light such elements as faith, belonging, songs, prayers, and constitutive memories of the festivities. The research also sought to contribute to heritage education in surrounding communities through the production of a documentary.

Memory of old and old - Oral history - documentary patrimonial education - Feast of Our Lady of the Rosary

INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida nesta dissertação de Mestrado possui um aspecto afetivo muito importante para mim. Conheço e me identifico com o distrito de Milho Verde e sua gente desde a década de 1980. É a Serra do Espinhaço, um dos mais belos cartões postais de Minas Gerais, que emoldura o trajeto que leva ao pequeno lugarejo. Localizado a 315 quilômetros de Belo Horizonte, Milho Verde tem hoje apenas 1.300 habitantes, de acordo com o censo do IBGE¹ de 2010, mas a região fazia parte do rico e poderoso Arraial do Tijuco, que no século XVIII era o terceiro maior povoado da Capitania Geral das Minas, atrás apenas da capital Vila Rica, hoje Ouro Preto e de São João del-Rei. Atualmente, o antigo arraial do Tijuco se chama Diamantina, cidade reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco. Foi em Milho Verde que nasceu Chica da Silva, uma das personagens mais importantes do período colonial brasileiro.

Ao longo dos anos, seduzido pelas belezas naturais do lugar, fiz algumas dezenas de viagens à região, entretanto não podemos deixar de destacar o papel fundamental que teve a academia no sentido começar a me incentivar a lançar um olhar problematizador, que valorizasse, além dos recursos naturais, também os recursos culturais da região. Nesse período, no qual já atuava como cinegrafista e fotógrafo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), comecei a perceber que a comunidade de Milho Verde mantém a tradição de realizar, em toda última semana de novembro, a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. A prática comum ao catolicismo, mistura religiosidade e muitos elementos da cultura popular e acontece em Minas Gerais desde os primórdios do seu povoamento.

Mas, foram os trabalhos desenvolvidos entre os anos de 2008 e 2016, no Núcleo de Estudos sobre Trabalho Humano (NESTH), do Departamento Ciência Política da UFMG, e atuando como documentarista para o projeto “Saberes Plurais”, vinculado à Pró-reitora de extensão que me permitiram captar a real dimensão do importante patrimônio imaterial que é a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde. Tanto os trabalhos do NESTH como os da Pró-reitoria de Extensão, mesmo com finalidades diferentes, tinham por objetivo ampliar os espaços de produção, difusão e compartilhamento de dispositivos dedicados ao imaginário, à memória e às oralidades populares. Os dois trabalhos permitiam a ampliação da memória social brasileira, a partir das histórias de vida e da perspectiva dos cidadãos comuns.

¹ www.ibge.gov.br. Acessado em julho 2016

Foram justamente esses trabalhos que motivaram e me inspiraram a desenvolver uma pesquisa na qual pudesse utilizar de recursos audiovisuais, mais especificamente do documentário, com o intuito de contribuir para processo de reconstrução das lembranças dos protagonistas da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Ao longo tempo, esta pesquisa acabou se consolidando também em uma singela homenagem aos velhos e velhas que narram suas lembranças frente à câmera. São estes sujeitos que, em toda sua simplicidade e sabedoria ajudam a reforçar a importância deste patrimônio cultural imaterial.

Assim, esse trabalho se dedica a investigar as narrativas de cinco velhas e um velho protagonistas da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Milho Verde, Minas Gerais, a partir de suas memórias e lembranças. O foco é entender o que mudou e o que permanece com relação aos festejos ao longo dos anos, o que acreditamos se consolidar em importantes práticas sócio históricas dos habitantes da região.

Como o trabalho faz parte de um Mestrado Profissional em Educação, temos como objetivo também produzir um documentário que acreditamos possa auxiliar os professores e as pessoas ligadas à educação patrimonial a sensibilizar jovens e adultos para questões culturais, na tentativa de facilitar o processo de conhecimento, apropriação, questionamento e valorização de nossas heranças culturais.

Os festejos de Nossa Senhora do Rosário e as entrevistas narrativas desse grupo de velhos nos remetem a um duplo pertencimento aberto pelos campos de estudo da História Cultural e da Educação, o que se consolida na chamada Educação Patrimonial.

As discussões que envolvem a Educação Patrimonial apontam que, no contexto atual, os processos educativos estão diretamente ligados às transformações da própria Educação, mas também às do Patrimônio Cultural, que acabam nos trazendo desafios teórico-metodológicos. (PEREIRA E ORIÁ, 2012).

Tendo em vista as transformações nos dois campos, o processo educacional para alguns autores se realiza por meio da indagação, da reflexão, da partilha do conhecimento produzido. O reconhecimento de um bem cultural em processo educativo se funda, portanto no estabelecimento de relações afetivas, sensíveis e de preservação que estudantes e professores podem criar. Para Pereira e Oriá (2012, p.163) faz-se necessária a ampliação das “dimensões sensíveis na abordagem educativa, com inclusão de percepções, sensações, e a capacidade imaginativa dos sujeitos na produção da cultura”. Essa proposta teórica dos dois autores ainda dirige nossa atenção à questão dos velhos (as) e suas relações com o espaço cultural e com a sociedade na qual se desenvolve a festa.

Percebe-se que nos últimos anos, a reflexão sobre o patrimônio, a memória e ações que visam a manutenção de saberes que podem ser registrados por meio de técnicas audiovisuais, dentre elas o cinema, tem sido abordada como um dos pilares para o exercício da cidadania, o que também tem despertado um enorme interesse teórico e prático. Não são poucos os trabalhos sobre a memória que têm ocupado pesquisadores em todo o mundo, os quais têm experimentado a emergência da memória.

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Essa consciência acerca da importância dos bens culturais garante direitos fundamentais aos seres humanos.” (LE GOFF, 1992, p.435).

Sabe-se ainda que a consciência de cidadania de uma comunidade também se fortalece, na medida em que a identidade do grupo está presente na consciência de cada um de seus membros. Neste sentido, é fundamental que uma comunidade saiba que a memória coletiva é mais que uma conquista de dignidade e consolidação de identidade, é um instrumento de poder.

Desde meados da década de 1980, o país presencia a criação de novos museus, centros de documentação e de pesquisa, desenvolvimento de projetos de história oral em comunidades e criação de centros de documentação. Nesta mesma direção, a relevância dos temas como a educação patrimonial e a memória orientaram toda a produção deste nosso trabalho.

Quanto à estrutura deste texto, no capítulo I, vamos apresentar brevemente aos leitores o distrito de Milho Verde, situar e descrever sua localização e importância sócio histórica. Também vamos falar sobre as velhas (os) e suas lembranças sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

No capítulo II, estão delineadas as bases teóricas e conceituais que norteiam a dissertação, entre elas o quadro teórico sobre memória e lembranças de velhos. Trataremos brevemente de alguns pressupostos epistemológicos que fundamentam as discussões sobre as festas religiosas, em especial, a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, de Milho Verde. Ao longo desse capítulo, delimitamos esses conceitos para efeitos de utilização neste trabalho.

O capítulo III descreve nosso caminho teórico metodológico. Para realizar esse trabalho utilizamos a História Oral sobre a qual teceremos algumas considerações. Discutimos sobre a relevância da História Oral e da entrevista narrativa para os trabalhos que são desenvolvidos com imagens, faremos apontamentos sobre o documentário, em especial o documentário brasileiro. Como trata-se de um mestrado profissional, no qual construímos um documentário,

o capítulo III discorre ainda sobre o processo de produção, captação de imagens e edição do mesmo. Entre esses processos estão a gravação, o mapeamento das imagens, produção do roteiro, edição de imagens e pós-produção.

No capítulo IV enfatizará a história das velhas e do velho protagonista da Festa de Nossa Senhora do Rosário, explicitando quem são esses sujeitos. Explicamos os critérios de escolha do *corpus*, as estratégias de coleta, edição e análise dos relatos dessas pessoas. A interpretação do material é estruturada por meio de conceitos e objetivos explicitados ao longo dessa dissertação.

Finalizado o texto, apresentamos as considerações em que sugerimos que as velhas/o ao reconstruir os acontecimentos do passado, podem fornecer elementos imprescindíveis para entender o momento presente. Ao acompanhar as lembranças das velhas/o, fica evidente que as lembranças se tornam mais claras à medida em que as relações entre o grupo é estreita e que o fenômeno de transmutação da festa de uma geração para a outra, renova e ao mesmo tempo garante a sobrevivência da festa no coletivo

CAPÍTULO I - SOBRE O LUGAR, AS FESTA RELIGIOSAS E SUAS VELHAS E VELHAS

Neste capítulo escrevemos um pouco sobre o distrito de Milho Verde e sua gente e, para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, entendemos que é necessário discutir sobre as origens e a complexa estrutura que formam as festas populares religiosas em louvor aos santos católicos no Brasil e o processo de miscigenação que faz parte da história do povo brasileiro. É sobre o que vou tratar inicialmente nesse capítulo. Na sequência, vou abordar as especificidades da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Milho Verde e fazer considerações sobre a memória e lembranças de velhos.

1.1 Milho Verde, distrito de Diamantina

O histórico distrito de Milho Verde pertence ao município de Serro, em Minas Gerais, localizando-se no alto da Serra do Espinhaço. A tradição oral presente entre os habitantes do município revela que o povoamento da região remonta do início do século 18 quando chegaram ao local com os primeiros bandeirantes.² Eles foram presenteados com várias espigas de milho verde, oferecidas pelos índios que ocupavam as proximidades do Pico do Itambé. Surge então um pequeno arraial na região do Serro Frio em decorrência das atividades de mineração do ouro e do diamante.

Por estar situado no Distrito Diamantino, Milho Verde sofreu as severíssimas restrições impostas pela Coroa Portuguesa à região demarcada como área mineradora, sendo as terras de Milho Verde incluídas na área proibida para a mineração. No local, chegou a ser instalado um quartel e um posto fiscal para o controle e a fiscalização do extravio de diamantes.

Hoje, vivem no distrito cerca de 1300 habitantes. As atividades econômicas do local giram em torno do turismo fomentado pela riqueza do patrimônio arquitetônico, das cachoeiras, trilhas e das comunidades quilombolas que vivem na região. Os moradores

² Apesar de sabermos que esta se trata de uma questão importantíssima, não vamos tratar, aqui, na discussão das relações entre bandeirantes e nativos.

também desenvolvem a pecuária e a agricultura de subsistência. Oficialmente, o povoamento da local data do século XVIII conforme (Barbosa, 1995)³

Uma capela, dedicada a São José, no lugar denominado São José do Milho Verde, foi erguida por iniciativa do cap. José de Moura e Oliveira, conforme provisão de 8 de outubro de 1781. Subordinava-se à Matriz do Serro. A lei nº 830, de 11 de julho de 1857, elevou a paróquia o arraial de São Gonçalo do Milho Verde, termo da cidade do Serro. As várias leis transferindo a sede da paróquia fazem verdadeira confusão com os nomes. Assim, a lei nº 977, de 3 de junho de 1859, transferiu a paróquia de Milho Verde e São Gonçalo para o arraial de Milho Verde. Mas, em 1867, a lei nº 1.408, de 7 de dezembro, novamente mudou a sede da paróquia para o arraial de São Gonçalo (hoje São Gonçalo do Rio das Pedras. (BARBOSA, 1995, p.75)

Ainda segundo o Dicionário Histórico e Geográfico de Minas Gerais, a povoação de Milho Verde foi elevada a distrito pela lei nº 1.475, de 9 de julho de 1868. No mesmo dia, mês e ano, foi sancionada a lei nº 1479, que transferiu a sede da paróquia de São Gonçalo para São Gonçalo do Milho Verde. O arraial sempre se chamou Milho Verde e este era o nome do distrito. Entretanto, na divisão administrativa de 1911, como também na de 1923, aparece com o nome de Nossa Senhora dos Prazeres do Milho Verde. E o decreto-lei nº 148, de 17 de dezembro de 1938, determinou a mudança da denominação de Nossa Senhora dos Prazeres do Milho Verde para Milho Verde. O santo padroeiro do lugar é Nossa Senhora dos Prazeres.

Sabemos que o declínio da atividade mineradora na região, resultante do próprio esgotamento das minas, iniciou-se um grande processo de emigração da população para outras regiões do estado e do país. O esvaziamento populacional e, conseqüentemente, econômico foi gerando um quadro de extrema pobreza e abandono na região, especialmente nas comunidades menores. Embora a marca maior do vale seja a carência da população, a região banhada pelo rio Jequitinhonha é extremamente rica do ponto de vista histórico e cultural.

Adentrando então mais especificamente na região do alto vale do Jequitinhonha apresentamos a seguir um mapa no qual consta a localização geral dos distritos do município do Serro e que nos ajuda a inserir, também, o distrito de Milho Verde em seu contexto mais local. Destacamos que no mapa não há referência a vilas e comunidades da região uma vez

³ BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

que sua escala alcança apenas distritos e municípios. No sítio eletrônico da Prefeitura do Serro, no qual localizamos este mapa, não há qualquer referência à data de confecção.⁴



Figura 1 – Mapa de distritos da região do Serro

⁴ A estrada que liga Serro a Milho Verde, e que no mapa aparece como estrada não pavimentada foi pavimentada no ano de 2012.



Figura 2 – Mapa do Distrito de Milho Verde⁵

As principais comunidades que cercam o distrito de Milho Verde são: Ausente (de cima e de baixo), Baú, Capivari, Jacutinga, Três Barras, Barra da Cega, Jacutinga, Chacrinha, Amaral, Serra da Bicha, Boqueirão, Colônia, Fazenda Santa Cruz, Córrego do Ouro, Cabeça de Bernardo e Córrego de Areia.

O Ausente é uma comunidade negra rural também pertencente ao município do Serro e distante alguns quilômetros do distrito de Milho Verde. A comunidade é situada às margens do rio Jequitinhonha; seguindo o curso desse rio, à beira do córrego Acaba Saco, fica a comunidade negra do Baú. As comunidades são vizinhas e muitos de seus moradores possuem relações de parentesco.

O turismo, a estrada pavimentada e a avalanche de novos usos, comportamentos, mercadorias e culturas trouxeram grandes mudanças nos modos de vida e na organização da comunidade. Milho Verde, portanto, vive uma situação franca de incorporação de novos valores, que muitas vezes passa também pela rejeição de seus hábitos e modos de vida tidos pela mídia e pela sociedade contemporânea globalizada como atrasados. Acreditamos que o

⁵ Disponível em <http://www.serro.tur.br/distritos.php>. Acessado em: 01.jun.2017

até mesmo o turismo vem contribuindo para a descaracterização dos hábitos da população, que acabam adotando práticas e costumes das cidades grandes, em detrimento de seu ritmo rural. Segundo Inês Teixeira (1996) a cultura também se inscreve em relações de força e poder: “Nesse quadro, a criação e transmissão de códigos e padrões culturais torna-se um campo de contradições, tensões e embates, pela imposição e hegemonia de significações culturais.” (TEIXEIRA, 1996, p.184)

1.2 A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Milho Verde

A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos realizada no distrito de Milho Verde é considerada pelos moradores a maior manifestação cultural da cidade. O festejo possui traços semelhantes à outras manifestações religiosas presentes em Minas Gerais. Entretanto, pensar a festa realizada nessa localidade como mais uma das muitas festas em devoção à Nossa Senhora do Rosário não me parece produtivo no sentido de capturar as ausências e permanências e a multiplicidade de significados que nela estão engendrados.

Toda festa tem um tempo e características e especificidades da sociedade que deu para essa mesma festa aspectos singulares. É um tipo de enunciação que reafirma o pertencimento à comunidade e, por isso, está repleta de significados encenados que refletem a fé dos sujeitos ali envolvidos. Estabelecem-se conexões que comparecem de forma patente nessas manifestações populares de religiosidade, reavivando a percepção na qual a festa possui o papel de difusora de sentido e conexão e a celebração entre o terreno e o divino.

No caso de Milho Verde, a festa é uma tradição mantida desde o tempo dos escravizados e se compõe de cortejos, desfile de rei e rainha, bandas musicais e das danças dos grupos que passam o dia cantando e dançando pelas ruas da cidade.

Durante a festa, acontece o chamado reinado, que a cada ano é conduzido por um rei e uma rainha (eleitos no ano anterior) e sua corte. As guardas estão representadas nos diversos grupos de dançantes que saem em cortejo pelas ruas da cidade.

Os grupos apresentam-se distinguindo uns dos outros pelas coreografias, instrumentos e pela música que executam durante o louvado. Estas ainda são acrescidas por espetáculos pirotécnicos e levantamento de mastros com as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário.

O evento tem ornamentação, culinária típica, música, dança e diversas apresentações dos grupos de dançantes como os cabloquinos, catopês e marujada.

Os Caboclos, que representam os índios catequizados pelos jesuítas, seguem enfeitados com colares, cocares e saiotes com penas multicoloridas, fitas, pulseiras e tornozeleiras. A indumentária dos Caboclos é completada por blusas, geralmente vermelhas, acompanhadas de um colete enfeitado com bijuterias que simbolizam pedras preciosas. Os Caboclos promovem um desfile alegórico que percorre as ruas da cidade, encenando coreografias, ao som de tambores. Os arcos e flechas são utilizados para dar ênfase às batidas dos tambores e à música.

Os Marujos, que representam a Marinha e a Esquadra Portuguesa na luta contra os Mouros, usam fardas brancas, com detalhes azuis e vermelhos, gorros ou chapéu de duas pontas, com frisos azuis.

Os Catopês representam os negros e fazem a dança principal da festa. Segundo a Lenda de Nossa Senhora do Rosário, foram eles que tiraram a Santa do mar, daí sua importância em relação aos outros dançantes. As roupas utilizadas pelos Catopês são bem parecidas com o colorido dos Caboclos, mas com um diferencial. Os adornos utilizados são maiores e em maior quantidade: utilizam-se capacetes com penas, capa de chitão com várias cores, colares, pulseiras, bijuterias de todos os tipos, espelhos, fitas penduradas nos capacetes, calça, camisa e tênis. Este grupo de dançantes possui vários instrumentos como: caixas de coro, cajá, tamborins, entre outros. Durante a festa ainda acontecem a procissão, bênçãos e missas.

Percebemos, durante às incursões à Milho Verde, para a realização desta pesquisa, que grande parte dos moradores do distrito que assumiram a realização e organização da Festa de Nossa Senhora do Rosário são, sobretudo, alguns moradores mais velhos da comunidade., apesar que de também participam desta organização, moradores de variadas classes sociais e idades. Por que então não fazer uma pesquisa que retratasse a festa na perspectiva dos velhos, uma vez que são eles os que mais participam ativamente e contribuem para a realização da mesma? E por que não discutir a Festa em uma perspectiva de contribuição para a Educação patrimonial?

É neste contexto de valorização dos acervos histórico-culturais imateriais que nos deparamos com Festa de Nossa Senhora do Rosários dos Homens Pretos, em Milho Verde, Minas Gerais. Trata-se de uma manifestação muito presente no Estado que pinça vários elementos históricos do passado e os mescla com memórias e elementos do cotidiano.

Segundo Maia e Souza (2017, p.227) a festa é uma das mais importantes manifestações da cultura e da fé do povo mineiro. Os festejos têm se destacado pela manutenção das tradições afrodescendentes do estado pela oralidade, consolidando-se como um lugar de memória que reinventa suas tradições a cada ano.

“A Festa de Nossa Senhora do Rosários dos Homens Pretos é uma manifestação cultural tradicional cujas origens remontam ao processo de colonização da América Portuguesa. Suas características sincréticas e adaptações regionais tornam-na uma das evidências do patrimônio imaterial, representando um marco do hibridismo cultural do barroco do Alto Jequitinhonha. (MAIA e SOUZA, 2017, p.227)

Esse sincretismo cultural parece ter se acentuado com a midiaticização e espetacularização da cultura e se manifestado, sobretudo, a partir das transmissões orais. As relações com indivíduos participantes da festa são desenvolvidas de forma dinâmica. No caso desta pesquisa, os sujeitos que entrevistamos foram introduzidos na festa a partir de suas relações familiares próximas (pais, tios, avôs) ou por conhecidos. Outro fator que podemos citar como tendo contribuído para a incorporação de novos elementos culturais à festa foi a criação da Estrada Real e o reconhecimento da cidade histórica de Diamantina como patrimônio da Humanidade pela Unesco (Milho Verde é distrito de Serro, mas está ligada à Arquidiocese de Diamantina).

1.3 Sobre velhas e velhos e suas lembranças

A opção por trabalhar com as lembranças de velhas e velhos estão relacionadas à algumas constatações. Uma delas é que o velho é um narrador por excelência, e que por ter vivido bastante, tem muito o que contar (BENJAMIN, 1993).

Quando escolhemos como metodologia de pesquisa a História Oral, realizada a partir da entrevista narrativa, remetemo-nos a uma dimensão subjetiva, peculiar a cada velho protagonista da festa. A ligação entre os fiéis devotos à Virgem do Rosário em Milho Verde ocupa um papel de permanências, rupturas e persistências e estão ligadas às condições sociais e culturais vinculadas à história que vai sendo rememorada sob versos rimados, contos e danças.

O festejo, de acordo com os sujeitos narradores e narradoras presentes nesta pesquisa, apresenta um passado de reconstruções que são repassadas de geração em geração. Entendo que para compreender as nuances, rupturas e permanências sobre a festa é necessário

haver uma escuta e observação sensível, pois os narradores dispõem de suas lembranças como “reliquias moldadas a partir do presente vivido por eles”. Segundo Bosi (1983, p.43), “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam”. Para Ecléa Bosi, que utiliza o termo velho como categoria social, no seu livro: *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*: “a velhice, que é fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro”. (BOSI, 2003a, p. 79).

Para Bosi (2003a, p. 83) “o velho é alguém que se retrai de seu lugar social e este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos”. O termo “encolhimento”, utilizado por Bosi, refere-se ao sentimento de perda de participação em sociedade vivenciado pelo idoso que, ao contrário do que acontece em outras civilizações que não a ocidental, não é percebido como difusor ou em outros termos, como guardião, de saberes sociais que caracterizam tesouros culturais.

Ecléa Bosi vê no idoso a função social própria de rememorar, sua imaginação faz longos voos em direção ao passado selecionando aspectos que considera importantes no presente. A rememoração é espontânea e natural, no entanto, muitas vezes se volta a espaços estéreis onde a escuta é negativa:

Mas, o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens: [...] Ele, nas tribos antigas, tem um lugar de honra como guardião do tesouro espiritual da comunidade, a tradição. (BOSI, 2003a p. 82)

Com os velhos é que se pode promover a continuidade da cultura e da educação da tanto de crianças e adultos do presente e das gerações futuras, pois permitem, em sua experiência, reviver o que já passou, como as histórias e tradições de um tempo que já foi, mas que permanecem, de alguma maneira, nos rastros de suas lembranças partilhadas, “pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias” (BOSI, 2003a, p. 74).

Da mesma forma, a autora coloca que [...] na velhice, quando já não há lugar para aquele ‘fazer’, é o lembrar que passa a substituir e assimilar o fazer. É por isso que o velho tende a superestimar aquele fazer que já não se faz mais (BOSI 1983, p. 398).

Ainda sobre a questão da velhice e o relembrar, para Bosi (1983), longe de ser um velho que vive remoendo fatos passados, a velhice, na perspectiva da autora, revela que eles contribuem, através de suas lembranças para a transmissão de histórias, tradições, mitos, enfim, toda espécie de conhecimento que ele possa trazer consigo.

Esse tipo de conhecimento, ao qual só se tem acesso através da memória, torna-se algo humanizado se ensinado por aqueles que já estão aqui há mais tempo, o que nos permite significar o passado e, com isso, compreender o presente. É a memória dos idosos a colaborar nas formas de ver e significar o mundo em que se está vivendo.

Ao referir-se ao seu próprio trabalho com velhos, Bosi, assim, relatou:

Faz alguns anos recolhi a memória do tempo, do espaço, a memória política, a memória de trabalho de velhos moradores de São Paulo. Conversei longo tempo com eles e enquanto ouvi as suas narrativas ia aprendendo alguma coisa sobre a situação da velhice na sociedade industrial - tema dos mais dignos de ser estudado por militantes políticos e culturais. A memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura e faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade onde ele se insere.... Se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado, que transcende aquela biografia: é o nosso trabalho e muito belo seria dizer, a nossa luta. (BOSI, 2003a, p. 69)

Bosi (2001), num trabalho sobre lembranças de velhos paulistanos escrito no final da década de 1970, afirma que, na sociedade capitalista industrializada, o velho é desarmado e somos nós, os não-velhos, que temos de lutar por ele. Improdutivos economicamente e “degenerados” fisicamente, os velhos enfraquecidos sofrem inúmeras discriminações e são, frequentemente, banidos pelo grupo social. Essa sociedade rejeita o velho, sobretudo se é pobre, trabalhador.

É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele (BOSI, 2001, p. 81).

As discussões acerca das lembranças de velhos (as) são um elemento central nesta dissertação. Consideramos que as narrativas destes velhos sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde nos indicarão as ausências e permanências manifestadas neste importante patrimônio cultura imaterial do distrito, entre outros aspectos presentes na riqueza dos relatos que recolhemos.

CAPÍTULO II – BASES TEÓRICO CONCEITUAIS

2.1 A questão da memória: ideias iniciais

Muitos campos do saber, como a História, as Ciências Sociais e a Psicologia, têm constantemente, investido nos estudos sobre a memória como um poderoso instrumento que concretiza diferentes relações sociais.

Para Bosi (1983), o sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006)⁶ contribuiu de maneira definitiva com os estudos ligados às Ciências Sociais ao propor o conceito de memória coletiva e ao definir que elementos sociais compõem a memória. Segundo Bosi (1983), para Halbwachs, não existe memória essencialmente individual, uma vez que todo indivíduo interage e sofre a ação da sociedade. Ainda para Bosi (1983), a forte influência de E. Durkheim pode ser sentida na concepção da memória coletiva como aquela que é referendada pelos grupos com o qual se convive e do qual extraímos nossas lembranças. É Durkheim quem desloca o eixo de investigação da “psique” para o estudo das funções de ideias e das representações que os homens exercem dentro de seus grupos de pertencimento.

Na esteira de Halbwachs, Bosi (1983) reitera a ideia de memória individual sintonizada com os grupos sociais como família, escola, Igreja, os quais ajudam a delinear as lembranças que figurarão como referências do sujeito. O grupo ao qual pertencemos incita-nos a lembrar determinados fatos e não outros: “... se lembramos é porque os outros, a situação presente nos faz lembrar (Bosi, 1983, p.17).

Ainda para Halbwachs (2006), não se pode esquecer que as lembranças, ao contrário das referências históricas, pertencem ao indivíduo, mas isso não as tornam únicas e individuais. Mesmo a lembrança aparentemente mais particular possui um caráter social que a remete a um grupo, a um contexto. Assim, Halbwachs, na perspectiva de Bosi (1983), de um lado, utiliza a noção desenvolvida por Durkheim de que os fatos sociais ao mesmo tempo que podem ser encontrados na consciência individual, dela independem e se originam de uma consciência coletiva, que ao estar em todos não está em lugar nenhum, portanto ao estudar a

⁶ Discípulo de Durkheim, Halbwachs tem vários trabalhos sobre memória coletiva. “Os quadros sociais da memória” (1925) e “A memória coletiva” (1950), publicada após sua morte no campo de concentração nazista Buchenwald (1945) figuram entre eles. Nesta pesquisa, as reflexões referem-se especificamente a esta última obra.

parte estuda-se também o todo. De outro lado, percebe que é na interação e no significado comum que as lembranças têm para o grupo é que se forma a memória coletiva, em uma referência direta aos preceitos weberianos.

Ainda se faz necessário abordar a distinção feita por Halbwachs entre “memória histórica” e “memória coletiva”, entendendo a primeira como reconstrutora dos elementos do presente da vida social e projetada sobre o passado reinventado, ao passo que a segunda, a memória coletiva, cumpriria o papel de recompor magicamente o passado. Halbwachs lembra que a história procura compilar os fatos que ocuparam lugar na memória dos homens, selecionando-os em manuais didáticos que utilizamos nas escolas, os que atendem às regras “que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo”. A existência da memória estaria, pois, condicionada à sensação de que ela remonta às lembranças de um momento contínuo, de uma continuidade que a história intenta restabelecer, ao erigir uma ponte entre passado e presente. Mas, só a memória coletiva seria capaz de promover verdadeiramente essa continuidade, por não reter “do passado senão o que ainda está vivo ou é incapaz de viver na consciência do grupo que o mantém” (HALBWACHS, 2006, p. 102). Na memória, presente e passado não brigam ou divergem tal como dois períodos históricos distintos.

A memória individual é, então, um ponto de vista sobre a memória coletiva, mas não pode simplesmente ser confundida com ela. Se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 2006, p. 55).

Assim, percebemos que quando a autora fala de memória, ela se remete a uma dimensão tanto cognitiva quanto social. Quando a memória é atualizada pela categoria lembrança, referimos a uma representação da própria vida, sendo que a perda da memória, comum ao envelhecimento, deixa de ser tão importante. Lembrar é, então, não apenas

reportar-se ao passado, mas é também reatualizá-lo e reconfigurá-lo no presente, sendo um fator importante para a ideia de continuidade e de história de vida.

Para Halbwachs (*apud* Bosi, 1983, p.17), “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideais de hoje, as experiências do passado”. É através dos tempos que os conceitos acerca de nós próprios e dos fatos pelos quais passamos vão sendo reformulados, considerando-se que a vida é um processo onde cada um de nós é chamado a construir o próprio presente. Por isso, cada vez que nos remetemos a algo que se passou, estamos, na verdade, lançando um olhar atual sobre um fato de nossa história.

Como Ecléa Bosi (1983) demonstra, o quadro teórico proposto por Halbwachs (1959) é uma contraposição à visão de Bergson acerca da memória, onde essa é concebida como pertencente à esfera individual, em uma abordagem mais psicologizante.

“Em Bergson, o método introspectivo conduz a uma reflexão sobre a memória em si mesma, como subjetividade livre e conservação espiritual do passado, sem que lhe parecesse pertinente fazer intervir quadros condicionantes de teor social ou cultural. A memória é para o filósofo da intuição, uma força espiritual prévia a que se opõe a substância material, seu limite e obstáculo. (BOSI, 1983, p. 16)

Para Halbwachs (2006), uma questão fundamental acerca da memória coletiva, enquanto fato social, seria a sua ancoragem para cada indivíduo. Em que suportes se apoiam os homens no presente para recuperarem o caminho de volta para o passado? Que elos estão entre passado e presente para que deles possamos ativar o que chamamos de memória? Para se ter uma memória coletiva é preciso interligar as diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificado como proprietário daquela memória.

Ao encontro de tais reflexões vão as considerações de Michael Pollak, em seu ensaio *Memória, Esquecimento, Silêncio* (1989), o qual dialoga com a obra de Maurice Halbwachs. O estudioso compreende a relação do homem com o passado em meio a conflitos entre a dimensão individual e a coletiva da memória, partilhando com Halbwachs, portanto, a observação de que a memória individual se produz na interação com o coletivo. Nesse sentido, Pollak afirma que a memória é uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” (1989, p. 9). Em outro ensaio, intitulado *Memória e identidade social* (1992), Pollak aponta três elementos constitutivos da memória, quais sejam: os acontecimentos vividos pessoalmente e os “vividos por tabela”; pessoas e personagens e, por fim, lugares. Para o autor a memória, então, se estrutura em torno desses três aspectos, com os quais o sujeito pode ter entrado em contato diretamente ou indiretamente (POLLAK, 1992, p. 3).

Partilhando de outras concepções já apontadas aqui, Pollak (1992, p. 205) destaca a característica de disputa que cerca a concepção da memória e da identidade, “disputadas em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente com conflitos que opõem grupos políticos diversos”. Lembrar e esquecer são utilizados como estratégias políticas pelos grupos em disputa, como também aponta Ecléa Bosi (1983).

Portanto, a memória construída no presente, a partir de demandas dadas por este e não necessariamente pelo passado em si, pode ser pensada como fator fundamental para a construção de pertencimentos sociais. De certa forma, a busca do controle sobre a memória institui uma identidade para sujeito nela envolvido, no sentido de gerar um lugar dentro de uma rede específica de circularidade e fluxo. Então, a princípio, participar como agente neste processo de construção de memórias é um processo comunicacional por excelência, pois coloca o emissor das mensagens dentro de uma rede de fluxos de informação que lhe confere identidade como participante desta rede. Existe, portanto, uma intensa relação entre a memória como processo coletivo de construção do passado a partir de demandas do presente e a conferência de identidades sociais para aqueles que estão envolvidos em tal processo. É nesse sentido que reconhecemos ser tão pertinente trabalhar com as memórias de velhos sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Halbwachs ainda se refere a dois aspectos muito importantes que sustentam a memória: o tempo e o espaço e sobre os quais nos determos mais atentamente no tópico a seguir:

2.1.1 O tempo e espaço da memória

Halbwachs (2006) entende o tempo e o espaço como “localizadores” das lembranças: “Quando nos lembramos [...] há um contexto de dados temporais a que esta lembrança está ligada de alguma forma” (2006, p. 124). É isso que possibilita que a lembrança tome forma, se complete e ressurgja no presente.

A memória é recriada e revivida constantemente com base no presente e com referência aos valores do grupo social e, é por isso que o tempo é importante neste trabalho de reconstrução, visto que possibilita lembrar os acontecimentos do passado dentro de um quadro temporal e espacial definido socialmente, entendendo o “ontem” no “hoje”.

Compreendido como um fato social, como já dito anteriormente, o tempo coletivo ou social para Halbwachs (2006, p. 96), é diferente o tempo cronológico. Para ele, “as datas e

as divisões astronômicas do tempo estão encoberta pelas divisões sociais de tal substancialmente do tempo físico, matemático, que é marcado pela abstração e por uma duração vazia.

“Os dias, as horas, os minutos, os segundos, não se confundem a propósito, todavia, com as divisões de um tempo homogêneo: têm, com efeito, uma significação coletiva definida. São outros tantos pontos de referência dentro de uma duração onde todas as partes diferem, dentro do pensamento comum, e não podem ser substituídas umas pelas outras. O que o comprova, é que quando ficamos sabendo que um trem deve partir às quinze horas, somos obrigados a traduzir, e nos lembrarmos que ele parte, na realidade, às três horas depois do meio-dia. Da mesma maneira, o dia 30 ou 31 do mês se distingue para nós do primeiro dia do mês seguinte senão mais, pelo menos de outra maneira, que o primeiro do dia 2, ou do 15 e do 16. Mesmo que nossa atenção se fixa apenas em números, sabemos que são divisões arbitrárias, e que não podemos modificá-las à vontade, como em mecânica deslocamos a origem, como passamos para um outro sistema de eixos. É diferente passar a hora de verão para a hora de inverno, e concordar que diremos, de hoje em diante, uma hora em vez de meio-dia: o grupo não aceita perder a hora ou o seu tempo, e se este sofrer um deslocamento, a vida social não quer sair de seu quadro e o acompanha em seu deslocamento. Tanto é verdade que o tempo social não é indiferente às divisões que nele introduzimos. Assim é que o tempo social não se confunde e nem a duração individual com o tempo matemático (HALBWACHS, 2006, p. 108).

Para Halbwachs, não existe apenas o tempo social. Apesar da padronização, sua significação varia de acordo com a organização que é social, mas também é espacial. Por isso o autor fala em diferentes tempos – religioso, agrícola, comercial ou industrial, militar, entre outros – que atendem as demandas e expectativas de diferentes grupos: “não há nenhum deles que se imponha a todos os grupos”.

Assim, por envolver vários tempos, o tempo coletivo se diferencia também do tempo histórico que defende uma unidade temporal. O fato de o indivíduo pertencer a grupos distintos faz com que ele, conseqüentemente, vivencie diferentes tempos coletivos. E é nesses tempos diversos que ele procura reconstituir suas lembranças.

O espaço, tal como o tempo, é fundamental para o desenvolvimento da memória. O recuo ao passado sempre ocorre dentro de um quadro tempo-espacial determinado. É para o espaço que o indivíduo se volta para lembrar os eventos significativos; para compor as imagens do passado através do presente.

Revelador de identidades coletivas, o espaço traduz um quadro vivo, imprescindível para entender o indivíduo, suas relações familiares e afetivas e os seus diferentes tempos.

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras. Como a imagem do quadro evocaria aquilo que nele traçamos, já que o quadro é indiferente aos signos, e como, sobre um mesmo

quadro, poderemos reproduzir todas as figuras que se quiser? Não. Todavia, o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia nela de mais estável (HALBWACHS, 2006, p. 139).

O apego aos objetos, reavivado pela sua constante presença, suas disposições e formas de uso é, desta maneira, indicador de identidades. Mudanças drásticas no grupo – como a morte de um dos membros ou uma mobilidade social – interferem em sua relação com o espaço promovendo uma tripla modificação: no próprio grupo, no espaço e, por extensão, na memória coletiva.

A existência de tempos coletivos diferentes pressupõe igualmente a existência de espaços diferenciados: econômico, familiar, lúdico, religioso, entre outros. Cada um deles como uma possibilidade de entender as construções identitárias e as representações coletivas. O espaço religioso, por exemplo, marcado pelo pensamento sagrado, não só renova a fé, como propicia a manutenção da memória de determinado grupo. Quando entra numa igreja, num cemitério, num lugar sagrado, o cristão sabe que vai encontrar lá um estado de espírito do qual já teve experiência, e com outros fiéis, vai reconstruir, ao mesmo tempo, além de uma comunidade visível, um pensamento e lembranças comuns, aquelas mesmas que foram formadas e mantidas em épocas anteriores, nesse mesmo lugar (HALBWACHS, 2006, p. 161).

O espaço é intrínseco à memória. Todos os pensamentos e todas as lembranças fazem a ele referência, ou melhor, são localizados espacialmente; sua importância é indubitável nas reflexões sobre a memória, bem como sobre as representações e as identidades coletivas.

A esse respeito da questão do espaço e da memória, vale citar Pierre Nora com suas considerações sobre o que chama de lugares de memória, publicadas no artigo Entre memória e história – A problemática dos lugares (1993). O autor trata da necessidade moderna de eleger lugares onde depositar memórias, impor a certos espaços ou objetos a tarefa de capturar a memória e deixá-la ali encerrada para a qualquer momento ser despertada pelo homem.

Nora destaca que a memória moderna “é uma memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita, como a serpente sua pele morta” (1993, p. 15). São esses lugares que detêm a memória e que mediam a relação do homem com seu passado, como se a memória não fosse recurso suficiente para promover uma conexão direta entre presente e passado. É necessário algum meio material onde alojar a memória, as lembranças, por isso “os lugares de memória são, antes de tudo, restos” (1993, p. 12).

Em razão disso, Nora entende que os lugares de memória desvirtuam a memória e a tornam história, pois “desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” (1993, p. 9). Essa apreensão e materialização da memória, contudo, é um movimento artificial que distancia o homem de suas reais lembranças e de seu passado, impede o processo evolutivo da memória e o exercício de sua função essencial de gerenciadora do passado, pois

[...] a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1993, p. 22)

Não se pode capturar a memória, pois o esquecimento, os silenciamentos, as distorções e deformações do passado são parte de sua natureza e o homem precisa da movência memorial para seguir em frente. Por isso a memória é “aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas realizações” (NORA, 1993, p. 9).

São exatamente essas frestas deixadas pela memória que a caracterizam: “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivo no eterno presente [...] Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993, p. 9)

2.2 Patrimônio e Educação Patrimonial

Antes de falarmos propriamente da educação patrimonial, campo em que se assenta essa nossa proposta de trabalho, vamos pensar sobre o que seria o patrimônio cultural

brasileiro. Segundo Lacerda (2015), é conhecida a forma pela qual se consolidou no início do século XX, mais precisamente nos anos de 1930, o patrimônio brasileiro. Esta consolidação se deu a partir da chamada história oficial da nação, dos grandes fatos, dos grandes feitos e dos heróis nacionais e ainda pela monumentalização de bens arquitetônicos, dentre eles edifícios, museus, etc., chamados pelos pesquisadores de patrimonialização de “pedra e cal”.

“Podemos afirmar que no Brasil, a preservação do Patrimônio Histórico nasceu por meio da ação do Estado, ou seja, foi quase sempre o poder público quem determinou o que deveria ou não ser preservado, ou seja, definiu o que deveria ser lembrado ou esquecido. Assim, sobretudo, a partir de 1930, instituiu-se o barroco como ícone da identidade nacional. Excluíram-se outros estilos estéticos plurais expressivos em vários lugares do país como o neoclássico, o *art-nouveau*, o neocolonial e o ecletismo” (LACERDA, 2015, p. 12-13)

Para esse autor, somente em um segundo momento, já no início do século XXI, podemos falar em uma outra ênfase adotada pelas políticas de preservação e regulamentação do patrimônio cultural no Brasil. Neste período, passa-se a apontar para as questões ligadas à identidade e à referencialidade, o que se chamou de “cultura imaterial”, introduzindo a ideia de patrimonialização da cultural imaterial.

É neste segundo momento que vamos perceber uma valorização e apreço pelas manifestações culturais. Essa renovação vai permitir que se faça presente a diversidade por meio de sonoridades, gestualidades, modos de fazer, segredos, mistérios e práticas culturais dinâmicas que revelam uma vida pulsante, enfim, a vida em curso em todo o país.

Ainda neste período de dilatação dos paradigmas ligados à preservação observa-se a valorização da memória, não uma memória estática testemunhal, mas uma memória viva, de modo a revelar a permanência e transformações no tempo, as práticas culturais em movimento, como formadoras da identidade de um grupo de cidadãos, de um determinado grupo social.

O autor ainda demonstra por meio de um quadro as repercussões da atualização do conceito de patrimônio cultural no campo da educação. **Conf. Quadro 1**

Pressupostos e princípios	Século XX	Século XXI
1 Terminologia	Patrimônio Histórico e Artístico	Patrimônio Cultural
2 Objeto e instrumento de preservação	Bens Materiais (Imóveis) - Tombamento	Bens materiais e imateriais (registro)
3 Objetivo	Construção da Identidade Nacional	Reconhecimento da diversidade cultural
4 Vetor de preservação	Excepcionalidade, autenticidade e Monumentalidade	Referencialidade e pertencimento
5 Esfera de atuação	Poder público (nível federal)	Poder Público (nível municipal, sociedade civil e setor privado)

Quadro.1 Fonte: ORIÁ, Ricardo; PEREIRA, Júnia Sales (2012) *apud* LACERDA, Aroldo (2015)

Mas o que essa mudança, a atualização do conceito de patrimônio cultural, como proposta no quando de (ORIÁ; PEREIRA, 2012) representa? Avalio que esse alargamento teórico permitiu que os valores e as práticas sociais atribuídos a um bem cultural passaram a ser considerados para torna-los uma representação coletiva reconhecida por um grupo de pessoas ou mais. Essa ampliação do conceito de patrimônio garantiu o reconhecimento de significados e promoveu a salvaguarda de uma grande variedade de manifestações que não encontravam respaldo nos instrumentos de gestão, até então vigentes, como o tombamento. Começou-se a discutir a introduzir questões na discussão sobre patrimônio até então relegadas a um segundo plano ou então até mesmo desprezadas como a valorização do saber e do fazer populares.

Essa nova postura frente ao patrimônio de maneira a conferir às manifestações culturais um caráter dinâmico, processual e transformador não foi implantada no Brasil sem enfrentar resistências.

“É muito ilustrativo desse processo o depoimento do antropólogo Gilberto Velho, à época membro do Conselho Consultivo do Iphan, sobre a polêmica que se estabeleceu por ocasião do tombamento pioneiro do Terreiro de Candomblé Casa Branca, em 1984, em Salvador, Bahia. Este acontecimento se constituiu em um marco na história da preservação do patrimônio cultural no Brasil. Primeiro, por aplicar o instrumento do tombamento a um bem não ligado à tradição luso-brasileira, cuja expressão material não se enquadrava nos critérios de excepcionalidade então vigentes; segundo, por reconhecer a importância do candomblé como manifestação cultural e religiosa de parcelas significativas da população, especialmente na cidade de Salvador. (TORELLY, 2012, p. 12)

A partir de 1988, durante a elaboração da Constituição Federal dois importantes artigos, os de números 215 e 216, que tratam da cultura no âmbito constitucional, promoveram importante atualização conceitual, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento da dimensão imaterial do patrimônio cultural. O texto dos artigos ajudou a explicitar a proteção às manifestações populares, indígenas e afro-brasileiras, incorporando o conceito de representatividade e ainda a estabelecer, no texto legal, instrumentos de proteção e salvaguarda já em uso, como o inventário, o tombamento e a desapropriação, e de criar novos, como o registro. (TORELLY, 2012)

É importante ressaltar que antes da Constituição de 1988, alguns esforços que merecem destaque já vinham sendo feitos no sentido de valorizar os processos educacionais ligados ao patrimônio. Segundo Pereira e Oriá (2012), nos anos de 1980, a museóloga Maria de Lourdes Horta desenvolveu e disseminou um conceito de Educação Patrimonial que foi muito utilizado por pesquisadores brasileiros:

“Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e os adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA, 1999, p. 06)

A proposta desta metodologia sugere o envolvimento de vários saberes e não se limita apenas ao patrimônio, pois ao discutir a importância da preservação, automaticamente trabalha-se a cidadania, o respeito, o espírito de coletividade, ensina-se a interagir e posicionar-se em defesa da memória. (HORTA, 1999)

Além destes fatores, a interdisciplinaridade contribui na construção destes saberes. Nesta mesma direção, Horta; Grunberg; Monteiro (1999, p. 6), afirmam que:

[...] a Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, lavando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural.

Entretanto, para Pereira e Oriá (2012), apesar do pioneirismo da proposta de Horta, o modelo é instrumental e não leva em conta dimensões importantes para o processo educativo. Para os autores, a perspectiva de Horta (1999) deixa de lado uma das dimensões mais importantes do processo educativo: os sujeitos da aprendizagem, que também são sujeitos históricos.

Devemos ressaltar, também, o fato de que o que se formula como Educação Patrimonial, então, situa-se num contexto histórico de lutas pela manutenção, conservação e registro de bens de natureza material, uma luta, digamos, contra a destruição dos registros históricos nacionais. No seio daquela discussão, portanto, o conceito de Educação Patrimonial nasce tributário das lutas sociais e institucionais pela preservação dos registros patrimoniais (inclusive e sobretudo aqueles vinculados à identidade nacional e, em especial, os bens culturais consagrados)

A partir desse novo enquadramento pelo qual passa o patrimônio cultural no Brasil e, segundo Lacerda (2015), novos princípios passam a orientar as relações entre educação e patrimônio. Muito economicamente, podemos citar aqui três deles, de acordo com o autor: a informação, o engajamento e a experiência.

Com relação à informação, pode-se dizer que ela é fundamental para o estudo do patrimônio. Na perspectiva de Lacerda (2015), se não se conhece o patrimônio, não se pode usufruir dele. Com relação ao engajamento, podemos dizer que o princípio implica no envolvimento dos alunos na defesa, conservação e permanência do patrimônio. É o engajamento que permite que o aluno possa entender que a preservação do patrimônio não é exclusivamente uma atribuição do Estado. Diversas ações podem contribuir nesse sentido, como organizações de associações, reuniões, conferências públicas.

Já na dimensão da experiência, Lacerda (2015) avalia que ela vai permitir que o aluno se envolva com o patrimônio, o que pode ser dar de maneira simples, como a partir do diálogo por exemplo, até de maneiras mais complexas, com a intervenção no próprio patrimônio. Dessa maneira, o processo se realiza por meio da indagação, da reflexão, da partilha do conhecimento produzido. O reconhecimento de um bem cultural em processo educativo se funda, portanto no estabelecimento de relações afetivas, sensíveis e de preservação que estudantes e professores podem criar.

A ampliação do conceito de Patrimônio Cultural como proposto por Lacerda (2015) altera as práticas educativas fundamentalmente porque admite um universo ampliado de bens como participantes dos gestos de referenciação patrimonial, como foco nas relações intersubjetivas mediadas pelas noções afetas ao patrimônio.

“Não se trata apenas ou simplesmente de uma ampliação de bens de patrimônio, mas de uma mudança de concepção. A noção de patrimônio imaterial requer a consciência do que mais do que preservar um objeto como testemunha de um processo histórico, é necessário valorizar os saberes que o produz, permitindo a vivência de tradições, saberes, saber-fazer, conhecimentos, celebrações, práticas, sonoridades, etc., no tempo presente. As concepções que orientam os registros de patrimônio imaterial requerem reorientação dos processos educativos para a percepção do patrimônio como vivente na vida em curso” (PEREIRA E ORIÁ, 2012, p.168)

Deste modo, também podemos inferir que a educação patrimonial, por estar em diálogo com uma pluralidade cultural, pode ser definida, de um lado, como um tema transversal, uma vez que possui o objetivo de ensino, aprendizagem e transformação social, fazendo com que os sujeitos enxerguem, através de várias abordagens, a importância do patrimônio e suas

práticas de valorização. E, de outro, como um campo de disputa simbólico no qual estarão mais aptas a lidar com a educação patrimonial as comunidades que tiverem instrumentos que ajudem na interpelação das subjetividades, das percepções, sensações e da capacidade imaginativa dos sujeitos na produção da cultura.

Nessa direção, alguns autores, entre eles e elas Pereira e Oriá, 2012 propõem algumas transformações ou deslocamentos necessários para se pensar e problematizar os processos educativos que englobem o patrimônio cultural. São elas: “registro de bens patrimoniais identitários, o reconhecimento de patrimônios não consagrados e consideração do caráter intersubjetivo, sensível, multidirecional e relacional ao patrimônio” (PEREIRA E ORIA, 2012, p. 169-170).

2.2 Conhecendo um pouco das festas religiosas

A presença do catolicismo marcou de maneira determinante e variada a formação do povo brasileiro e, nesse contexto, a oralidade é muito significativa para a expressão da força da devoção, das representações simbólicas e das festas. Enfim, no cenário do catolicismo do nosso país, vozes e imagens se misturam. Entretanto, essas vozes não representam apenas o catolicismo. Como a diversidade cultural do Brasil tem origem na miscigenação de indígenas, negros e europeus, pode-se dizer que a mistura de tradições cria a matriz religiosa dos brasileiros (PASSOS, 2016).

A dinâmica das festas religiosas, com sua capacidade de incorporar e ressignificar elementos que fazem parte da sociedade em que ela se encontra, altera a vida diária dos sujeitos e deixa evidente sua polifonia e polissemia. Além de trazerem significações próprias, as festas compõem cenários em que devem ser interpretadas não apenas como eventos, mas com uma importante produção de sentidos que se constroem fundamentalmente pela oralidade. “Sem a oralidade e a memória, muitos elementos da cultura popular e das tradições religiosas teriam desaparecido” (Passos, 2016, p.03).

O surgimento das festas religiosas no Brasil está ligado às lembranças de celebrações de exaltação de reis e chefes de tribos africanas. Naquele continente, a reza realizada com o rosário e a devoção à Nossa Senhora foram introduzidas pelos dominicanos no final do século XV, como uma poderosa estratégia de catequização. Nesse momento, já se

pode falar em um sincretismo⁷, que chega ao Brasil durante o período da colonização. Aqui, o catolicismo já imperava e se mesclou aos ritos dos povos africanos escravizados recém-chegados. Assim, esta manifestação cultural tem origem luso-afro-brasileira. A presença de grandes quantidades de povos escravizados na região de Diamantina, onde se localiza o distrito de Milho Verde, ajuda a justificar a importância da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário na região. É preciso lembrar que Minas Gerais é uma das regiões brasileiras que mais recebeu africanos escravizados, muitos dos quais foram trabalhar na mineração de ouro e pedras preciosas e, o estado é também onde as festas religiosas mais se propagaram (MELLO E SOUZA, 2005).

Ainda segundo a autora, A maioria dos escravizados que chegavam à Minas Gerais, sobretudo na região de Diamantina, faziam parte dos Reino do Congo e de Angola, já os vindos da região da África Centro-Occidental, eram os Bantos. Foi por volta de 1711 que apareceram na antiga capital mineira, Vila Rica, as Festas em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, então denominadas como Reinado ou Reisado. Além dessas denominações, a celebração também ficou conhecida como Congado ou Congada.

O congado é uma das festas populares mais importantes do Brasil. Ela nos interessa de maneira muito particular, pois é nessa forma de celebração que o louvor à Nossa Senhora do Rosário se desenvolve em Milho Verde. Como já abordado, o congado chegou ao país no período colonial e misturou danças, cores e músicas de diferentes matizes. Nas palavras de Sanchis *apud* Passos (2016, p.04), “E fizeram uma bricolagem no tecido dos valores e significados, o que nos acenam para o fato de que nenhuma religião existe em estado puro”.

A festa se atualiza continuamente, havendo constante negociação entre tradição e inovação. Ao longo dos anos, assim como toda tradição popular, o Congado se modificou incorporando novos elementos religiosos e culturais, o que não é diferente nas festividades em Milho Verde. Assim conforme Sanchis *apud* Passos (2016, p. 08)

“A cultura fragmenta-se em diversificação e descoberta do implícito diálogo intracultural e passa a integrar sistematicamente qualquer processo de análise [...] A cultura, mais do que acervo de traços, sistema cognoscitivo, visão do mundo, *ethos*, é um processo intercomunicacional: criação e desaparecimento, estruturação e desestruturação, compartilhamento ativo ou abandono da visão de mundo etc. Também, e como cultura, uma identidade social não “é”, mas faz-se e desfaz-se constantemente”.

⁷ Para Pierre Sanchis, o catolicismo no Brasil se consolidou a “por dois universos simbólicos, duas visões do mundo que entram em composição, ativando em conjunto, no aparelho epistemológico-ético dos atores sociais, um leque de representações, atitudes e expectativas que, em estrita lógica, fariam parte somente de um desses dois universos, sem, no entanto, que os dois se confundam simplesmente no plano da consciência”.

É importante lembrar nesse ponto da pesquisa que a festa de Nossa Senhora do Rosário é ancorada a partir de uma lenda presente nas narrativas de sujeitos que fazem parte das festas em geral, em diversas regiões do país. A lenda foi muito importante e ajudou a confortar e valorizar a cultura de negros escravizados em uma época em que a violência era a tônica da relação entre eles e os seus senhores. Como todo mito, evidentemente, ele sofre alterações de acordo com a localidade, os sujeitos e onde é contado, uma vez que a oralidade modifica a história do mito.

A lenda conta que nas regiões do litoral brasileiro, a imagem de Nossa Senhora do Rosário apareceu no mar. Em Minas Gerais, existem regiões em que ela aparece em grutas ou nos rios. Ao ser narrada, a história ganha novos personagens, novos acontecimentos, novas formas de ser representada, mas a sua essência continua a mesma: foram os negros e não os brancos e nem os índios que conseguiram tirar a imagem da santa no lugar. No próprio distrito de Milho Verde, há variações sobre essas narrativas. Na localidade, uma das versões sobre a imagem de Nossa Senhora do Rosário é aquela que relata que ela foi encontrada nas águas. Os brancos foram até o local e tentaram retirar de variadas maneiras a imagem da Santa, mas todas as tentativas foram em vão. O mesmo aconteceu com os indígenas. Somente os escravizados negros foram capazes de retirar a santa da água.

A celebração da Festa, em seu início, acontecia no dia do Santo Padroeiro da Irmandade, com a coroação dos reis na Igreja, pelo padre. No período do Brasil colonial, as Irmandades religiosas tiveram importante papel social, uma vez que se tratam de associações de leigos que se ajudam mutuamente, dedicadas ao culto de um santo de devoção. (MELLO E SOUZA, 2005)

As Irmandades ou confrarias são organizações sociais que representavam seus associados, e no caso específico da análise aqui proposta, os escravizados negros, por meio das quais era permitido que celebrassem seu louvor aos santos de sua devoção. As pessoas escravizadas alforriadas e livres faziam parte da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos ou de outros santos negros, principalmente, São Benedito e Santa Efigênia. O objetivo das Irmandades era estimular à solidariedade, a possibilidade de desenvolvimento do culto aos mortos e o ensejo das festas coletivas, sem a fiscalização do senhor. Portanto, elas tinham importante papel social durante o período escravocrata no combate à intolerância religiosa e ao preconceito social e racial motivado pela cor da pele. (BRASILEIRO, 2012).

No Brasil, existiram reis negros entre algumas comunidades afrodescendentes, fossem elas quilombolas ou grupos de trabalho, mas principalmente nas que se agrupavam em torno de irmandades leigas de devoção a determinados santos, com destaque para Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A principal atividade dessas irmandades, além daquelas relacionadas ao enterro dos irmãos, era a realização da festa anual em homenagem ao seu orago, ou seja, santo de devoção, e nela o rei desfilava em cortejo pela cidade, seguido de sua corte, de seus músicos, de seus dançadores, que podiam apresentar encenações, algumas vezes descritas por observadores atentos a essas manifestações da cultura afro-brasileira, o que permitiu que informações sobre elas chegassem até nós. (MELLO E SOUZA, 2005, p.82).

Com o apoio das Irmandades, as Festas aconteciam da seguinte maneira: os reis coroados percorriam a cidade vestidos com roupas e acessórios luxuosos, acompanhados de instrumentistas e dançantes. As roupas usadas pela corte festiva possuíam semelhança com as que eram usadas pelos chefes africanos ao receberem emissários europeus, com guizos, colares e pulseiras; e eram obtidas em negociações com comerciantes atlânticos que queriam benefícios na compra de pessoas escravizadas. Para os senhores, donos dos escravizados, o uso dessas vestimentas remetia à subordinação, já para os escravizados era uma forma de relembrar suas origens (MELLO E SOUZA, 2005).

Durante o cortejo do rei e de sua corte eram entoadas músicas com ritmo africano que remetiam aos eventos históricos ao quais vivenciaram, como a travessia do oceano e situações relacionadas ao cativo. A encenação das danças e dos cantos representava a batalha entre o exército do reino pagão e do rei cristão, a batalha era sempre vencida pelo exército cristão, com a conversão dos pagãos. Estava representada a aceitação dos negros de uma nova identidade, uma identidade possível, correspondente ao mundo ao qual foram trazidos (MELLO E SOUZA, 2005).

Mello e Souza (2005, p. 92), acredita que “[...] os centros africanos escravizados recriaram suas culturas nas novas condições da sociedade escravista brasileira a partir de suas culturas de origem”. Na perspectiva dessa autora, foi dessa maneira que começaram no Brasil as festas em louvor a santos católicos com influências da cultura africana e do catolicismo português, ou seja, um conjunto cultural repleto de sincretismo religioso.

Com o passar dos anos e à medida que essa manifestação cultural foi se espalhando pelo país, a maneira como é celebrada sofreu modificações e, cada festa possui características próprias. Muitas vezes, se diferenciando bastante umas das outras, elas possuem em comum a presença das Irmandades, o louvor aos santos e a apresentação dos grupos que louvam seus santos de devoção pelas ruas das cidades onde são realizadas.

O papel social destas festas estava, para o Estado e a Igreja, relacionado à tentativa de controle, dominação e manutenção de uma ordem social sobre os negros escravizados e, por outro lado, representava uma forma de resistência cultural para os escravizados, isso através do resgate das manifestações deixadas no país de onde vieram, uma maneira de manterem vivas as ligações simbólicas, rituais e religiosas com a África (MELLO E SOUZA, 2005).

Neste ponto, é importante ressaltarmos que um incontável número de pesquisas sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário foi desenvolvido em todo o Brasil, tendo em vista que a festa ocorre em várias cidades do país. Estas pesquisas abarcam campos teóricos distintos e variados, entre eles o da Geografia, que tem como perspectiva compreender a dinâmica socioespacial do evento e o da História Oral que revela as tensões entre os costumes e a tradição frente ao avanço da intervenção turística e patrimonial.⁸

⁸ Conferir os trabalhos desenvolvidos Aline Pandeló Brügger, no Departamento de Geografia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e o de Andréa Casa Nova Maia na Federal Fluminense.

CAPÍTULO 3 – A PESQUISA: BASES TEÓRICO METODOLÓGICAS E A CRIAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

Este capítulo procura descrever as escolhas feitas e os passos da pesquisa que resultou nesta dissertação. Esta se propõe, como já dito anteriormente, identificar as ausências e permanências da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos presentes na memória de velhos, com mais de 55 anos e residentes em Milho Verde, de modo a verificar as transformações que ocorreram em seu universo de expressões simbólica e social.

3.1 História Oral: algumas considerações

Como metodologia de pesquisa de produção do documentário, lançamos mão do conteúdo da história oral e, nesse sentido, realizamos uma observação direta em campo juntamente aos velhos protagonistas que realizam anualmente a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde.

Ao longo dessa pesquisa, ouvimos cinco velhas e um velho, que sempre participaram da festa e que no trabalho da memória se lembraram, reconstruíram e reinterpretaram os sentidos dessa festa, cujos relatos individuais foram todos gravados, constituindo uma parte do acervo desta pesquisa.

Esse percurso metodológico apoia-se no que nos diz Minayo (1994),

“Entendemos como metodologia o caminho do pensamento e prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas. Dizia Lênin (1965) que “o método é a alma da teoria” (p. 148), distinguindo a forma exterior com que muitas vezes é abordado tal tema (como técnicas e instrumentos) do sentido generoso de pensar a metodologia como a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência. A metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador.” (MINAYIO, 1994, p.16)

A partir dessa perspectiva, o sociólogo Cruz Neto (1994), com quem também concordamos, salienta que além de um recorte espacial, o “lugar” expressa, por excelência, as variáveis que levam os indivíduos ou grupos de indivíduos a se relacionarem com uma dada dinâmica social que tem uma de história a ser investigada. E que, portanto, ao se recortar

teoricamente um objeto de estudo, o campo toma-se um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e as pessoas estudadas ou grupos estudados. Em que alguns métodos e técnicas podem ser utilizados para a captação de dados no campo da pesquisa, sendo um deles a entrevista narrativa, que foi essencial para desenvolver o problema que propus tratar neste mestrado profissional.

No que concerne à história oral, gostaria de fazer uma breve reflexão. Embora a introdução dessa vertente no Brasil date de 1970, somente nos anos de 1990, a história oral experimentou no país uma expansão mais significativa. Alguns autores advogam que a história oral é uma técnica, alguns, uma disciplina e outros uma metodologia, conforme defendem na introdução da obra “Usos e abuso da história oral” as autoras Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira.

Aos defensores da história oral como técnica interessam as experiências com gravações, transcrições e conservação de entrevistas, e o aparato que as cerca: tipos de aparelhagem de sons, formas de transcrição de fitas, modelos de organização de acervos (Ferreira e Amado,2002)

Os que postulam a história oral como disciplina baseiam-se em argumentos complexos e muitas vezes contraditórios entre si. Todos, entretanto, parecem partir de uma ideia fundamental: a história oral inaugurou técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos. Esse conjunto, por sua vez norteia as duas outras instâncias, conferindo-lhes significado e emprestando unidade ao novo campo do conhecimento: “pensar a história oral dissociada da teoria é ao mesmo tempo conceber qualquer tipo de história como o conjunto de técnicas, incapaz de refletir sobre si mesma [...] não só a história oral é teórica, como constitui um corpus teórico distinto, diretamente relacionado às suas práticas.”⁹

E quais conceitos e ideias, características e princípios constituem a história oral, permitindo conferir-lhe status de disciplina? Segundo Ferreira e Amado (2002), o testemunho oral representa, nesse caso, o núcleo da investigação, nunca sua parte acessória, o que obriga o historiador a levar em conta perspectiva nem sempre presentes em outros trabalhos históricos; o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos e processo que muitas vezes não têm como ser esclarecidos de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis,

⁹ MIKKA, Ian. What on Earth is oral history? In: Elliot, James K. (ed) New trails in history. Sydney, Australian Press, 1988.p. 124-36 *apud* FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.) Usos e abusos da História oral. 5ª ed.: Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2002

prisioneiros. São histórias de movimentos sociais populares, nesse sentido, a história oral estaria ligada à vertente da história dos excluídos.

No caso da história oral pensada como disciplina, segundo as autoras, existe a geração de documentos(entrevistas) que têm características singulares, o que leva os historiados a se afastar da rígida separação entre sujeito/objeto e buscar caminhos alternativos de interpretação.

Nesse sentido, podemos dizer que a pesquisa com fontes orais se apoia em pontos de vista individuais, expressos em entrevistas que são legitimadas como fontes;

“A narrativa, a forma de construção e organização do discurso (aí compreendidos tanto o estilo, na acepção de Peter Gay, quanto aquilo que Paul Veyne chamou de “trama” e Hayden White de “urdidura do enredo” são valorizadas pelos historiadores, pois, como lembrou Alessandro Portelli, fontes orais são fontes narrativas; isso tudo chama atenção ao caráter ficcional das a narrativas históricas, seja a dos entrevistados seja a do narrador” (FERREIRA;AMADO, 2002, p. 15)

Os defensores da história oral como metodologia, entre os quais nos inscrevemos, diferem dos que pensam a história oral como uma simples técnica e se difere dos que entendem a história oral como disciplina no seguinte quesito:

“estes reconhecem na história oral uma área de estudo como objeto próprio e capacidade (como o fazem todas as disciplinas) de gerar no seu interior soluções teóricas para questões surgidas na prática- no caso específico, questões como as imbricações entre história e memória, entre sujeito e objeto de estudo, entre história de vida, biografia e autobiografia, entre diversas apropriações sociais do discurso. Mas em nosso entender a história oral (como todas as metodologias) apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho- tais como os diversos tipos de entrevista e suas implicações.” (FERREIRA; AMADO, 2002, p.25)

No entendimento de Meihy (2005), a história oral é o registro de experiências de pessoas vivas, expressão legítima do tempo presente, a história oral deve responder a um sentido de utilidade prática, pública e imediata. Isso não quer dizer que ela se esgote no momento de sua apreensão e da eventual análise das entrevistas, ou mesmo na ocasião da elaboração de um texto. E, ainda, para esse autor, a presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. “Ela garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a sequência e se sentir parte do contexto em que vivem” (Meihy, 2005, p.19).

A história oral enquanto metodologia de pesquisa procura analisar a trajetória individual, mas sempre em relação à outras trajetórias, objeto que pode requerer toda uma trajetória (história de vida) ou se centrar sobre um aspecto (história temática). Ressalta-se que

a história de vida pode ser entendida como uma metodologia específica ou como um tipo da história oral; há uma “interpenetração entre ambas” (SILVA, 1998).

Nesta dissertação estamos considerando esta “interpenetração” uma vez que temos a percepção de que há uma interdependência entre o social e o individual, entre a história social e as biografias individuais além de levamos em conta que a memória e a identidade seriam as matérias primas essenciais para a história oral.

As narrativas, por sua vez, sempre se apoiam em relatos que evocam o passado, determinando a configuração da memória e suas relações com a identidade. Nesse trabalho velhas e velhos protagonistas das Festa do Rosário de Milho Verde são os narradores e as narradoras privilegiados para dizer algo sobre as transformações que ocorreram ao longo do tempo nas relações entre as pessoas e o mundo que as circundam, no que diz respeito à Festa de Nossa Senhora do Rosário

Para Teixeira e Pádua (2006), apesar de toda tendência ao apagamento da arte de narrar como proposto por Benjamin (1996) na obra *O Narrador*, os historiadores orais vão em busca das narrativas dos sujeitos e de suas experiências. Esta metodologia qualitativa, para as autoras, deve levar em consideração não apenas os fatos e dados, mas os sentidos, os sentimentos, os significados e interpretações que tais sujeitos lhes conferem

“Seja para que suas vidas, identidades e histórias possam ser conhecidas, interrogadas, registradas e (e) laboradas, seja para discutir temáticas e questões da vida humana, das sociedades e das culturas, a partir da compreensão de seus próprios protagonistas, seja para que possam ser reveladas, celebradas e, posteriormente, guardadas, ou melhor, veladas, nos acervos históricos, como fonte documental. E ainda, a partir do acesso público a tais acervos, para que possam ser restituídas às comunidades e, desta maneira, conhecidas por quem o desejar. Neste caso, dos acervos de História Oral, constituindo uma documentação em várias vozes: que expresse a polifonia e a polissemia da história presente e pretérita, individual e coletiva” (TEIXEIRA E PÁDUA, 2006, p. 10)

3.1.1 A entrevista narrativa

A entrevista narrativa começa com uma questão de origem que se refere ao problema em estudo, cujo objetivo é fomentar, incentivar a narrativa principal do entrevistado. É esta questão de origem, ou “gerativa” nas palavras das autoras, é que vai estruturar a narrativa e permitir que os entrevistados relatem suas histórias. Ainda segundo Flick apud Teixeira e Pádua (2006), na qualidade de ouvinte, o pesquisador não deve interromper a narrativa, mas apenas dar sinais de empatia à história narrada. “Uma narrativa

apresenta uma situação que descreve como tudo começou selecionando eventos relevantes e apresentando-os como uma progressão coerente, revelando como as coisas avançaram e que se desenvolve até uma situação final que sintetiza o que aconteceu” (TEIXEIRA; PÁDUA, 2006, p.9)

Desse modo, a história oral vem possibilitar o uso da memória e das lembranças como mediadoras de pessoas e épocas. Neste sentido, Bosi observa que “a memória (...) pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado (BOSI, 2003, p. 15). Mas, alerta-nos a autora, para que isso seja efetivado é necessário o evento do diálogo, o evento do ato da fala, evento de exteriorização.

Tais discussões nos remetem à aproximação entre o potencial da História Oral e o objeto da Psicologia Social – a compreensão da subjetividade como elemento revelador da objetividade – como destacado por Portelli (2001), Bosi (1979). Considerando-se, portanto, a subjetividade como apropriação da objetividade social, percebemos que a uma das grandes potencialidades do método da História Oral reside em sua capacidade tratar a história individual concatenada com a história coletiva.

É a relação dialógica que constitui o encontro entre pesquisador e entrevistado que é prioritária nesse percurso de pesquisa. Em um movimento em que o entrevistado, ao ser considerado como narrador da própria história, torna-se um sujeito tem a possibilidade de se perceber como sujeito social e, nisso, revelar as condições das práticas sociais e as diversas formas de se perguntar qual lugar ocupa na realidade social.

Tecidas essas considerações, justifica-se a opção pela metodologia utilizada nesta dissertação ser a história oral, e, por extensão, a memória de velhas e velhos. Foi através dela que procuramos analisar o problema de pesquisa – quais as ausências e permanências da Festa de Nossa Senhora dos Homens Pretos de Milho Verde foram reveladas e estiveram presentes nas memórias de velhas e velhos em seu protagonismo na realização da festa.

3.1.2 A pesquisa de campo e os sujeitos da pesquisa: apresentando as velhas e o velho.

O trabalho de campo da pesquisa foi realizado com velhas e velhos e a coleta de dados obedeceu a duas linhas de trabalho definidas no contato inicial, em uma aproximação prévia com os entrevistados: (1) a história de vida, na qual o narrador discorre, de forma livre

e espontânea, sobre a sua trajetória individual e (2) a história especificamente sobre a festa, tudo feito a partir da utilização da técnica de entrevista, sem um roteiro preestabelecido.

Para a primeira etapa, cabe aqui salientar a importância da pesquisa prévia. Bosi no livro *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*, dá “sugestões para um jovem pesquisador”, dizendo o seguinte sobre a aproximação ao campo:

“A pré-entrevista, que a metodologia chama de “estudo exploratório”, é essencial, não só porque ela nos ensina a fazer e refazer o futuro roteiro da entrevista. Desse encontro prévio é que se podem extrair questões na linguagem usual do depoente, detectando temas promissores. A pré-entrevista abre caminhos insuspeitados para a investigação” (BOSI, 1983, p. 60-61)

Nos relatos gravados em vídeo com as velhas e com o velho que participam da festa de Nossa Senhora do Rosário, percebemos que algumas temáticas foram mais recorrentes, dentre a questão da religiosidade dos moradores, dos cantos e rezas presentes durante os festejos, a culinária, as danças, as transformações que a festa vem passando ao longo das últimas décadas.

Essa etapa de aproximação ao campo e aos sujeitos da pesquisa foi de grande e nítida importância, pois foi somente a partir desses encontros anteriores que pude traçar não somente como seriam feitas as entrevistas, mas também o início de levantamento de hipóteses. É importante frisar também que durante os encontros prévios houve um clima de informalidade, e algumas coisas que foram ditas nessas ocasiões foram silenciadas na hora da entrevista diante da câmera. Portanto, as conversas iniciais foram vitais para identificar silêncios e omissões que se tornam visíveis somente nas entrelinhas da escrita videográfica.

Como o interesse era resgatar as imagens, visões, significados atribuídos à Festa de Nossa Senhora do Rosário a partir de memórias individuais de velhos que, segundo Bosi (1983) e Halbwachs (2006), retratam a memória de uma coletividade, são mobilizadas e apresentadas nesta dissertação as vozes de quatro velhas e um velho, que permitem compreender as imagens do passado e do presente que estão entrelaçados em suas lembranças. Suas vozes, enfim, contam histórias sobre a festa, reatualizam ritos, identificando mudanças e permanências e atribuindo significados a estas passagens.

Para a seleção dos velhos narradores foram estabelecidos como critérios homens e mulheres que a época da gravação tivesse no mínimo 55 anos (completados até a entrevista) e residentes em Milho Verde.

As entrevistas começaram a ser realizadas no mês de agosto de 2017 e foram concluídas em janeiro do ano seguinte, 2018. O tempo das entrevistas variou bastante e nenhuma teve tempo inferior a quarenta minutos e superior a três horas, sendo que a média foi de aproximadamente uma hora e trinta minutos, sem contar é claro, o tempo destinado às conversas pré e, principalmente, pós-gravação.

Pareceu-nos, ao longo das entrevistas, que as velhas e o velho tiveram satisfação em mostrar o que aprenderam, o que viveram, em expor as dificuldades e as conquistas, as alegrias e tristezas – as mais marcantes consistem na morte dos entes queridos, que não mais participam da festa. Como dito por Bosi “Ao ser ouvido o velho encontra uma finalidade para sua vida”. (BOSI, 1983, p. 83).

Foram as entrevistadas e o entrevistado que estabeleceram as datas e os horários, bem como o ritmo e a duração dos encontros. A conversa nos pareceu uma experiência profunda e podemos dizer carregada de nostalgia, resignação pelo desfiguramento da festa de outrora.

Foi o quintal de uma casa grande, onde Dona Geralda recebe os fregueses, que diariamente vão tomar café ou comprar suas quitandas, o cenário de nossa primeira entrevista. Ela revela que é filha de Antônio da Silva Brandão e de Maria Albertina Chaves Brandão, hoje com 96 anos. Os pais eram trabalhadores rurais.



Figura 3 –Foto: Gilson Ferreira. Dona Geralda diante de seu fogão à lenha relembra as histórias de sua vida.

Descendentes de remanescentes quilombolas, Dona Geralda contou que o bisavô de seu pai era escravo em uma região conhecida como “Manga do Prego”, “perto de Milho verde onde nasceu Chica da Silva.”. A mãe de Dona Geralda nasceu em Milho Verde, já a avó da mãe era cabocla “que foi pegada a laço”.

Dona Geralda teve 10 filhos, tem 34 netos e 21 bisnetos.

“Toda a família sempre participou das festas, sempre foram muito religiosos, todos devotos de nossa senhora do Rosário, apenas um filho, Enilton Nascimento Santos, se tornou evangélico, antes dançava na marujada, diz.

O marido de Dona Geralda, conhecido na cidade como Geraldo Miúdo, era mestre da marujada. Ela ficou casada 51 anos até o falecimento do marido em 10 de maio de 2012. O trabalho do marido era na roça e no garimpo. Ela revela que sempre ajudou e participou ativamente durante a festa de Nossa Senhora d Rosário, seja fazendo a roupa da marujada, fazendo doces ou em outras atividades.

“Lavava, passava, a família toda participava como juíza, fazia parte da Associação Cultural de Milho Verde, e depois fiz parte da Associação Cultural e Comunitária de Catopês e Marujada de Milho Verde até a associação acabar, revela D. Geralda.

A escola estadual do distrito também foi local de trabalho de Geralda que atuou 21 anos como cantineira. Concurada ela se aposentou pelo Estado. A feitura das “quitandas”, ela aprendeu com uma senhora com quem ela morou desde a idade de 11 anos.



Figura 4- Foto: Gilson Ferreira. Dona Geralda em frente à sua casa onde faz as suas tradicionais quitandas.

Desde que se aposentou em 2004, ela mantém a quitanda. Antes as quitandas eram feitas só por encomenda ou para a família. “Comecei servindo café para moradores e turistas debaixo e à sombra de um pé de laranja que havia no quintal”.

A segunda entrevista foi feita com Dalva Fernandes de Siqueira em sua casa. Os inúmeros porta-retratos, que dividem o espaço com os aparelhos de TV, o som e as imagens e fotografias religiosas (Nossa Senhora do Rosário, Sagrado Coração de Maria, Menino Jesus) na estante contam várias histórias e deixam rastros na narrativa de Dona Dalva.



Figura 5 – Foto: Gilson Ferreira. Dona Dalva, conhecida na região como exímia benzedeira

Do lado de fora da casa, a narradora, de 77 anos, acomodada no sofá, começa sua narrativa com naturalidade dizendo é filha de José Fernandes Vitor e de Antonieta Moreira da Costa. Com pesar, se recorda que sua mãe faleceu há 35 anos.

Dalva revela que têm duas irmãs, Lourdes Ascensão de Jesus e Cândida Maria e conta que estava apenas com dois anos de idade sua mãe foi abandonada pelo pai, que era natural da região de Monjolos, perto da cidade de Pedro Lessa. *“Minha mãe, de primeiro, era costureira. Quando estava na companhia do avô ela não trabalhava na enxada. Depois que teve as filhas e as filhas estavam pequenas ela passou a trabalhar na roça.”*

Dona Dalva faz questão de repetir que tinha dois anos quando o pai foi embora. O fato parece ter sido marcante na vida da protagonista que relata estar com 77 anos e que, portanto, faz 75 anos que o pai a abandonou. *“Mas depois da doença voltou para os nossos braços. Não ficou com a mãe, mas ficou com as filhas”.*

O pai de Dalva trabalhava como lavrador, capinado plantando e também no garimpo. Quando conheceu seu marido, Adão Dionísio Siqueira, Dalva tinha 20 anos e trabalhava com empregada doméstica na casa dos outros. Teve ao todo 10 filhos, 26 netos e 14 bisnetos.

Quando não tinha serviço na roça, o marido dona Dalva trabalhava de servente de pedreiro. Ela além de trabalhar como doméstica, trabalhava ainda na roça e se aposentou aos 62 anos. *“Plantava roça, capinava muito e me aposentei porque plantei e paguei o sindicato”.*

Sua relação com a festa de Nossa Senhora do Rosário começa por influência de um tio, irmão da mãe dela, que era batedor de caixa durante as festas. Ela começou a participar da festa quando teve o convite para ser rainha durante os festejos de 1991. Antes de 1991, ajudava arrumando igreja, lavando as louças, pintava muro do cemitério - até hoje, homens, mulheres e crianças se reúnem na cidade para pintar o muro do cemitério.

“Daquela vida a gente não reclamava não, trabalhava feliz, satisfeito, não tinha esse negócio de ficar xingando porque chegou cansado. Se tinha uma reza na rua a gente ia, se tinha um forro a gente ia.

Entre os anos de 1976 até 1999 Dona Dalva morou em Belo Horizonte com a filha. Ela relata que foi para a capital para ver se conseguia uma condição de vida melhor do que em Milho Verde. *“Fui porque a vida aqui piorou demais!”*. Mas quando o marido dela foi acometido por uma grave bronquite asmática que acabou o matando, Dalva juntou suas economias e voltou para Milho Verde.

Hoje Dona Dalva é católica fervorosa e praticante. Vai à missa semanalmente para agradecer as bênçãos recebidas. Ela sobrevive de aposentadoria rural e das vendas das mudas de frutas, ervas e hortaliças que cultiva no quintal. O quintal de Dona Dalva é um cenário a parte. É nele que também cultiva as mudas de ervas que utiliza para fazer a benzeção de crianças e adultos que atende sem cobrar nada. Dalva também é conhecida na região como uma exímia benzedeira ou rezadeira. *“Vem gente de todo canto para se benzer comigo, gente até de São Paulo, da capital.”*

A terceira entrevista foi feita na casa de Dona Elizabete, localizada na rua da igreja de nossa senhora dos prazeres. Simpática, a entrevistada de 74 anos escolheu a cozinha de sua casa para o local da conversa. Desenvolta, contou sobre a sua vida e revelou que é filha de Leopoldo Rosa Barroso e de Neli Maria de Freitas Barroso. Ambos, pai e mãe, morreram muito cedo. A mãe com apenas 46 anos e o pai com 59. Toda a família, inclusive os avós de Dona Elizabete são nascidos e criados em Milho Verde. *“Meu pai tinha um comércio de alimentos e de tudo, e minha mãe fazia doces e quitandas. E plantava horta para vender nesse comércio”*.

Dona Elizabete é casada há 54 anos com Leonardo Ferreira de Moraes, conhecido como Nadinho, que hoje trabalha na lavoura. Eles tiveram oito filhos e Elizabete se orgulha em dizer que todos tem “formação superior”. *“Trabalhei por 30 anos como auxiliar de serviços gerais na Escola Pública Estadual Leopoldo da Silva Pereira”*. Hoje Dona Elizabete se dedica aos trabalhos de casa e ainda como doceira.



Figura 15- Foto: Gilson Ferreira .Dona Elizabete em frente ao imenso tacho onde faz seus doces

Toda família de Elizabete é devota de Nossa Senhora do Rosário. O pai dela foi rei do rosário e fez por muitos anos parte da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Ele sempre ajudou na festa de uma maneira ou de outra, hoje os filhos participam ajudando como podem, contribuindo com dinheiro, na arrumação e dançam na festa. “O meu filho Tadeu faz parte da guarda romana”.

Uma casa ampla, localizada na rua do Rosário, em frente ao cemitério da cidade e que fica ao lado da Igreja do Rosário foi o ambiente da terceira entrevista. A narradora, Dona Maria das Mercês Santos, uma senhora de 90 anos, pergunta se a entrevista pode ser realizada na cozinha de sua casa. Dona Maria das Mercês Santos, conhecida como Maria Coração, é filha de José Luciano da Silva e de Laudelina Palmeira. *“O meu pai era natural de Milho Verde e minha mãe de Rio Manso, hoje Couto Magalhães de Minas.”*



Figura 16- SILVA. Gilson Ferreira. Dona Coração que ainda hoje canta nas missas em louvor a Nossa Senhora

A mãe de Dona Coração chegou ainda menina a Milho Verde trazida por um padre que foi morar em uma fazenda do distrito. “Minha mãe tinha ficado órfã de pai muito novinha e o padre ajudava a cuidar da família dela. Ao chegar em Milho Verde, o padre gostou do local, comprou a fazenda e trouxe o restante da a família para a cidade. Ela não se recorda do nome do padre, mas revela que a mãe casou com 13 anos de idade.

O pai de Dona Coração assim como a maioria dos homens da região, trabalhava na roça e no garimpo, sempre com a ajuda de Dona Laudelina. Eles tiveram cinco filhos. A nossa narradora foi casada por 64 anos com Albertino Marcos dos Santos que era natura de Palmital de Datas e com quem teve 12 filhos. Destes, seis ainda estão vivos, sendo 3 homens e 3 mulheres. *“Desde criança eu já levava andores nas procissões de Nossa Senhora do Rosário. Seu Gasino que era escravo, que morava no Baú passava sempre na porta da casa da minha mãe antes e depois da festa. Ele era muito amigo do meu pai e sempre ela participava da festa e me levava com ele.”*

Dona Coração lembra que a mãe dela era muito religiosa e que por isso uma de suas filhas mantém até hoje a tradição de fazer presépios enormes durante as festividades do Natal. *“Minha filha, Ângela, tinha cinco anos e ainda diz ter lembranças da avó montando presépio”.*

Toda a família de Dona Coração entre os filhos, netos e sobrinhos, participam da festa de Nossa Senhora do Rosário. *“Alguns sempre com o que pode, ajuda com dinheiro, as mulheres participam de tudo, fazem as doações para os irmãos do Rosário.”*

Dona Coração diz se lembrar que quando mais nova pintava o cemitério todinho para a festa de Nossa Senhora do Rosário e ajudava a rastelar todas as ruas e gramados da cidadezinha para a festa. *“Hoje eu chego na janela de casa e choro porque com 90 anos, não dou conta de fazer mais as coisas. Imagina pro cê vê: se há comida, é da mão feminina, se é o doce, é mão feminina, se vai limpar igreja, tem muitos homens que ajudam, mais a maior parte são as mulheres mesmo. Limpa igreja, prepara tudo, faz doces, comidas”*

Dona Coração reclama que progresso vai chegando e vai mudando as coisas. *“Antigamente eu lembro lá na casa de minha mãe. Um mês antes da festa já vinha a turma toda do Quilombo do Baú pra ficar nas casas aqui em Milho Verde, principalmente naquela casa onde era a escola, a escola deixava livre casa um mês antes para que as pessoas pudessem ficar lá e dar conta de fazer as coisas da festa.*

Os fatos lembrados e narrados por Dona Coração não parecem obedecer a uma ordem cronológica. Ela revela que quando seu marido chegou em Milho Verde, ele foi trabalhar no garimpo, mas também, ele trabalhava na lavoura e foi tropeiro por muito anos. *“A profissão dele mesmo era tropeiro. Só trabalhava nas lavouras quando não ia levar tropa para Diamantina”*

Dona Maria continua a narrativa. *“Ele ia para Diamantina para comercializar produtos como banana, laranja e farinha, que ele produzia. Levava também café, galinhas, levava produtos produzidos por outras pessoa como rapadura, e outras coisas que ele ia levando, né?, A flor, sempre viva, ele levou muito, vendeu muita em diamantina”. “A fábrica de farinha era muito grande e eu morria de trabalhar. A roda era manual, essa roda tem até hoje. Eu tinha de ficar cuidando da farinha, de nós, das coisas, era sacos e sacos de farinha, um mandiocal imenso que nos tinha”*

D, Maria Coração, ajudava em tudo, pois desde pequena trabalha na roça, geralmente em terras de parentes, a troco de uma porcentagem da produção. Ia para a roça de madrugada sozinha, menina nova, trabalhava capinando, e plantando arroz, milho, feijão. Sendo a filha mais velha, ela que ficou ajudando a mãe, porque o pai teria morrido novo. Coração cantava nas festas de igreja juntamente com as amigas, D. Albertina, D. Luci, que

tinha uma voz maravilhosa. Ela ajuntava esse grupo para cantar nas festas. Hoje Coração tem 17 netos e 12 bisnetos

Passando à outra de nossas entrevistadas, Dona Aparecida, a mudança de prática religiosa com os fortalecimentos das religiões neopentecostais é apontada como uma das responsáveis pelo arrefecimento da fé em Nossa Senhora do Rosário e também da prática dos benzimentos muito comuns em Milho Verde. Isso é o que afirma a mais nova das nossas entrevistadas, Aparecida do Rosário Ferreira Montmor, 55. *“Muita gente aqui se tornou evangélica e deixou de benzer as pessoas por considerar a prática proibida pela Bíblia”*, diz. Mesmo sendo umbandista e mantendo um terreiro na cidade do Serro, ela segue firme, benzendo quem precisa. *“A umbanda não atrapalha os benzimentos. Acredito que a tradição vai se reinventando, senão já tinha morrido há muito tempo”*, diz.

Dona Cida, como é conhecida no distrito, garante que toda sua família é muito devota de Nossa Senhora do Rosário. Foi Dona Cida que recriou recentemente o grupo de Caboclinhas ou Meninas do Rosário, que participam da festa, representando os índios nos rituais dos festejos. Trata-se do primeiro grupo feminino e chefiado por uma mulher a participar das festividades



Figura 17 – SILVA. Gilson Ferreira .Dona Cida, primeira mulher a se tornar chefe das caboclinhas na região

A última entrevista foi feita com o único velho entre os pesquisados. Trata-se de Vavá, como é conhecido no distrito, Lourival de Jesus Farias. Vavá é filho de João Carlos

Farias e Maria da Conceição Farias já falecidos. Eles tiveram 10 filhos e Vavá garante que toda a família é religiosa e que por isso fazem parte da Irmandade do Rosário. “O pai trabalhava na roça e a mãe ajudava plantando milho e arroz”.



Figura 18 – SILVA. Gilson Ferreira Vavá, devoto de Nossa Senhora, bate sino e caixa durante a procissão

Vavá é solteiro e não tem filhos e atualmente trabalha na roça, mas já trabalhou como coveiro no cemitério do Rosário. “Hoje para aumentar a renda eu também faço anúncios pelas ruas com um megafone, anúncios comerciais e das atividades turísticas e religiosas da cidade”.

3.1.3 Como analisar os dados

Todos os relatos recolhidos nas entrevistas foram posteriormente transcritos e a partir das transcrições foram pensadas categorias de análise ou o que denominamos dimensões analíticas Trata-se de um material muito rico no qual estas senhoras e o senhor rememoram a vida no pequeno distrito, as histórias da família, seus trabalhos e meios de vida as danças e rezas da festa, trabalho antes e durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, assim com relembram as suas interações sociais, suas crenças religiosas, entre outros elementos.

Como dimensões analíticas para a compreensão das entrevistas, sempre com vistas a analisar a questão proposta na pesquisa, escolhemos como categorias analíticas, o tempo (em suas mais variadas dimensões, dentre elas o tempo passado, presente e futuro, o tempo religioso), a própria memória das velhas e do velho e os rituais da festa. Essas três categorias se relacionam diretamente com as temáticas que se apresentam majoritariamente durante as entrevistas: os rituais da festa e seus significados, a fé em Nossa Senhora, a generosidade e a gratuidade na festa, o lugar da mulher, tensões e conflitos, a festa para além dela (práticas culturais).

Para seguir adiante, trazemos algumas considerações sobre o cinema documentário, no Brasil em especial, visto que um dos objetivos deste trabalho foi a criação de um documentário de média duração, que apresentasse, mesmo que em pequenos fragmentos, as entrevistas que realizamos e algumas imagens da festa. O propósito, neste caso, foi, também, fazer um pequeno registro histórico da Festa, nas vozes e imagens de seus personagens, para oferecer uma contribuição à Educação Patrimonial, imaginando que o mesmo pode ser utilizado, exibido e recriado pelos educadores e educadoras, como também pela comunidade de Milho Verde e demais interessados.

3.2 Alguns apontamentos sobre cinema e documentário

Não é nossa intenção, mesmo porque não teríamos fôlego, para fazermos um inventário sobre o cinema e o documentário nesta dissertação. A história do cinema é longa e multifacetada e, por estas razões, aqui estão breves apontamentos dos momentos que consideramos marcantes por esta manifestação artística.

Estudos sistemáticos e desenvolvidos ao longo dos anos apontam o dia de 28 de dezembro de 1895 como a data da primeira projeção de filmes feitas pelos irmãos Lumière. Na ocasião, cerca de 30 telespectadores assistiram extasiados filmes curtos, em preto e branco, sem som de nada mais do que cerca de 50 segundos que retratavam cenas do cotidiano da cidade.

Já no início do século XX, muitos aparelhos semelhantes aos dos irmãos Lumière captavam imagens semelhantes às aquelas exibidas em Paris nos mais variados lugares do mundo. Toulet (1998, p.103) *apud* Duarte (2009, p.22) afirma “os operadores desempenharam um papel capital: além de registrarem imagens, eles lançam no percurso, no curso de suas peregrinações, as bases da exibição, produção e da distribuição, como fundadores de cinematografias nacionais”.

Na Rússia, em 1896, os próprios irmãos Lumière gravam a coroação do Czar Nicolau. No Brasil, já no século XX, o português Silvino Santiago grava imagens inéditas da selva amazônica. Em 1910, o cinegrafista oficial da Comissão Rondon, Luiz Thomas Reis, produz uma vasta documentação cinematográfica da cultura indígena brasileira, enquanto Roquete Pinto, trabalhando na mesma comissão, filma pela primeira vez os índios Nhambiquara.

“Na década de 1920, John Grieson e o brasileiro Alberto Cavalcanti, na Inglaterra, Marcel Griaule, na França, Dziga Vertov, na União Soviética dão uma contribuição decisiva para a consolidação do cinema como registro do “real” e abrem as portas para sua inscrição como instrumento de pesquisa acadêmica. Após a Segunda Guerra Mundial, com a retomada das pesquisas europeias na África, o antropólogo francês Jean Rouch produz avanços significativos na perceria entre ciência e arte cinematográfica, documentando de forma inusitada as sociedades que estudava e contribuindo ao mesmo tempo para o aprimoramento dos equipamentos existentes na época” (DUARTE, 2009, p.24).

Foi em 1910 que D.W Griffith dá um novo significado à linguagem cinematográfica. Para Bernadet (2000, p.37), os filmes “Nascimento de uma Nação”, de 1915 e “Intolerância”, de 1916, marcam o início da maturidade linguística do cinema “numa época em que o cinema era mudo, vê-se como movimentos básicos da expressão cinematográfica: 1) a seleção de imagens na filmagem; chama-se tomada a imagem captada pela câmera entre duas interrupções; 2) organização das imagens numa sequência temporal na montagem; chama-se plano uma imagem entre dois cortes”.

O objetivo de Griffith, segundo Bernadet (2000) era não apenas captar o real, mas inventar a realidade a partir das formas de filmar, de escolhas dos planos a serem utilizados na montagem¹⁰ do filme, criando a ilusão de realidade. Ao invés de apenas registrar imagens de hábitos e costumes de uma determinada comunidade, os filmes ficcionais passariam a reinventar e a até mesmo criar novos hábitos fazendo com que nos Estados Unidos este tipo de entretenimento crescesse ao longo de todo o século XX e se transformando no que conhecemos como “cinema indústria”.

3.2.1O que seria então o documentário?

¹⁰ A montagem consiste em organizar os diferentes planos filmados em uma sequência de maneira a dar sentido à história que está sendo contada. A montagem faz parte da chamada linguagem cinematográfica.

Acreditamos que uma resposta bastante comum e bastante mobilizada a esta questão é aquela que afirma que são filmes que mostram ou representam uma dada realidade. Mas qual é, afinal, essa tal esta representação? Com se dá sua relação com a realidade?

Afinal sabemos que esta representação inequívoca é utópica por dois motivos fundamentais: o primeiro, a presença da subjetividade na linguagem cinematográfica. E o segundo, pelo fato de que não existe no documentários a presença deste “real” perfeito, de uma verdade absoluta, pois a subjetividade é indissociável de qualquer arte e o documentário, como arte cinematográfica, é uma obra pessoal de quem a realiza.

O documentarista não deve, portanto, ser visto apenas como um meio para transmitir determinada realidade. É pelo fato de estabelecer um olhar próprio e subjetivo sobre determinado assunto, que um filme nunca é uma mera reprodução do mundo. É impossível ao documentarista apagar-se. Ele existe no mundo e interage com os outros, inegavelmente. Acima de tudo, um documentário transmite-nos, não a realidade, mesmo nos louváveis esforços em tentar transmiti-la “tal qual” ela é, mas, essencialmente, o relacionamento que o documentarista estabelece com um tema, com sua cultura, com o mundo em que vive é que constitui um documentário.

Quem vai mais longe nestas considerações é Bill Nichols. Nos seus escritos sobre documentário, Nichols apresenta seis tipos de formas de representação da realidade. São eles: expositivo, observador, interativo, reflexivo, poético e performático. (NICHOLS, 1991, p.32). Em maior ou menor grau, os documentários atuais têm procurado desenvolver esta representação da realidade utilizando um ou mais elementos desta tipologia.

Nichols (2006) afirma que “todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela. *“Na verdade, poderíamos dizer que existem dois tipos de filme: (1) documentários de satisfação e desejos e (2) documentários de representação social. Cada tipo conta uma história, mas estas histórias, ou narrativas, são de espécies diferentes.* (NICHOLS, 2006, p. 26).

Em 1898, o Brasil já dava os primeiros passos em direção à sua cinematografia, mas foi entre os anos de 1908 e 1911 que um grande número de curtas-metragens de atualidade, de paisagens e de longas-metragens de ficção foi realizado no país. A reconstituição de crimes famosos e ainda as revistas de musicais e dramas atraíam a atenção da população carioca que lotava as salas de cinema do Rio de Janeiro. Entretanto, segundo

Duarte (2009, p. 28), a produção nacional só voltaria a ser protagonista em meados da década de 1920, isso porque a importação de filmes estrangeiros fragilizaria a indústria cinematográfica brasileira.

Neste contexto, as câmeras de cinema logo começaram a fazer parte do material de trabalho de antropólogos que viajavam pelo país para registrar e documentar populações indígenas. Assim, os filmes etnográficos levavam à parcela do Brasil urbano imagens de um país imenso e desconhecido, divulgando as ações oficiais de integração.

Uma estratégia famosa e bem-sucedida nesta época é a criação da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas, conhecida como Comissão Rondon, que realizou vários filmes com registros das suas expedições. Os trabalhos deixam clara a eficácia das técnicas de revelação de negativos e montagem em plena floresta amazônica, além de uma eficiente narrativa cinematográfica.

Da época da Comissão Rondon, podemos destacar o filme *Rituais e Festas Bororo*, de 1917, considerado um dos primeiros filmes antropológicos do mundo.

Após o documentário “antropológico”, tivemos no Brasil uma forte influência do chamado “cinema de propaganda.

Além do registro expedicionário, o cinema de propaganda também se mostrou eficaz em mostrar as belezas naturais do Brasil para um público estrangeiro interessado em suas imagens exóticas. Podemos destacar a produção de Silvino Santos no Estado do Amazonas, que vivia a fase próspera de exportação de borracha para o mercado mundial. Patrocinado por um poderoso empresário local, Silvino Santos filmou entre 1920 e 1935 mais de 10 filmes de curta-metragem exibidos comercialmente, além de 2 longas, sendo o filme *No Paiz das Amazonas*, produção de 1922, seu trabalho mais importante. (GONÇALVES, 2006, p. 81)

Para Gonçalves (2006), são importantes clássicos do período do cinema mudo brasileiro o filme *São Paulo, a Sinfonia da Metrópole*, longa-metragem dirigido, em 1929, por Rudolf Rex Lustig e Adalberto Kemeny. O filme nitidamente inspirado pelo filme de 1927, *Berlim, Sinfonia de uma Metrópole*, de Walther Ruttmann, retrata a constante e crescente urbanização da capital paulista. E o média-metragem *Lampião, Rei do Cangaço*, dirigido, em 1936, pelo fotógrafo Benjamim Abrahão, cujas imagens estão presentes até hoje em muitos filmes com temática nordestina como referência fundamental para a formação do gênero que retrata o cangaço.

Os estudiosos do documentário no Brasil são unânimes em afirmar que o fator que mais ajudou a desenvolver a produção de filmes no país foi a criação, em 1936, pelo governo federal, do Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE). A criação do instituto é atribuída ao antropólogo Edgar Roquette-Pinto, que também teve papel fundamental também na iniciação do rádio no Brasil.

Por 30 anos, a direção do INCE ficou a cargo do cineasta Humberto Mauro, que já tinha uma história importante no cinema ficcional na cidade de Cataguases em Minas Gerais. Mauro foi iniciado pelo artesão italiano Pedro Comello na arte de fazer filmes e, juntos, realizam os primeiros filmes do chamado ciclo mineiro. Em pouco tempo, Mauro completaria sua formação como cineasta. “*Humberto Mauro dá início a primeira carreira contínua, coerente e bela que o cinema do Brasil conheceu*” (GOMES, Sales, 1996 *apud* DUARTE, 2009, p. 29)

Em 1945, Mauro inicia a série de documentários denominada *Brasilianas*, com sete filmes de curta-metragem, que registram canções tradicionais do folclore brasileiro.

Mauro realizou 354 filmes educativos curtos no período e, apesar da natureza oficial e didática do material produzido, conseguiu imprimir uma estética pessoal à maioria de seus trabalhos, além de tornar o INCE num fértil centro de produção de curtas e médias-metragens. São produzidas séries de documentários rurais, de fauna e flora, de instituições e de cerimônias oficiais, mas predominam os filmes científicos. (GONÇALVES, 2006, p. 83)

A filmografia produzida pelo INCE entre as décadas de 1930 e 1960 não fica restrita a Humberto Mauro. A partir dos anos de 1950, vários diretores têm seus filmes financiados pelo Instituto, como é o caso de Jurandyr Passos Noronha de quem podemos destacar o longa-metragem *Panorama do Cinema Brasileiro*, de 1968.

Outros órgãos públicos federais também se destacaram na produção de documentários, entre eles o Departamento de Imprensa e Propaganda e o Serviço de Informação do Ministério da Agricultura (DIP), apesar da visão oficial do governo Getúlio Vargas que dirigia o país naquele período.

O cinema brasileiro demonstra algum fôlego para fazer filmes em escala industrial o que levou à fundação nos anos de 1940, no Rio de Janeiro, da Companhia Atlântida, que produzia sobretudo as “chanchadas”. Muito combatidas pelos críticos, as “chanchadas” tinham um público fiel e consagraram nomes como Grande Otelo, Oscarito, Zé Trindade e Dercy Gonçalves.

Em relação ao que podemos chamar de período do moderno documentário brasileiro, surgido nos anos de 1960, suas temáticas buscam refletir sobre o subdesenvolvimento do país e sobre a desigualdade social. Surgem alguns filmes que irão antecipar questões estéticas caras à formação do movimento do cinema novo. Paulo César Saraceni dirige, em conjunto com Mário Carneiro, o pioneiro *Arraial do Cabo*, de 1959. No ano seguinte, Linduarte Noronha dirige *Aruanda*, um marco do cinema documental brasileiro.

Nesta época, as questões regionais, a religiosidade popular, o interior do Brasil são valorizadas pelos documentaristas. O documentário se fortalece como gênero influenciado pela linguagem do cinema verdade/direto, distanciando-se da abordagem educativa-cientificista. A partir da realização de um seminário pela UNESCO e Divisão Assuntos Culturais do Itamaraty, em 1962, as técnicas deste modo de fazer cinema se proliferaram na produção documental.

Participaram dos seminários jovens que teriam papel de destaque no desenvolvimento do cinema documental no Brasil como Arnaldo Jabor, Eduardo Scorel, Dib Lutfi, Antônio Carlos Fontoura, Luiz Carlos Saldanha, Vladimir Herzog, Alberto Sabá, Domingos de Oliveira, Oswaldo Caldeira, David Neves e Gustavo Dahl, entre outros.

Em São Paulo, surge também um grupo de documentaristas que, além do já citado Vladimir Herzog, conta com João Batista de Andrade, Maurice Capovilla, Sérgio Muniz e Renato Tapajós. Esse grupo manteve contato com a escola Argentina de documentários, por meio de Fernando Birri, criador do Instituto de Cinematografia da Universidade do Litoral, em Santa Fé, Argentina. Entre 1964 e 1965, o produtor Thomas Farkas produz quatro médias metragens: *Viramundo*, de Geraldo Sarno; *Memória do Cangaço*, de Paulo Gil Soares; *Nossa Escola de Samba*, do argentino Manuel Horácio Gimenez e *Subterrâneos do Futebol*, de Maurice Capovilla. A partir dessa experiência, o produtor desenvolve o que ficou conhecido como Caravana Farkas, um grupo formado por cineastas que se revezavam nas diferentes funções da realização cinematográfica e percorriam o interior do país, documentando suas manifestações mais populares, num esquema sistemático e coletivo de produção. (GONÇALVES, 2006, p. 82-83)

A caravana produz dezenove documentários de curtas-metragens, entre 1969 e 1971, numa série denominada *A Condição Brasileira*, predominantemente no estilo direto. Nesse período, a universidade teve papel fundamental na produção e difusão dos filmes., além do apoio que receberam do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE).

Alguns desses filmes nasceram dentro das próprias universidades. Destacamos o longa-metragem *Cinco vezes favela* (1962), filme de cinco episódios dirigidos por Marcos

Farias, Miguel Borges, Carlos Diegues, Leon Hirszman e Joaquim Pedro de Andrade, que retratou os contrastes sociais através do cotidiano nas favelas.

Com a possibilidade de gravação do som direto, as entrevistas passaram a ser utilizadas de maneira como nunca haviam sido utilizadas anteriormente. Foi nessa época que a fala do entrevistado passou a ser denominada a “voz da experiência”.

Muitos acreditavam que este mecanismo tornava inquestionável a veracidade do que era dito, o que de fato é questionável, gerando infundáveis discussões sobre linguagem documental até os dias atuais.

A câmera na mão provocava oscilações, tremores; ela se locomovia com o caminhar do fotógrafo, a luz era natural, estourada, portanto, na maioria das vezes deficiente. Vários filmes fizeram da falta de condições e de estrutura um elemento de sua estética. Inaugura-se o que foi denominado de a “estética da fome” (ROCHA, 2007, p.16), ou seja, do subdesenvolvimento, fez da fraqueza a sua força, transformando em linguagem o que até então era um dado técnico.

Documentários como *Garrincha, alegria do povo* (1963), de Joaquim Pedro de Andrade; *Maiores Absoluta* (1964-66), de Leon Hirszman, *Viramundo* (1965) e *Viva Cariri* (1969), de Geraldo Sarno; *Opinião Pública* (1966), de Arnaldo Jabour; *Liberdade de Imprensa* (1967), de João Batista de Andrade, foram alguns que viraram objeto de estudo de pesquisadores, e de alguma forma marcaram a história do cine-documentário

Nesse período, muitos diretores foram perseguidos pelo regime ditatorial e tiveram seus filmes censurados. Exemplo paradigmático desses tempos, Eduardo Coutinho inicia, em 1964, as filmagens de *Cabra Marcadas para Morrer*, filme vinculado às atividades do Centro Popular de Cultura da União Nacional de Estudantes. Interrompido pelo governo militar, só seria concluído 20 anos depois, tornando-se um marco do Documentarismo brasileiro.

Em 1966, João Batista de Andrade realiza *Liberdade de Imprensa*, filme apreendido pelo Exército, em 1968, após duas exibições. Vladimir Carvalho, que tinha participado da produção de *Aruanda*, em 1960, inicia a produção do longa-metragem *O País de São Saruê*. Realizado em três etapas: a primeira, em 1966, interrompida pela chuva; a segunda, em 1967, finalizando a fase anterior; e a terceira, em 1970, ano de conclusão do filme. Em 1971, o documentário é vetado sem sugestão de cortes. Ficaria censurado até 1979.

No final dos anos de 1960, a TV se firmava como importante veículo de comunicação midiático no Brasil e é a partir daí que surgem as buscas por formatos de documentários televisivos ou jornalismo investigativo.

Em 1972, por iniciativa dos jornalistas Vladimir Herzog e Fernando Pacheco Jordão, é criado o telejornal *A Hora da Notícia*, na TV Cultura de São Paulo, o objetivo era mostrar o “Brasil real,” contraposto à imagem oficial da ditadura militar

O cineasta João Batista de Andrade foi chamado para realizar pequenos documentários diários, questionando e exibindo imagens que a ditadura ocultava. Dessas reportagens, destaca-se: *Migrantes*, 1972, recuperado posteriormente como um curta metragem autônomo.

Após um período de perseguição política, o programa *A Hora da Notícia* termina em 1974. João Batista de Andrade é convidado por Paulo Gil Soares a integrar o grupo de cineastas que formariam a equipe de reportagens especiais da TV Globo de São Paulo. Desse grupo, também fizeram parte Luiz Carlos Maciel, Eduardo Coutinho, Maurice Capovilla, Hermano Penna e Walter Lima Jr.

É neste período que surge o *Globo Repórter*, a partir de série de dez documentários, chamada *Globo Shell Especial*, o Globo Repórter era desvinculado do departamento de jornalismo, totalmente idealizado pelos cineastas, que buscavam revelar o país desconhecido através de uma linguagem experimental e inovadora e realizado em película com linguagem cinematográfica e autoral. Dessa vasta produção, destacam-se *Caso Norte*, 1977, e *Wilsinho Galiléia*, 1978, de João Batista de Andrade; *Teodorico, o Imperador do Sertão*, 1978, de Eduardo Coutinho e *O Último Dia de Lampião*, 1975, de Maurice Capovilla.

O Globo Repórter segue com essa equipe de produção até 1983, quando o filme de 16mm é substituído pelo vídeo e os cineastas são substituídos pelos repórteres. Apesar do período ser de abertura política, rumo a uma democracia, o programa sofreu, por diversas vezes, com a forte censura interna da emissora exibidora.

Nesse período, muitos cineastas têm a carreira dividida entre obras de ficção e documental, assim, os já citados Maurice Capovilla, João Batista de Andrade e Walter Lima Jr. consolidam-se com uma larga produção documental para cinema e TV, além de importantes trabalhos de ficção em longa-metragem.

Destacam-se também nomes como Glauber Rocha, que realiza alguns documentários em curta-metragem, mantendo seu estilo autoral, mesmo em produções em que

atuou como contratado, como o filme *Amazonas, Amazonas*, 1965, sua primeira experiência com cor. Já em 1977, Glauber realiza *Di*, polêmico registro do velório do pintor Di Cavalcanti, que segue proibido pela família do pintor de ser exibido em território brasileiro, filme em que leva ao paroxismo sua verve poética e sua estética revolucionária.

Entre o final dos anos 80 e o início dos anos 90, período em que o documentário não possuía muita visibilidade, Octávio Bezerra mantém constante produção em longametragem com filmes como *Uma Avenida Chamada Brasil*, 1989, onde denunciava a violência e a convulsão social existente nos arredores da Avenida Brasil do Rio de Janeiro e *A Dívida da Vida*, 1992, filme em que questiona as consequências para o Brasil da sua elevada dívida externa, com filmagens em vários Estados do país e presença marcante do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho.

Com uma narrativa bastante inventiva contrapondo diversas referências imagéticas e sonoras orientadas por uma enfática locução em *off*, Sérgio Bianchi filma *Mato Eles?*, 1982, filme em que ironiza o discurso oficial indigenista. Jorge Furtado realiza *Ilha das Flores*, 1989, desenvolvendo consistente carreira em curta-metragem, com trabalhos que questionam o estatuto da representação cinematográfica e da abordagem do real, refletindo sobre os encontros e desencontros do documentário com a ficção. Furtado é ainda um dos nomes mais importantes na modernização da televisão brasileira, atuando com roteirista e diretor de especiais e seriados para a Rede Globo.

Deve-se salientar ainda que o suporte de vídeo democratiza o acesso à produção de imagens e a expressão da diversidade nacional brasileira. Exemplo disso é a produção do Centro de Trabalho Indigenista (CTI), com criações realizadas a partir de longos anos de contato com algumas etnias no Norte do Brasil pela antropóloga belga Dominique Gallois e o diretor Vincent Carelli. O trabalho utiliza a produção de vídeos como forma de discussão e debates para criar uma reflexão sobre a identidade dos povos e seu lugar no mundo, sendo os próprios índios autores e realizadores de alguns dos documentários.

Mais uma vez Eduardo Coutinho é, também, fundamental para o documentário no Brasil. Ele, após o lançamento de sua versão definitiva de *Cabra Marcado para Morrer*, em 1984, passa a se dedicar à produção de documentários de média duração em vídeo. *Santa Marta: Duas Semanas no Morro*, 1987, e *Boca de Lixo*, 1992, são alguns exemplos, além do longa *O Fio da Memória*, 1991, em 35mm.

No final dos anos 90, Coutinho volta ao longa-metragem, trabalhando em vídeo digital, posteriormente ampliado para 35mm, suporte adequado a seu método documental

devoto do cinema-verdade. Realiza filmes como *Santo Forte*, 1999, e *Edifício Máster*, 2002. É considerado o maior documentarista brasileiro.

Em 1989, surge o programa televisivo Documento Especial, produzido e dirigido por Nelson Hoineff, que transitava entre a reportagem e o documentário, buscando levar a realidade das ruas para a TV. Longe da imagem estetizada das grandes emissoras, este programa deu voz aos pobres, excluídos e marginalizados, com uma abordagem de cinema-verdade, longe do sensacionalismo barato. Existiu até 1997, com passagens pela Rede Manchete, SBT e Rede Bandeirantes.

É na produção televisiva que Walter Salles inicia sua carreira, realizando os documentários *Japão, uma Viagem no Tempo*, 1986, e *Franz Krajcberg - o Poeta dos Vestígios*, 1987. Produz as séries *China, o Império do Centro*, 1987, e *América*, 1988, que seriam dirigidas por seu irmão João Moreira Salles.

Em meados dos anos 90, a TV a cabo se fortalece e surge como parceira em co-produções e exibições. João Moreira Salles co-dirige, com Kátia Lund, o filme *Notícias de uma Guerra Particular*, 1999. Nelson Pereira dos Santos também realiza filmes para canais pagos. Entre eles, *Casa Grande e Senzala*, 2000, série de 4 episódios com uma abordagem didática sobre a obra de Gilberto Freire. Com um trabalho voltado a séries documentais para TV, Isa Grispum Ferraz realiza, em 2000, uma série de dez episódios sobre o pensamento de Darcy Ribeiro e a formação da nação brasileira em *O Povo Brasileiro*, 2000, além de outra série de onze programas sobre intelectuais brasileiros, intitulada *Intérpretes do Brasil*, 2001.

Além da produção para TV a cabo, o documentário de longa-metragem chega novamente às salas de exibição no final dos anos 90, com sucesso de público e crítica e apresentando diversidade temática. Aurélio Michilles filma, em 1997, *O Cineasta da Selva*, sobre o trabalho do pioneiro Silvino Santos na Amazônia. Ricardo Dias registra manifestações religiosas pelo Brasil no filme *Fé*, 1999; Paulo Caldas e Marcelo Luna filmam *O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas*, 2000, sobre as desigualdades e violências sociais, utilizando elementos ficcionais em sua narrativa. A proliferação de filmes mostra a vitalidade do formato documental no cinema brasileiro contemporâneo. O documentário se mostra o campo ideal para experimentações de linguagem, como em *O Prisioneiro da Grade de Ferro*, 2004, de Paulo Sacramento, filme que relata a vida dos detentos do presídio Carandiru, com trechos filmados pelos próprios detentos e *Ônibus 174*, de José Padilha, 2004, filme que se utiliza de imagens de arquivo para analisar o famoso

sequestro de um ônibus ocorrido no Rio de Janeiro, evento que marcado pela onipresença da mídia e ação desastrosa da polícia.

O avanço da tecnologia, aliado ao barateamento dos equipamentos, levou a um aumento significativo no número de documentários produzidos. Profissionais ligados a poéticas eletrônicas e digitais, com trabalhos experimentais em curta duração, começam a se aventurar em longas-metragens. A convergência de linguagens e o hibridismo dos suportes marcam os trabalhos, buscando uma relação mais sensorial com a realidade, indicando novos caminhos ao documentário em obras como *Do Outro Lado do Rio*, 2004, de Lucas Bambozzi e *A Alma do Osso*, 2004, de Cao Guimarães. A diminuição no tamanho dos equipamentos digitais, a facilidade no transporte e a consequente diminuição das equipes, têm proporcionado o surgimento de obras construídas em primeira pessoa, onde a relação do realizador com a realidade vai muito além de questões sobre a representação do real, ampliando os limites do gênero, caso do filme *Passaporte Húngaro*, 2003, de Sandra Kogut; e 33, de Kiko Goiffman, realizado em 2003.

Diante desse cenário, é possível afirmar que o crescimento na produção de documentários nos últimos 20 anos trouxe, para o campo do cinema, profissionais de diversas áreas como: cientistas sociais, historiadores, filósofos, comunicadores, arquitetos, designers, além dos próprios cineastas que passaram a se dedicar a fazer documentários. Estas produções nacionais foram viabilizadas pela facilidade de operação de câmeras digitais e o baixo custo destes equipamentos, assim como a ligação entre os documentaristas e empresas do terceiro setor, ativistas sociais e pessoas envolvidas em oficinas nas periferias e comunidades carentes.

Para essas produções, têm sido ferramentas narrativas fundamentais a entrevista com o protagonista e com personagens que possam falar sobre ele ou sobre o fato que motivou o documentário.

O documentário, ao contrário do cinema de ficção, representa um modo de pensar e de fazer as pessoas pensarem e por isso, ao decidir fazer o documentário, o documentarista precisa considerar alguns fatores. O primeiro deles diz respeito à realização da pesquisa, o segundo diz respeito à preparação de um roteiro. Deve-se fazer um roteiro fechado ou apenas um bom argumento que é mais flexível? Todo o processo de construção do filme costuma ser pontuado por dúvidas conforme ressalta Lucena (2012),

“E como devo posicionar o entrevistado? Que tipo de plano devo usar, o plano médio ou o close? Devo captar imagens de detalhes para usar na montagem (imagens de cobertura ou não? As imagens captadas dever fazer parte do quadro ou podem ser externas a ele? [...] Outro detalhe importante, que aflige muitos

documentaristas, diz respeito à direção dada ao olhar do entrevistado – ele deve olhar para a câmera, para o interlocutor (em diagonal, ao lado) ou para outro ponto? (LUCENA, 2012, p.59-60)

Lucena (2012) ainda revela que o cinema direto norte-americano e o cinema-verdade francês levantaram outras questões significativas: o interlocutor pode aparecer na imagem ou não? Sua voz deve ficar em *off* ou não deve ser ouvida restando apenas as respostas do entrevistado? O fato é que a narrativa dos protagonistas é fundamental. O diretor do filme tem o direito de expressar sua opinião, sendo que cabe também a ele como conduzir sua entrevista e como posicionar o personagem. O mais importante é que o resultado final satisfaça os envolvidos no processo e que a mensagem chegue ao público de maneira compreensível e que possibilite reflexão.

Todos esses tipos de questões, de decisões e outras preocupações e aspectos a serem consideradas na criação e realização de um documentário estiveram presentes quando da feitura do documentário “Rosário de Lembranças que compõe esse trabalho de mestrado profissional em Educação. Foram várias horas e experimentações, foram esforços e muito trabalho em torno delas. Além disso, entendemos que o respeito, o cuidado e a delicadeza com as entrevistadas e entrevistados, de modo a nunca ferir a sua dignidade, a sua beleza humana e generosidade, qual seja, a relação não apenas estética, mas a postura ética deve acompanhar cada gesto, cada imagem, cada momento da concepção e realização do documentário, norteando o trabalho de criação e produção desta obra cinematográfica.

3.2.3 O documentário como uma pedagogia

Feita esta breve recuperação da história do documentário, gostaríamos neste ponto da pesquisa de retomar a importância da educação patrimonial por meio do documentário, razão pela qual decidimos produzir o documentário “Rosário de Lembranças”. Acreditamos ainda que discutir a educação patrimonial por meio do cinema possa ser uma prática importante e acessível para os professores e alunos, uma vez que linguagem audiovisual, ao articular variados elementos semiológicos na produção de sentidos, é mais que um facilitador, um grande produtor e articulador de conhecimentos para o processo pedagógico. Acreditamos ainda que divulgar as lembranças por meio das narrativas das velhas e velho sobre a Festa de

Nossa Senhora do Rosário poderá influenciar a circulação de novos significados e reverberar nas práticas educativas na comunidade de Milho Verde.

Tal discussão não é nova. São vários os pesquisadores que têm se debruçado sobre as interfaces entre cinema e educação e patrimônio cultural, dentre eles se destacam os trabalhos de Duarte (2008); Alegria (2008) e Pereira (2012).

No caso de Duarte (2009), diferentemente de seguir a tendência comum de tratar o cinema como mais um recurso didático para o ensino, a autora entende que a educação e o cinema são formas de socialização dos indivíduos e processos culturais que produzem saberes, identidades, visões de mundo, subjetividades.

Duarte (2009) aponta o caráter educativo do cinema ao afirmar que muitas formas de enxergar o mundo estão intimamente ligadas aos significados das relações construídas tanto entre alunos e professores quanto entre espectadores e filmes. “O mundo do cinema é um aspecto privilegiado de produção de relações de sociabilidade, no sentido que Simmel dá ao termo, ou seja, forma autônoma ou lúdica de “sociação”, possibilidade de interação plena entre desiguais, em função de valores, interesses e objetivos comuns” (DUARTE, 2009, p.16).

Para a autora, ver filmes é tão importante do ponto de vista da formação educacional e cultural das pessoas como a leitura de um bom livro de literatura, sociologia ou filosofia. Ela retoma a perspectiva de Hobsbawm (1994) para quem a “era da reprodutibilidade técnica” transformou a maneira como se dá a criação de um filme, como também a maneira como os seres humanos interpretam a realidade.

Assim, muito das concepções que temos sobre família, amor, sexualidade e, inclusive, da política emergem dos filmes. Esse é para Duarte (2009) o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional. Ela refuta a perspectiva da utilização do audiovisual de maneira apenas instrumental.

“Por incrível que pareça, os meios educacionais ainda veem o audiovisual como mero complemento de atividades verdadeiramente educativas, como leitura de texto, por exemplo, ou seja, como um recurso adicional e secundário, sem relação ao processo educacional propriamente dito. Defendemos o acesso amplo universal ao conhecimento, mas não defendemos o direito de acesso ao cinema – o Brasil é um dos países em que o ingresso do cinema está entre os mais caros do mundo. Até quando ignoraremos o fato de que cinema é conhecimento? (DUARTE, 2009, p. 18-19)

Rosália Duarte afirma que, em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para que possamos transitar em diferentes campos sociais. A imagem em movimento tem relação com aquilo que somos, com nossas

identidades, o que nos remete a uma reflexão sobre a importância da linguagem audiovisual na nossa sociedade. Valoriza-se muito, em nossa cultura, a linguagem escrita e a importância de conhecermos uma série de obras literárias, bem como seus autores; mas a leitura de imagens e a prática de ver e analisar filmes é de extrema relevância e importância no nosso cotidiano.

Dialogando com Pierre Bourdieu, Duarte (2009) diz que a experiência das pessoas com o cinema contribui para desenvolver o que se pode chamar de "competência para ver". Porém, o desenvolvimento de tal competência não se restringe ao simples ato de assistir a filmes; tal competência tem ligação com o universo social e cultural dos indivíduos.

É comungando da perspectiva de Duarte (2009) que buscamos trabalhar nessa dissertação com uma noção de cinema que priorize estratégias e recursos que visem seduzir as pessoas e que tenha como objetivo também a educação patrimonial. Para tanto, é preciso se dispor a conhecer um pouco história e a linguagem do cinema.

Passando à outra questão pertinente a este trabalho, trata-se de pensar a pedagogia do cinema. Quanto a essa problemática, para Migliorin (2016, p.17), “uma pedagogia do cinema, antes de estar relacionada a certos tipos de conteúdo, se constitui como forma de conhecer e compartilhar conhecimento.”. Assim como Rosália Duarte (2009), Migliorin (2016) considerar que aprender por meio da arte fílmica é uma prática social.

Ainda para esse autor, a produção de sentido da obra cinematográfica se dá a partir de uma descontinuidade entre a obra e seus telespectadores. Rancière (1995) *apud* Miglioni (2011, p. 107) reflete que esse processo descontínuo é próprio do “regime estético das artes” e que insere o espectador em um processo no qual o entendimento passa por uma recepção de signos heterogêneos “elementos que se negam, somam, dialogam, mas que não organizam o mundo a partir de um conhecimento que antecede à própria aparição das imagens”.

Ainda para esse autor o cinema na escola se consolida de em uma presença democrática do aprendizado. Nas palavras do autor:

“O cinema não pede nada, apenas se aconchega nas capacidades sensíveis dos sujeitos comuns. Para ser um espectador de cinema, a igualdade e a possibilidade de fruição é anterior a qualquer hierarquia. O cinema não se encontra na escola para ensinar algo a quem não sabe, mas para inventar espaços de compartilhamento e invenção coletiva, colocando diversas idades evidências diante das potências sensíveis de um filme. Digamos assim: a democracia é o acontecimento que provoca o encontro não organizado de diversas inteligências, uma ação em si emancipatória. (MIGLIORIN, 2010, 176)

A observação das imagens capturadas pela ação do homem por trás de uma câmera possibilita incluir como fonte de elaboração de pertencimento de um indivíduo. Elas servem como apoio da memória. A capacidade de capturar o instante que a fotografia possui, na reflexão de Benjamin (1996), possibilita flagrar esses momentos significantes e heterogêneos presentes nas festas que diluem as linhas entre o profano e o sagrado, o rezar e o festar que somos tentados a traçar quando refletimos sobre festas religiosas durante as reflexões acadêmicas.

Diante desse cenário de convergência, os sinais que podemos vislumbrar nos momentos de festa mostram-se como reflexo do que a comunidade elabora sobre si mesma. Perceber que elementos capturados por imagens e memórias, entre outras possibilidades, traduzindo em uma concepção de todo, estabelecem vínculos com um ordenamento mais amplo, que compreendem os dados mais profundos que o registro imagético é necessário enquanto prática midiática para compreender a articulação presente entre a festa e o cotidiano.

CAPÍTULO IV - Dimensões analíticas nos relatos de velhas (os)

Como analisar e interpretar um conjunto de depoimentos com os protagonistas velhos que participaram dos acontecimentos os quais desejamos conhecer ao longo da Festa de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde? Não é fácil saber o que fazer com as gravações quando se decide tomá-las como fontes em entrevistas orais.

Tendo em vista esta dificuldade, é que nossas análises vão levar em consideração que qualquer documento, inclusive os documentos orais, exige um trabalho dedicado do pesquisador para que seja interpretado. Não nos furtaremos também de reconhecer que sempre haverá aspectos desta documentação oral que não conseguimos entender, ou interpretar adequadamente.

Outro pressuposto em nossa pesquisa é de que a todo e qualquer documento se aplica a reflexão de Jacques Le Goff sobre seu caráter “monumental”. Nas palavras do historiador francês, todo documento oral ou não,

“É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisado desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si própria. No limite, não existe um *documento verdade*. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (...) um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LE GOFF, 1984, P.103-4)

Nesta parte da pesquisa, nossa preocupação é fazer um exercício de análise e interpretação de entrevistas de história oral que compõem o documentário “Rosário de Lembranças”. Este esforço analítico será feito tendo como base algumas categorias que emergiram das narrativas feitas pelos protagonistas da Festa de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde. A análise faz parte de um plano de investigação qualitativa, orientado por um paradigma interpretativo, uma vez que o objetivo desta pesquisa é compreender quais as ausências e permanências da festa podem ser captadas nas lembranças de velhos/as.

As categorias, portanto, aqui mobilizadas, foram construídas de modo a possibilitar uma comparação das diferentes entrevistas entre si e, a partir daí, a análise de conteúdo, realizada através da técnica de análise temática.

A análise de conteúdo através da técnica temática é muito utilizada na área das Ciências Sociais que, segundo Minayo (1994), ao propor um sistema de categorização por temas, permitem analisar exaustiva e interpretativamente o material coletado. Havendo, entretanto, outras técnicas de análise de conteúdo são: análise de expressão, de enunciação, relacional e representacional.

As pessoas que constituem nosso grupo de entrevistados formam um corpus com características bem definidas: são mulheres e um homem que participam ativamente dos processos da festa objeto de nosso estudo: as doceiras e cozinheiras; os gajeiros¹¹ e componentes de ternos¹² de congada; os devotos que trabalhavam nos bastidores das comemorações religiosas como as benzedeiras. São eles: dona Geralda Francisca dos Santos, quitandeira, de 77 anos; dona Elizabete do Socorro Moraes, doceira, de 73 anos; seu Lourival de Jesus Farias, conhecido como Vavá, tamborzeiro e tocador de sino, de 59 anos; dona Aparecida do Rosário Ferreira Montmor, de 55 anos, que é chefe das Meninas do Rosário ou Meninas Coboquinhas; dona Dalva Fernandes Siqueira, 79 anos, rainha perpétua e benzedeira e dona Maria das Mercês Santos, conhecida como Maria Coração, de 90 anos, cantora de igreja.

A seleção das falas, sem dúvida penosa devido à riqueza do material coletado, levou em consideração apenas os trechos que foram utilizados no documentário.

4.1 As lembranças da festa, seus rituais e seus significados

Começamos com a narrativa de Dona Geralda (77 anos), quitandeira há 60 anos no distrito. A protagonista começa sua narrativa segurando um antigo álbum de fotografias de parentes e amigos que durante muitas décadas participaram da festa.

¹¹ Gajeiros são os dançantes da Festa de Nossa Senhora do Rosário

¹² Ternos são coletivos denominados “ternos de congado” que realizam cortejos em algumas festas organizadas em homenagem à “Nossa Senhora do Rosário”. No caso de Milho Verde os ternos são: os marujos, os catopés e os caboclinhos.

Os retratos parecem acionar as lembranças de Dona Geralda que vai reconstruindo suas experiências vivenciadas ao longo de sua trajetória em Milho Verde e, em sua memória, a festa de outrora e a festa dos dias atuais andam lado a lado e são reatualizadas na arte de narrar.

“Aqui é compadre Francisco, catopé. Era o dançante do Catopê. Aqui é Sebastião que era mestre do Catopê. Aqui já é esses caboquinhos, Aparecida, aí, com os Caboquinhos, aí! Aqui é meu marido mestre da Marujada. Aqui é Ivo, já fardado pra dançar o Catopê no domingo. É o mestre!”

A narrativa, para Benjamin (1993), é a mais ampla maneira de se expressar as experiências partilhadas por uma determinada comunidade. Estas experiências, por meio da narrativa, são reproduzidas por várias gerações e se mantêm vivas na memória e transcendem a vida e a morte individual.

Ao analisarmos uma entrevista narrativa, assim como qualquer documentação histórica, é preciso respeitar as próprias palavras que o narrador escolhe. Ao narrar o passado, Dona Geralda o faz numa linguagem comum a uma coletividade, com léxico e significados próprios. A partilha das lembranças só é possível pela comunicação oral, usando o instrumento coletivo que é a linguagem. A linguagem está associada às convenções e dispositivos que moldam o modo como o passado é lembrado e reconstruído no momento da narração, tornando-se veículo que permite comunicar informação e partilhar emoções entre quem recorda e quem registra.

A memória se torna materializada, palpável no ato da fala, durante a entrevista, a partir do método da história oral. Uma vez materializada na forma de uma linguagem falada e captura por meio de imagens, só é compreendida porque há um partilhamento prévio de signos culturais.

Ao reforçar a presença “dos caboclinhos”¹³ em sua narrativa, conforme o fragmento grifado, parece-nos que Dona Geralda evidencia linguisticamente marcas entre a

¹³ Com já explicitado no tópico desta dissertação sobre festas religiosas, os caboclos são a representação dos indígenas na Festa de Nossa Senhora do Rosário. Historicamente, eram homens os dançantes caboclos. Como veremos ainda neste capítulo, atualmente, a festa em Milho Verde incorporou a presença das “caboclinhas”, um grupo de meninas, conduzidas pela protagonista Dona Cida, que hoje apresentam os indígenas durante o louvor.

tradição e a modernidade, entre elementos tradicionais e modernos que ora se apresentam na festa, pois como ela mesma revela: antes eram os “mestres da marujada”; agora, “estes caboclinhos aí”. Nesse sentido, a memória de Dona Geralda nos parece surgir como resultado de uma tensão entre o passado e o presente, sendo que o passado constrói o presente e o presente modifica o passado.

Não estamos dizendo aqui que exista uma oposição radical entre a tradição e a modernidade, porque a memória agrega tanto os traços da continuidade do passado quanto traços da reflexividade do tempo presente "além da coexistência entre aspectos da tradição e da modernidade, há também uma relação de continuidade entre a tradição e a modernidade" BOSI, 1983, p. 13). Essa continuidade se evidencia principalmente na capacidade que um povo tem de atualizar a memória coletiva.

Para Bosi (1983) é o velho quem representa simbolicamente esta tensão temporal, e é isso que percebemos neste fragmento da narrativa de Dona Geralda. As marcas do tempo habitam nos velhos, dando visibilidade às complexidades da sociedade atual, entretanto, para Bosi, os velhos seriam ao mesmo tempo "ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”.

Qual a função destes velhos e velhas na perpetuação da tradição dos rituais da Festa de Nossa Senhora do Rosário? Segundo Bosi (1983), a velhice ocupa, nas sociedades tradicionais, como na da pequena comunidade de Milho Verde, um lugar importante na troca de experiências. A velhice nestas sociedades é prestigiada por sua sabedoria, vista por Walter Benjamin como uma espécie de “aura”.

Em tempos pós-modernos, nos quais a ruptura com o passado emerge de forma radical com o advento das novas tecnologias que enfraqueceram ainda mais a possibilidade de se trocarem experiências, o velho ainda manteria uma “aura” de perpetuação dos valores? E esta “aura” possibilitaria a continuidade e faria elos entre o passado e o presente?

Os fragmentos da narrativa de Dona Geralda, a seguir, nos dão alguns encaminhamentos para que possamos tentar responder às questões propostas:

“Aqui, aqui já é o filho de Crispim, sendo guarda coroa que ele vem com a espada assim, na frente, limpando assim... a rua... é pra poder passar o andor, o reinado, passar na rua, ele vem com a espada na frente comandando a coisa.

Agora, aqui desse lado, a marujada. Tá vendo aí, a Marujada? E desse lado de cá, o catopé. Vinha Zé Fabiano com Geraldo que era mestre da Marujada... É contramestre, não: ele era. O Valmir, contra- mestre que é o meu filho que é quem saiu no lugar dele.

E Zé Fabiano, o doutor da Marujada, esses vêm no meio e ajudando a arrumar, como eles falavam antigamente, os Gajeiros, os dançantes chamava gajeiro. Eles vinha arrumando os gajeiros na fila certa pra poder vir certinha a fila.

Aqui é o Zé Fabiano que era o doutor da marujada, aí tá vendo? Já morreu também.”

Neste ponto da narrativa, Dona Geralda continua a mostrar fotos do marido e de outros amigos já falecidos. Ela faz uma exposição sobre eles com o espírito de quem faz uma exposição que interessa o olhar do outro, ou seja, o olhar social. Podemos dizer que a reorganização narrativa de Dona Geralda confere às fotos uma “aura” de status, onde estão embutidos valores de distinção, superioridade na medida em que os mortos foram pessoas importantes para a Festa de Nossa Senhora do Rosário e para a comunidade de Milho Verde.

As fotos antigas nas mãos de Dona Geralda ganham vida em forma de lembranças. Às vezes a voz que, já cansada, falha, mas ela permanece atenta aos acontecimentos e eventos relacionados à festa, agora reatualizados. Há uma satisfação em mostrar o que viveu, as alegrias e tristezas, sendo a mais marcante é a morte dos entes queridos.

Nas palavras de Bosi, ao ser ouvido o velho encontra uma finalidade para sua vida.

“A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento dos entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual.” (BOSI, 1983, p. 83),

Como já mencionado anteriormente nesta pesquisa, Maurice Halbwachs foi um dos primeiros autores a dedicar-se ao estudo da memória enquanto fenômeno social. O objeto de estudo, para Halbwachs, é a memória relacionada aos “*quadros sociais*”, ou seja, a operacionalização da memória não é simplesmente mediada pelos contextos sociais, mas estruturada por eles.

O autor enfatiza o papel das instituições, dos espaços sócio históricos, com especial destaque para a família, na formação e persistência das memórias. “São os vínculos sociais das lembranças que permitem a sua durabilidade, e por isso é necessário fixar a pertinência dos quadros sociais e das instituições e das redes de convenção verbal no processo que conduz à lembrança” (BOSI, 1983, p.64).

Na esteira de Halbwachs, percebemos que as dimensões pessoais e sociais das lembranças para Dona Elizabeth (73 anos), doceira, não existem em separado. É por coexistirem na matéria relembada que ambas se validam e se entrelaçam para poderem ser evocadas como constitutivas de uma identidade, simultaneamente, pessoal e social.

Os tios do meu pai eram chefes da dança também e da marujada, e os outros amigos dele, mais velhos, os negros lá do Baú¹⁴, eram chefes do Catopê, né! Então, essas danças eram tradicionais daqui da Festa de Nossa Senhora do Rosário, era a dança do catopê e da marujada. E depois foi passando para outros mais novo, mas agora esses novo não tão mais.... parece que eles não fica interessado em estar conservando.

D. Albertina a mãe de D. Geralda lá da quitanda é que cuidava das roupas lá da igreja, da limpeza da igreja, depois ela foi ficando mais velha, agora a gente tá aí ajudando a cuidar da faxina da igreja, cuidar das roupas da igreja que eu cuido.

A narrativa de Dona Elizabeth inicialmente nos chama atenção pela disposição dela em falar sobre sua história familiar com relação à Festa. Halbwachs (1959) aponta que a memória de um indivíduo irá depender do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, e todos os grupos de referência e convívio particulares a esse indivíduo. É o que fica muito evidente na narração de Dona Elizabeth, em especial nos fragmentos grifados.

As lembranças da protagonista são feitas por referência ao quadro familiar. O pai, os tios, a mãe da amiga, Dona Geralda, e é através da pertença a um grupo social que os indivíduos são capazes de adquirir e evocar as suas memórias, embebendo a memória

¹⁴ A comunidade quilombola do Baú localiza-se no município de Serro, na região do Vale do Jequitinhonha a 25 km da cidade sede. A comunidade mantém parentesco com os moradores do quilombo de Ausente. Há relatos que eles seriam de origem banto, da região centro-sul do continente. Na comunidade há evangélicos e católicos. No dia 19 de setembro é comemorada a festa de N.S.do Rosário no distrito de Milho Verde da qual eles participam. Alguns moradores ainda falam frases em banto originadas da matriz africana e entoam cânticos em Vissungo ao velar mortos e nos trabalhos na roça. Mantém ainda outros rituais típicos da cultura. Já a comunidade quilombola do Ausente ou do Córrego do Ausente localiza-se no município de Serro, na região do Vale do Jequitinhonha. A comunidade é dispersa e está subdividida nos lugares denominados Papagaio, Massangana, Ausente de Cima e Ausente de Baixo. Fica a 3km do distrito de Milho Verde.

individual na memória do grupo, a memória coletiva.

O mesmo percebemos na narrativa de Dona Dalva, católica fervorosa e conhecida benzedeira na região.

Hoje tá um pouco meia sem graça. Por que antigamente ela era mais original porque tinha matina, batia no sino meu Tio Juca de Mídio, irmão da minha mãe, e saía essa rua toda batendo caixa e uma pessoa lá tocando o sino.

Marujo, já dois anos que não dança, a marujada daqui! Diz que Assis tinha morrido, é um companheiro da Marujada. O Jhone, de João Fabiano, deu testemunha lá que, por conta da homenagem ao amigo, ninguém saiu dançando. Deveria dançar pra homenagear o corpo, né? Não dançô!

Não dançô esse ano também. A Marujada daqui não saiu, tá terminando por falta de quê que eu não sei! Porque a tradição de receber os dançantes é com nós todos, todas festas eu ajudo.

E isso que tá me deixando triste viu, Gilson? É os dançantes parando, eu queria que eles ficassem no lugar. Falei com João agora na folia. Ele foi clamar no pai dele que nos rezamos pra esses fulião todos que já foram. Nas orações todas, nós estamos pondo na mão de Deus os que já foi, como Geraldo Miúdo, todos eles que dançaram e já faleceram nós pusemos na mão de Deus, nestes dias da folia, todos nós estamos orando pra eles.

Mas eu falei assim: porque vocês novos não pode ficar no lugar deles? Fica! Pega essa tradição não custa nada, não arranca pedaço, pode é prosperar a vida da gente pra melhor.

Nessa história ou nessas histórias destes velhos de Milho Verde, mais precisamente falando, os tempos e os espaços, discutidos por Halbwachs (1959), são reveladores de identidade e ajudam a nos identificar o que mudou e o que permaneceu nos rituais da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Dona Geralda nos parece uma verdadeira “mestra no ofício da narração”. Conforme vamos tentar perceber ao longo deste novo fragmento da narrativa da quitandeira, ela volta-se para o espaço da festa e retrata memórias advindas de diferentes esperas, entre as quais, a da família, da religiosidade, os espaços de trabalho, dos espaços rituais da festa.

De primeiro era assim: o padre vinha, o padre chegava sexta feira, ficava a sexta feira e tinha a celebração, sábado tinha a celebração da bandeira, a sexta feira era o último dia da novena era celebração do último dia da novena, e no sábado tinha a celebração da bandeira, era missa, trazia a bandeira ,vinha, celebrava a missa, depois da missa ia estiar a bandeira.

Ia na casa do mordomo do mastro, tirava a bandeira e vinha os Catopê acompanhava mas, assim, porém, todo mundo, ninguém vinha fardado, ninguém ia de coisa não, ia de roupa normal mesmo. Aí trazia a bandeira pra igreja, lá rezava igual reza, estiava a bandeira, depois da bandeira eles dançava ao redor do mastro, os catopê do Baú, tinha uns Catopê antigo do Baú, Ausente, que aquilo cantava com a voz grossa, cantando bonito, né!

É principalmente na história que o velho viveu que a memória coletiva está ancorada. É para ela que os velhos narradores se voltaram para realizar o trabalho de reconstruir os eventos que são importantes para eles sobre a festa. Como diz Pierre Nora, “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e objeto. A história se liga apenas às continuidades temporais, às evoluções e às relações entre as coisas” (NORA, 1993, p. XIX).

Adota-se aqui essa visão, de que a entrevista oral não é um exercício de um resgate de memórias objetivas, que estejam disponíveis em algum lugar para serem resgatada, mas que se trata de uma negociação, e da produção de um novo conteúdo. Neste sentido, acreditamos que a utilização da metodologia da história oral possibilita ao mesmo tempo interpretar o que Pierre Nora cunhou como “lugares de memória”, aquilo que é ao mesmo tempo material, simbólico, lugares que anunciam, onde a memória, promovida ao centro da história, é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento”, um fenômeno sempre atual, “um elo vivido no eterno presente”. (NORA, 1993, p.9).

Dona Geralda conduziu sua narrativa para a “sua época”, o “seu tempo” de mocidade, “de primeiro”. No processo de reconstrução dos acontecimentos vivenciados, em alguns momentos predominou os “componentes individuais” e em outros os coletivos, sempre com o amparo de testemunhas que também viveram este tempo: o padre, o mordomo do mastro, “os catopê do Bau e do Ausente”. É para eles e para os espaços com eles compartilhados que se volta para reconstituir suas lembranças.

4.2 O papel das mulheres ao longo da festa

Antes de analisarmos o papel das mulheres na festa de Nossa Senhora do Rosário, a partir das velhas protagonistas de Milho Verde, vamos abordar como se desenvolvem os rituais ao longo do festejo. Sabemos que sagrado é marcante ao longo da festa e que os ternos

realizam o cortejo e a coroação do rei e da rainha congos, marcando uma forte ligação com os ancestrais africanos.

O rei e a rainha da festa ou perpétuos variam anualmente oferecendo a comida e organizando a festa e são considerados autoridades respeitadas, a quem os “ternos” prestam homenagens e reverências com cortejos, danças, cânticos e toques de tambores. A performance do Congado procura, de certa forma, reproduzir este ritual mítico, por meio de cânticos e batuques, com o carregamento da santa, além da coroação do rei e da rainha congos.

No cortejo, os dançantes, normalmente estão caracterizados de modo a evocar a simbologia e a memória africana e afro-brasileira, procurando integrar as novas gerações ao conhecimento do sagrado e dos rituais que envolvem a festa.

Há no Congado forte hierarquia, sendo o capitão o responsável por entoar os cânticos. Raramente vemos mulheres assumindo este papel, pois isso faz parte de um longo processo de afirmação masculina dentro e fora dos grupos de congadeiros. Elas participam como rainhas, princesas e bandeireiras, ou ainda como responsáveis pelos enfeites e pela comida servida nas festas, mantendo um papel de menor visibilidade pública

Tendo como pressuposto básico que coletar memórias significa recompor processos coletivos a partir do relato individual, que nos encaminhamos para outro fragmento do relato de Dona Elizabeth. Ela detalha como é o processo de trabalho das mulheres na ornamentação e cuidados com a Igreja e na produção de doces antes e durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Mas na hora da ornamentação da igreja tudo é... Tem uma equipe aí que a gente vai lá e organiza tudo direitinho, pra ficar bonito, né? A igreja no dia da festa pra Nossa Senhora do Rosário.

Tem muita comida e os doces, ne? Então, já tem muitos anos que eu faço esse doce pras pessoas que fazem a festa do Rosário. Elas trazem as coisas pra gente fazer, é uma ajuda que eu faço pra festa de estar fazendo o doce sem estar cobrando nada porque eu acho que a gente tem que ajudar, seja pessoa daqui que faça a festa ou pessoas de fora que venha fazer a festa sempre eu faço esse negócio do doce que eu gosto de fazer, elas trazem as coisas pra cá e a gente faz aqui nesse espaço que eu tenho aqui que eu faço os doces.

A gente procura fazer bem-feitinho pra poder agradar as pessoas.

Então é essa a tradição da nossa festa do Rosário.

A gratuidade no fazer os doces, sua circulação entre os festeiros, a organização dos ornamentos e sua boniteza compõem a festa e exercem uma importante função social e se constituem um campo muito fértil para a reflexão sobre as continuidades na sociedade bem como, também, seus movimentos de transição e ruptura. A religiosidade e as festas permanecem atuando na reativação da memória coletiva e estas continuidades e rupturas se relacionam a modos de vida permeados por formas de cooperação, solidariedade e vizinhança, muito comuns sobretudo entre as mulheres das pequenas cidades. “A cultura popular está permeada por múltiplos atores, lastreada de continuidade/descontinuidades, contraposta por historicidades diversas (PASSOS, 2002, p.168).

A compreensão dos diversos significados das festas faz com que sua concepção não se restrinja apenas às suas formas manifestas, como nas abordagens folcloristas, não se tratando, portanto, um ato congelado e repetitivo. De acordo com Passos, devemos vê-los como um processo cultural vivenciado no seio da sociedade, através de um conjunto de práticas diversas e dispersas), instituindo maneiras de fazer, de atualizar e de expressar recriadas e reinventadas ao longo do tempo. (PASSOS, 2002, p.169).

Fazer a festa para Dona Elizabeth é não apenas manter a tradição, mas revivê-la, reatualizar em ato o que é potência para a comunidade, a festa não se realiza sem a participação direta dos envolvidos.

4.2.1 A gratuidade e a generosidade feminina

As festas ajudam a valorizar e a ressignificar tradições em meio ao avanço da vida urbana. É o que se percebemos na narrativa de Dona Elizabeth. Ainda a partir da narrativa desta personagem, podemos avaliar que a atuação de grande parte das mulheres durante a festa faz parte do que poderíamos considerar lugares importantes em todo o festejo, como os do preparo da comida, da costura das roupas e bandeiras, ou ainda exercer o papel das mulheres que carregam os estandartes, à frente do cortejo, com imagens dos santos, como Nossa Senhora do Rosário.

Dona Elizabeth parece sentir orgulho de seu trabalho como doceira, como alguém que contribui para alimentar os ternos que participam da festa. Ela inclusive faz questão de

reforçar em sua narrativa que faz isso de forma gratuita, de maneira a contribuir com os preparativos da festa.

“é uma ajuda que eu faço pra festa de estar fazendo o doce sem estar cobrando nada porque eu acho que a gente tem que ajudar... [...] A gente procura fazer bem-feitinho pra poder agradar as pessoas.”

Tradicionalmente, a comida sempre fez parte do ritual religioso de oferecimento do trabalho às entidades religiosas. O mesmo pode-se dizer da feitura e manuseio das fardas e adereços, que levam meses elaborando, ou sobre o ato de carregar as bandeiras, que são beijadas durante todo o cortejo, por fieis que assistem a procissão, que se ajoelham e pedem a bênção. Entretanto, algumas mudanças são destacadas por outra entrevistada, principalmente no que tange ao modo de preparo da comida e atuação dos convivas durante os festejos. Vejamos os relatos de Dona Geralda, a quitandeira, sobre os afazeres das mulheres e as mudanças pelas quais vem passando:

A participação das mulheres, a participação era de ajudar fazer os doces, fazer as quitandas, cozinhar, né? Fazer de primeiro, hoje em dia compra essa galinhada limpa, que é galinha de granja, essas coisas já compra limpa, né? Antigamente, não! Antigamente tinha que matar, limpar tudo, então juntava esse pessoal, se a rainha fosse lá do Baú, eles sempre tinha!

Era a rainha lá do Baú, vinha as mulheres do Baú, juntava com as mulheres daqui, que todo mundo ajudava, ajudava muito e não era...Não tinha ninguém pago, hoje em dia tem que pagar cozinheira, tem essas bobagens tudo, né? Antigamente ninguém recebia nada por isso era o prazer que tinha de fazer para Nossa Senhora do Rosário.

E então, a comida era para todo mundo, pessoal de fora que vinha e que as comunidades de perto que antigamente não existia turismo aqui, era o pessoal mesmo das comunidade daqui de arredor que aí pegava e todo mundo comia na casa do rei e da rainha, mas todo mundo doava também, todo mundo doava as coisas.

Aí bom... depois que todo mundo comia, vinha o catopé se acabasse primeiro, vinha ao redor da mesa, dançava ao redor da mesa, agradecia a rainha agradecia rei, agradecia as cozinheiras, agradecia as ajudantes agradecia tudo e saia. Aí vinha a marujada, terminou de almoçar depois, né! Vinha elas pela mesma forma rodeavam a mesa todo mundo dançando e cantando agradecendo rei, rainha, cozinheira e coisa cantando.

Mas hoje em dia não, hoje em dia é mais misturado, é servindo e não sei... O povo antigamente tinha, como se diz... Não tinha estudo, não tinha nada,

cada um aprendia pela memória mesmo, né? E sabia respeitar as coisas, sabia se organizar pra acontecer o melhor que fosse.

4.3 Tensões, mudanças e permanências

Bosi (1989) afirma que o importante da narrativa está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida. No que foi lembrado é possível verificar que o sujeito opera, pela memória, uma síntese evocatória daquela que foi e é a sua identidade. Uma identidade construída socialmente e ancorada nos espaços físicos e sociais experienciados pelo sujeito ao longo do seu trajeto de vida.

Como já dissemos anteriormente, durante muito tempo o papel de dançantes e caixeiros, assim como a função de capitão, eram exclusividades masculinas, mas certa movimentação e trânsito feminino nos agrupamentos mostrou um deslocamento desta divisão binária na Festa de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde, como podemos perceber nos relatos de Dona Cida.

Hoje, Cida, que é proprietária de um Centro Religioso de Umbanda, na cidade do Serro, tornou-se a primeira mulher a ser chefe de guarda e a exercer a função de capitã dos Caboclinhos, o terno que simboliza os índios no ritual da festa. Além de ser capitã, ela formou um grupo exclusivamente feminino que participa ativamente da festa. Vejamos o relato de Dona Cida:

Quem teve a ideia não fui eu, foi o meu cunhado Antônio Valerio, a verdade tem que ser dita né? Só que mexer com meninas é complicado, aí ele parou e eu continuei com elas e estou até hoje.

Antes não tinha vestes direito, a gente pediu um pano daqui um pedaço de pano de lá, emendamos tudo, não é mãe? *(se dirige à mãe, que também participou da conversa)*. E pra fazer as roupas, não tinha penas, daquelas penas enfeitadas colorida, nos saímos pros galinheiros a fora rancando penas das galinhas (risadas).

Levei várias bicadas pra fazer o penacho, capacete, né? Das meninas. Aí depois, alguém lá do Serro me deu umas penas, aí já fomos botando pena de galinha com uma pena enfeitando no meio das penas coloridas.

Só que eu e compadre Antônio inventamos “caboquinhas meninas” porque muita menina que tinha aqui e tem que botar essas meninas pra fazer alguma

coisa na religião, né? Para elas entender o que é fé e elas gostam do que elas faz!

Só existia marujada e os catopês, não existia mais caboclinhos. Compadre Antônio inventou e eu junto com ele. Depois ele parou e eu continuei.

Caboclo do Serro é caboclo vestido de pena, é aquela roupa deles, aquilo lá é muito antigo, vem de geração e eu jamais penso em fazer igual nem a eles nem aos catopês nem à Marujada. Não quero passar na frente de ninguém, só quero fazer o que a gente faz com amor e vamos mudando cada dia que passa a gente inventa uma moda. Quando o pessoal pensa que o grupo tá acabando, a gente chega com uma novidade e vamos lá!

O crescimento de outras religiões, a lógica consumista da sociedade contemporânea, o avanço técnico-científico, o esfriamento da fé, o processo de modernização e urbanização, a individualização decorrente do processo civilizatório, figuram entre as razões dessas transformações, muitas delas interferiram na realização e na percepção das festas religiosas.

Podemos imaginar que tais mudanças foram operacionalizadas por forças coercitivas sociais que acabam encontrando brechas para que escape alguma resistência, como faz Dona Cida.

A narrativa de Dona Cida é suficiente para mostrar como as tradições podem manter-se, seja através da repetição cultural, que afeta gerações inteiras, seja através de formas criativas de ajustamento temporal e espacial, que atingem segmentos determinados, porém expressivos, da comunidade católica que mobiliza a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

A “modernidade” trouxe muitas mudanças nas formas de representar esses rituais religiosos. Em sua essência, continuam os mesmos, continuam simbolizando a reverência à Nossa Senhora mas, para muitos, que integram outras gerações (crianças, adolescentes, jovens e adultos mais jovens), o simbolismo não é o mesmo, perdeu o encanto.

Em Dona Geralda a fé é indiscutível e miraculosa. Porém, tal como acontece com Dona Cida, considera que a devoção à Nossa Senhora do Rosário um caso de “tradição que está sendo permanentemente reinventada”, mesmo que a contragosto de alguns fiéis e, que nós acrescentamos, ser compatível com os tempos de globalização e pós-modernidade.

O padre celebrava a missa e entregava, fazia a entrega da coroa, aí fazia as entregas das coroas aos novos reis. Eles iam levar os novos reis pra casa do rei, né? E lá entregava... o rei entregava a rainha na casa dela também... Aí eles saíam despedindo, Catopê prum lado, marujada pro outro despedindo das casas nas portas

Nas casas sempre todo mundo tinha fieis carregando andor com Nossa senhora do Rosário, entrando na igreja para guardar a santa, fieis rezando ao pé da santa. Em cada casa cada casa que eles fossem cada um oferecia uma coisa para eles, uma bebida, uma coisa qualquer, um doce, e aí entregava todo mundo e tava a festa terminada na segunda feira, hoje em dia entrega tudo é num dia só, né?

Eu não gosto muito de ficar lembrando que eu lembro do meu marido, (silencio). Muita coisa faz a gente ficar recordando muita coisa do passado muita coisa (breve silencio)

O padre não gosta que bate muito sino não. Todo dia, a vida toda é assim: bate três vezes o sino que é pra poder começar a novena, né?

Que eu vi, começou a novena sem bater sino. Eu estava esperando bater sino, cadê o sino? Cadê? Quando eu escutei daqui que aqui é pertinho, já estava é começando a rezar lá e eu sai correndo pra poder rezar a novena lá!

Bate sino uma vez, dois dias, uma vez só na hora da novena. Que todo dia batia três vezes pra todo mundo escuta e ir ver e saber que tá começando, que a última vez é começo que é pra todo mundo começar e ir chegando na igreja, mas hoje em dia não, ele não gosta muito que bate sino, não!

Mas vocês não viram a benção de Nossa senhora do Rosário! Cês prestaram atenção? Garanto que ninguém prestaram atenção nessas coisas!

Eu prestei atenção! Prestei atenção! Pro cês vê que Nossa Senhora gosta das coisas é certa e os trem é certo!

Coisa de show de padre, show dessas pessoas, depois da coisa que é assim ia ter esse show, né? O que que Nossa senhora mandou pra nós, que todo mundo foi embora? Não ficou ninguém? Ela mandou a chuva do céu que nos estava numa sequidão horrorosa uma poeira horrorosa.

Nossa senhora Mandou a chuva e não teve Show de padre! não teve show de ninguém! Todo mundo foi pra casa dormir.

O que que é? Nossa Senhora que viu que as coisas não estavam certas. Eu fiquei e falei: Olhe não abuse com Nossa Senhora não, que ela é poderosa! Ela é poderosa, garanto que ninguém prestou atenção nisso e eu fiquei prestando a atenção. Porque que na hora que... teve o mastro, num teve chuva? O resto da novena, não teve chuva?

Na hora que foi começar ali as águas fez chuva! Deus mandou, ela mandou lá do céu pra nos. Deus evocou, Deus lá que mandou uma chuva que a cento e tantos dias que não chovia aqui, que não tinha chuva, não tinha nada apareceu aquela chuvona aí! Que graças a Deus mandou pra nos.

Teve Show? Nossa Senhora do Rosário, minha fia é boa demais! Ela tem as virtudes dela, que ela manda as graças pra gente, ela pede Deus lá que manda as graças sem a gente nem perceber!

Foi bom né? Já falei bastante. Já falei bastante. Eu fiquei só escutando, cadê o show do padre? Cadê o show, do padre que ia fazer o show?

A partir de práticas discretas e localizadas, iniciativas de determinados grupos sociais dão a essa devoção uma extensão e um significado mais atualizado. O que está em foco é a continuidade do próprio do culto secular à virgem poderosa, expressão do imaginário coletivo, e que sempre ocupou, no seio do catolicismo, um lugar privilegiado, e que se vê constantemente reafirmado.

4.4 A fé e a religiosidade

É para os espaços do trabalho, da família e da religião, muitas vezes entrelaçados, que Dona Geralda se volta para localizar e reconstituir suas experiências significativas. Uma lembrança que, a princípio, parece individual, mas que, com um olhar mais atento, mostra seu caráter social. Os costumes e a religiosidade do grupo fizeram com que a fé em Nossa Senhora do Rosário se perpetuasse.

A gente vivia da promessa de nossa Senhora do Rosário de curar muitas doenças. Tem muitas graças recebidas por Nossa Senhora do Rosário muitas pessoas, aqui pra nós não existia médico, não existia quase nada aqui pra gente, tudo era muito difícil. Nós não tinha estrada, nós não tinha nada, nós era a mesma coisa de bicho morando no mato, a mesma coisa de índio.

Assim, como Dona Geralda, Dona Cida, acredita que “a fé remove montanhas”. A crença de toda uma vida depositada numa instância divina, única e poderosa, a despeito das versões e denominações que possa assumir. Para a religiosa, a fé é um “santo remédio”. Acalma, alivia, cura, traz a certeza de que “dias melhores virão”. É de uma eficácia simbólica inegável. A agonia deu lugar à “normalidade”. Uma generosidade cristã que sempre lhe acompanhou e que está incorporada na forma como vivência o seu tempo atual. Um tempo dedicado à família, à religião, às amigas e à ajuda ao próximo. A propósito, ela própria continua, e com muito empenho, fazendo preces diárias e participando ativamente da festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário. Vejamos a narrativa de Dalva:

Tem muito testemunho sobre essa santa viu! Cê tá querendo saber, você vai saber um pedacinho aí:

Minha patroa, eu tava trabalhando pra comprar a despesa, ajudar comprar, que eu achava que ninguém não ia dar o suficiente, eu fui trabalhar, dava um pouquinho pra casa, pra fazer comidinha pros meninos e um pouquinho eu punha lá na caixinha pra Nossa Senhora.

Eu tava guardando com uma patroa minha, ela falou assim: D. Dalva, eu vou dar a senhora cinco reais para ajudar, ajuda?

Eu falei: ajuda muito, pouco com Deus é muito e muito sem Deus não é nada, ajuda de mais. Mas na hora ela queria que eu trabalhasse na quinta feira e eu já vinha atrasada, ela queria que eu trabalhasse na quinta feira e eu não fui, então, ela pegou os cinco reais que ela tinha dado pra Nossa Senhora.

Ela pegou o dinheiro, os cinco reais e na hora, na hora que eu fui pegar o dinheiro que estava guardado com ela, ela falou:

Oh! D. Dalva, tirei aqueles cinco reais vou precisar comprar uns remédios. Mulher rica! Ela tem de tudo!

Eu pisei, parecia que eu estava pisando numa taboa de taxa de pregar sapato, espinhei toda dos pés à cabeça. Falava: não tem problema não D. Eloisa, Deus me ajuda que eu vou dar conta.

Oh! Gilson pior coisa, né? (se dirige a mim)

Quando eu cheguei lá, ela falou assim:

Oh! Dalva, a festa teve boa?

Eu falei: maravilhosamente bem D. Eloisa, e a senhora ficou bem aí?

Ela falou: Eu não! Eu falei: Por que? Ela respondeu:

A minha netinha do soldado, do Mauro, senhora sabe quem? Falei: sei!

Aquela menina faleceu, ficou igual à Nossa Senhora no caixão!

Tinha dela dar esse testemunho pra mim porque Nossa Senhora ia receber os cinco reais dela, talvez Nossa Senhora... O problema que a menina tivesse lá, talvez Nossa Senhora segurasse o problema pra ela, né? Se ela tivesse a fé junto com a minha.

Segundo Inês Teixeira (1996) a cultura também se inscreve em relações de força e poder: “Nesse quadro, a criação e transmissão de códigos e padrões culturais torna-se um

campo de contradições, tensões e embates, pela imposição e hegemonia de significações culturais.” (TEIXEIRA, 1996, p.184).

Desta forma, essa dinâmica cultural interfere na configuração do distrito de Milho Verde em torno as disputas por significações culturais, sofrendo parte das derrotas de uma incorporação de signos culturais estranhos e muitas vezes contraditórios com seu quadro cultural e com o modo de vida de grande parte de sua população.

A comunidade de Milho Verde vive, então, uma transição de meios de vida rurais para novas relações com caráter mais urbano, transição esta que inclusive atrapalha a identidade do distrito que não é mais rural e não é ainda urbano

Diz-nos Dona Maria Coração

Antigamente, a festa de Nossa Senhora do Rosário era muito boa, era oito dias de novena que era! Vinha muita gente, tinha os catopé tinha os marujos porque a festa daqui era da antiguidade era dos escravos foi os escravos que fundo é tanto que a igreja daqui tinha era os escravos que fez né?. Mas agora tá ficando mais resumida né? Por que os dançantes mesmo tão morrendo muito já morrerão muito já tá diminuindo os marujos também já tá diminuindo os chefes do marujos já faleceram né? Tem os marujos aí mas não é igual antigamente não, mas era muito animado e muito bonita que era muito animada muito bonita e a quase que era a rainha era só gente escura que saia né? Gente preta agora não tem muita gente que vem pede prá sair pede de belo Horizonte , do Serro então agora graças a Deus.

Mas a festa daqui agora não é igual a de antigamente não é igual antigamente não.

Tem o mastro no sábado no domingo tem a procissão e já entrega a coroa, tá diferente né?, Agora com dar a comida tudo doce essas coisas tá do mesmo jeito né?.

A festa lá do Nossa Senhora do Rosário é lá do Baú ne? Foi os escravos, a igreja que tinha aqui é, a igreja que tinha aqui era do tamanho do cemitério essa igreja daí todo mundo tem muita coisa com ela, que fala que essa daí é dos pobre e dos pretos que a outra lá que é dos ricos e dos pobre, dos ricos e dos brancos por tanto que essa daqui o povo tem muita coisa com ela né? com a de lá Nossa Senhora dos Prazeres não tem não.

Já fiz a festa de nossa Senhora dos Prazeres nove anos, nove vezes e a gente mesmo é que tem de lutar e fazer a festa porque lá eles não tem muita coisa com a igreja de lá não! Fala que ela é dos brancos e dos ricos, agora essa daqui não todo mundo tem muita coisa com ela, e tem a festa aí e faz a festa até hoje.

Rainha não , eu já fui juíza né? Tinha até vontade de ser rainha mas agora não aguento mais tô com oitenta e nove anos e não tô podendoné? Agora alguma coisa eu faço, agora vou fazer a festa de São Sebastião que toda festa que tem aí eu ajudo sou ajudante.

E tem outra que sai nas festas dela é sempre só os Catopê e a Marujada que antigamente que tirou ela do mar né? Que foi as dança foi a musica foi os caboclo ninguém não conseguiu tirar ela do mar então quando foi os Catopês foi que ela saiu do mar por tanto que é os Catopê é que tira ela que tem a dança dela né? Os catopê que tira a dança dela.

E tem São Benedito, um pretinho que sai com ela e esse não larga ela quando foi uma vez ela estava São Benedito estava em Belo Horizonte retocando ele lá, então fizeram a procissão dela que não podia deixar de não fazer né? Então saiu com ela então quando chegou ali na porta da pousada não seguia de forma nenhuma não seguia não teve que voltar com ela pra igreja porque São Benedito não estava junto com ela.

Toda vida eu cantei toda vida fui cantora de igreja né? Aí eu ia por tanto até quando tem a reza aí que tem os coisa sempre eu que vou pra cantar os cânticos dela né?.

Todo mundo tem muita fé com ela. Agora com a Senhora dos prazeres também tem mas né? Eles tem mais é com essa mesmo.

Como podemos perceber, ao narrar suas experiências com a Festa de Nossa Senhora do Rosário, Dona Maria Coração, relaciona-se organicamente com os outros, liga-se à sociedade em que vive, a certas representações sociais (ideologias, crenças, senso comum). Utilizando a perspectiva da Psicologia Social de Ecléa Bosi “o sujeito sanciona axiologicamente essa alteridade, “familiariza-se” com ela., é o que acontece por exemplo quando ela rememora uma festa ainda com a participação desses outros que lhe são familiares, como os catopês, os marujos

Diante do fluxo incessante dos acontecimentos, da multiplicidade de experiências passadas e presentes, realiza uma ancoragem em um espaço e tempo definido conforme Halwachs (1959), em que, diante de um interlocutor, realizando o que poderíamos chamar de um ato de autoobjetivação, ao falar de si como um eu em um tempo, lá, antigamente.

O narrado passa a se constituir em uma evidência para o sujeito, as lentes pelas quais ela enxerga a si e ao mundo, realiza gestos de avaliação de si e dos outros.

Através das vozes relatadas de maneira indeterminada pelo verbo “falam”, pelo pronome eles e pela expressão “todo mundo” podemos observar índices das representações sociais, de seu valor prescritivo e coercitivo a determinar as visões de mundo, recontextualizando o discurso do outro em suas memórias. Baseando-se em suas visões de mundo atuais, ela avalia, positiva ou negativamente, esses outros que os atravessaram ou que atravessam sua existência, buscando em suas memórias a sensação de pertencimento.

Nas palavras Bosi:

“A memória oral, longe da unilateralidade, para a qual tendentes certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles. E aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história: ela ilustra o que chamamos hoje história das mentalidades, a história das sensibilidades (BOSI, 2003, p.15)

Em suas memórias Dona Coração retoma a lenda de que Nossa Senhora do Rosário surgiu de repente sobre o mar. Os índios ou caboclinhos foram chamá-la e ela os ignorou. Os marinheiros brancos, conhecidos como marujos, foram à praia levando padres e banda de música e a santa nem se moveu. Só então permitiram que os escravos tentassem: na beira do mar, de pés descalços, eles bateram os tambores tão forte que comoveram a mãe de Deus. E ela veio para a terra.

Para a historiografia oficial, a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde tem suas origens na época colonial, e está relacionada à Batalha de Lepanto, como já dissemos na parte inicial desta dissertação.

No entanto, para a população de Milho Verde a história é outra. Os repertórios nativos baseiam-se em mitos populares que, compartilhados entre os membros da comunidade e os grupos que compõem a festa, criam uma espécie de narrativa que serve como justificativa às representações e simbolismos adotados durante as celebrações. Os relatos buscam uma reconstrução histórica e mítica, fundindo a história de ocupação da região a antigos mitos populares sobre aparições da Virgem Maria.

Atento às dimensões míticas presentes nas narrativas, Portelli (2005) diz da função do mito em "reconciliar os opostos" (p. 121), ou seja, não se trata de inventar uma história para narrar, mas encontrar na cultura significados que suportem tais mitos, que justifiquem e potencializem a existência individual no coletivo, a adesão às ilusões sociais.

O autor ressalta ainda, que não se trata de retirar a legitimidade de quem fala, mas compreender que a memória que procede a narrativa é mediada socialmente, contudo não se restringe à memória social, a menos quando apresentada, ressaltada por meio do mito presente nas relações sociais.

Parece ser justamente na possibilidade de revelação das contradições que ainda emergem das narrativas que reside a força da História Oral como método de pesquisa e como

método de intervenção social, por mais que tais contradições sejam limadas pela coesão social e omitidas tanto nas ciências, quanto nas concepções do indivíduo sobre suas memórias.

Ao rememorar a narrativa tradicional, Dona Coração deixa rastros no seu dizer da alteridade que a constitui. Ela reconstrói e interpreta fatos, vivências, realiza relações de adesão, admiração, identificação em relação às representações sociais, a modelos de ser, a pontos de vista. “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo” (BOSI, 2003, p. 31)

Assim, a morte pode ser um desses identificadores posto que a partida de um amigo querido parece ser uma lembrança recorrente entre os nossos pesquisados. Mas algumas se inscrevem na lembrança de forma marcante, como revela o relato de Vavá.

Antigamente eu conhecia a turma veia do Catopê, conhecia essa turma maravilhosa, a turma do catopé era uma turma grande antigamente no tempo de Laurindo, de Bastião, Fabiano e aprendi muitas coisas com o chefe: bater caixa, (Vavá batuca na mesa e canta)

- Nosso rei dimbá sá raê de má! Nosso rei dimbá sá raê de má! Oi dimba ê dimba que toca ô nosso rei dimbá!

Aprende muitas coisas boas, eu estou cantando só uma parte só, que eu aprendi foi muita coisa. Graça a eles, que já morreram, que já morreu, eu aprendi com eles. Agora, com Geraldo Miúdo, eu aprendi a bater sino.

Antigamente, o grupo era grande, a turma mais véia, né? Mas agora foi acabando, que muitos morreram a maior parte morreram, que dançava Catopê lá do Baú e outros passou pra outra religião, né?

Mas o grupo não está com boa... Com muita boa vontade não porque, mesmo esses pouquinho que tá dançando já num tá muito animado a dançar por isso que acabou né!

A festa é só coisa boa, só acontece coisas boas, maravilha, é barraca no sábado acontece o mastro, depois do mastro um forró beleza!

Agora! Só que tem que a festa pra mim só tem uma coisa: passou de meia noite é outras festas, é duas festas, depois de meia noite é até a hora que acontece o mastro, forró, meia noite e meia. Agora, é que que acontece? Agora passou de madrugada, torna a ser outras festas, né? Festa ruim, né?

Joga na INTERNET, na Globo quero que você faz isso pra mim! Na Globo na internet pro pessoal ver as coisas boas pra dar valor beleza? Correto? Pro pessoal dar valor aos grupos!

A nostalgia é evidenciada nas palavras proferidas por Vavá. O ontem, para ele, melhor do que hoje. É claro que seus posicionamentos estão relacionados ao fato de pertencer a um determinado grupo, dentro de um contexto sócio histórico. As lembranças da festa para Vavá evocam artefatos (a caixa, o sino), dispositivos simbólicos que remontam a espaços físicos, a redes de sociabilidades (Laurindo, Bastião, Fabiano) de interação social, marcantes em sua trajetória de vida.

A festa, como fenômeno que exige a emergência incessante de novos participantes, que formam um outro grupo etário e que entram em contato com a herança cultural de forma diferenciada, parece causar um certo estranhamento em Vavá, como fica evidente quando ele enuncia:

“Antigamente o grupo era grande, a turma mais véia, né? Mas agora foi acabando, que muitos morreram a maior parte morreram que dançava catopé, lá do Baú e outros passou pra outra religião ,né?, “Mas o grupo não está com boa... com muita boa vontade, não, porque, mesmo esses pouquinho que tá dançando já num tá muito animado a dançar, por isso que acabou, né?

A nova geração de dançantes não só renova o grupo e garante a permanência do social da Festa de Nossa Senhora do Rosário, como reforça os choques geracionais e as continuidades e rupturas que marcam o ritmo das mudanças sociais relacionadas à mesma.

Bosi (1989) indica que mesmo as reminiscências, as lembranças que parecem expressões íntimas do sujeito, emergem desencadeadas pela situação presente e seus vínculos com as instituições sociais, são suscitadas pelos laços afetivos e pelas circunstâncias de quem lembra.

A lembrança se organiza em imagens de acordo com a disposição psíquica e as percepções atuais da consciência, ao evocar os elementos que constituem o fato lembrado, a lembrança decodifica-se a partir das referências atuais, carregadas do sistema de representações que foi sendo construído durante a vida do indivíduo. “Na velhice a memória

cumpre ‘uma função religiosa’: unir o começo ao fim, tranquilizar as águas revoltas do presente alargando as suas margens pela narração do que é lembrado (BOSI, 1989, p. 82),

A fala final de Vavá sobre os rituais da Festa de Nossa Senhora do Rosário nos chama especial atenção. Ele diz: “Joga na internet, na Globo, quero que você faz isso pra mim! Na Globo, na internet, pro pessoal ver as coisas boas pra dar valor beleza? Correto? Pro pessoal dar valor aos grupos!

A grandeza simbólica e social dos rituais não impossibilitou, entretanto, que eles sofressem “influências”, ou melhor, uma reinserção na sociedade moderna que elegeu as mídias como a provedora de uma grande visibilidade. A racionalidade, pragmatismo e a utilidade para os rituais da festa parecem fazer sentido para Vavá, caso elas apareçam na TV e, assim, a sociedade da técnica interfere na realização dos rituais em geral.

Acredito que a gravação das imagens e da entrevista em vídeo fez aflorar um Vavá uma “atmosfera” da entrevista, pois como afirma Bosi, “as testemunhas orais (...) muitas vezes são dominadas por um processo de estereotipia e se dobras à memória institucional (...) essa força da memória coletiva, trabalhada pela ideologia, sobre a memória individual do recordador”, trata-se de uma “narrativa privilegiada”, “explicadora e legitimadora”, que “serve ao poder que a transmite e difunde” (BOSI, 2003, p. 18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indissociabilidade entre a importância da cultura imaterial das festas religiosas e as mudanças pelas quais elas vêm passando ao longo dos anos foi o ponto de partida desta dissertação que se propôs a refletir sobre estas mudanças a partir de lembranças de velhas (os).

Ao longo do tempo, as mudanças presentes na sociedade interferem sobre a festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde que, gradativamente, vai transmutando.

Mesmo tendo o status de patrimônio cultural local e fazerem parte das manifestações consideradas manifestações do catolicismo popular, elas escapam ilesas aos novos conflitos das sociedade pós-modernas.

A festa, como uma manifestação cultural, permanece inserida em um campo de forças onde sua existência e até mesmo desqualificação estão permanentemente em jogo. Relações com a instituição católica, relações com políticas públicas de apoio à cultura popular, acabam articulam a construção de novos significados em torno dessas festas, como ficou muito evidente na narrativa de Dona Geralda, que se ressentiu do padre da paróquia não gostar de tocar o sino antes da missa em louvor à santa, como sempre foi tradição na cidade.

Nesta dissertação optamos por trabalhar com as lembranças de cinco narradores, sendo quatro velhas e um velhos, todos com mais de 55 anos que nos contaram suas a história de vida e seu envolvimento com a festa de Nossa Senhora do Rosário ao longo do tempo. A partir de suas narrativas conseguimos identificar as mudanças e permanências nas práticas rituais, nas crenças em torno da festa.

A escolha dos velhos se deveu a uma série de fatores, dentre eles o fato dos velhos sobrevivente que presenciaram, ao longo de suas vidas, a morte de entes queridos, amigos, participando dos rituais da festa ao longo do tempo e, portanto, podendo narrá-los com propriedade. Com já viveram muito, vivenciaram grande parte das transformações que influenciaram na reelaboração do universo da festa de Nossa Senhora do Rosário.

São os velhos que ao reconstruir os acontecimentos do passado, podem fornecer elementos imprescindíveis para entender o momento presente; por fim, suas memórias não

são estritamente individuais, na medida em que estão entrelaçadas à memória da coletividade (BOSI, 1989; HALBWACHS, 1959).

Para nós o trabalho com as memórias de velhos se mostrou muito instigante e fértil para nós. Suas falas, repletas de significados, remetem a outros tempos e espaços, que, num trabalho de releitura, se mostram reveladores de identidades individuais e coletivas. Nesse sentido, o nosso trabalho é sobre o passado o que mudou, mas sobre o presente e o que permanece.

Dito isso, gostaria de reforçar algumas considerações finais que são fruto da nossa pesquisa. Os velhos incorporam uma nostalgia em seus relatos, um discurso, que nos parece muito comum em qualquer faixa etária que caracteriza a velhice, ou seja que o tempo passado é melhor do que o presente, que a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário feita em anos anteriores era maior, mais rica e melhor do que a festa dos dias de hoje.

Um dos aspectos da narrativa dos velhos que mais nos chamou a atenção foi o fato de que todos os velhos pesquisados dão importância inequívoca ao sagrado, em especial à fé católica, mas também percebemos diferenças nas narrativas de suas lembranças que nos mostraram uma pluralidade de significados sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário,

Outro aspecto marcante para nós foi perceber que ao rememorar a festa, os velhos não se preocuparam em fazê-lo numa ordem cronológica, da maneira como a festa acontecia, mas sim a partir de referências do presente, o que é de extrema relevância para interpretar nosso tempo. Ou seja, como diz Halbwachs (1959) a lembrança dos velhos está localizada em um quadro “tempo-espacial”, que se apoia em testemunhas que compõem um determinado grupo social.

Ao acompanhar as lembranças dos velhos, ficou muito evidente para nós que as lembranças se tornam mais claras à medida em que as relações entre o grupo é estreita e que o fenômeno de transmutação da festa de uma geração para a outra, renova e ao mesmo tempo garante a sobrevivência da festa no coletivo.

Os velhos pesquisados foram, no dizer de Walter Benjamin (1993), mestres na arte de narrar. Discorreram sobre suas vidas em outros tempos nos variados espaços da cidade de Milho Verde (o espaço da família, do trabalho, da religião) refazendo os principais acontecimentos de suas trajetórias, mas sempre indicando uma interdependência entre passado e presente.

Concluindo, é importante sublinhar que a valorização das memórias dos velhos, reforçou uma de nossas suposições iniciais de que elas, materializadas em um documentário

poderiam se tornar um reforço importante para a discussão da Festa de Nossa Senhora do Rosário como um importante patrimônio histórico e cultura do distrito de Milho Verde.

O trabalho com memórias de velhos é uma das possibilidades para refletir sobre as festas religiosas que são repletas de simbolismo. Por fim, acreditamos que resgatar a prática da narrativa oral é uma forma de registrar o dinamismo da história e o ritmo das mudanças presentes nos grupos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Dicionário Histórico Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995

BECKE **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: R Howard S. Editora Hucitec, 1999.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras Escolhidas, v. 1).

BOSI, E. (1979). **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras

BOSI, E. (2003a). **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial.

BOSI, E. (2003b). **Velhos amigos**. São Paulo: Companhia das Letras.

BRASILEIRO, Jeremias da Silva. **O ressoar dos tambores do Congado – entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas (1955 – 2011)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

BRASILEIRO, Jeremias da Silva. **Memória Viva da religiosidade Afrobrasileira nos Rituais de Congadas de Minas Gerais**. 2010. Disponível em: <http://jeremiasbrasileiro.com/19/12/2015>. Acesso em 28 de março de 2016.

COELHO, A.; MEIRA, E.C.R.; LIMA, P. L. O. Apresentação. In: LIMA, P. L. O. (Org.). **Fontes e Reflexões para o ensino de história indígena e afro-brasileira: uma contribuição da área de história** do PIBID/FaE/UFMG, Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Educação, 2012, p. 4-9. (Coleção PIBID Faz)

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Petrópolis, (RJ): Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

GEETZ, Clifford. **Uma descrição densa: Por Uma Teoria Interpretativa da Cultura**. In: **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. Zahar, 2008, p. 13 - 41

GRAÇAS, Elizabeth Mendes das. **Pesquisa Qualitativa e Perspectiva Fenomenológica: Fundamentos que norteiam sua trajetória**. REME- Revista Mineira de Enfermagem, Belo Horizonte, jan./dez. 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

____ Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Gustavo Soranz. Panorama do documentário no Brasil. Doc. on-line-line, n. 01 Dezembro 2006, p. 79-91. In: www.doc.ubi.pt.

HORTA, M.L.P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília, IPHAN, Museu Imperial, 1999,65 pp.

KOCK, Klara Friederike; GODOI, Christiane Kleinübing; LENZI, Fernando César. **Discussão e Prática da Autoetnografia: Um estudo sobre aprendizagem organizacional em uma situação de catástrofe**. Revista Gestão Organizacional. Vol. 5 - N. 1 – jan. /jun. 2012.

LACERDA, Aroldo (et. Al). **“As relações entre Educação e Patrimônio Cultural”**. In: **Patrimônio Cultural em Oficinas: atividades em contextos escolares**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015, p.11-36

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

MAIA, A; SOUZA, V. **A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos: memória, patrimônio e cultura popular**. In: Resgate – Revista Interdiscip. Cult. Campinas, v.25, n.1. p227-252, jan/jun.2017.

MIGLIORIN, Cezar. **Cinema e Escola, Sob O Risco Da Democracia**. Revista Contemporânea de educação, UFRJ, 2011

MELLO E SOUZA, Marina de. **Reis do congo no Brasil, séculos XVIII e XIX**. Revista de História USP 152 (1º - 2005), 79-98p.

MELLO E SOUZA, Marina de. **Reis negros no Brasil escravista, história da festa de coroação do rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papirus, 2006.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

PASSOS, Mauro. (organizador). **A festa na vida. Significado e Imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PEREIRA, Júnia Sales e ORIÁ, José Ricardo. **Desafios Teóricos da Educação e Patrimônio**. Revista Resgate – Centro de Memória UNICAMP, v.20 nº1, 2012

PEREIRA, Júnia Sales e RICCI, Cláudia Sapas. **Projeto do Curso Produção de Materiais didáticos para a diversidade: Patrimônio e Práticas de memória em uma perspectiva interdisciplinar**. Edital 06/2009 / SECAD / MEC.

PORTELLI Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral.** In Projeto História, n.15, p.13-50. São Paulo: PUC, 1997.

REGIS Vitor M.; FONSECA Tania M.G. Cartografia, estratégias de produção do conhecimento.

PORTELLI, A. (2001). **História Oral como gênero.** *Projeto História*, 22, 9-36

ROCHA, Glauber. **Revolução do Cinema Novo.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SILVA, M. K. Uma introdução à história oral. In: Pesquisa social empírica: métodos e técnicas. Cadernos de Sociologia, v.9. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/** Tomaz da Silva (org.), Stuart Hall, Kathyn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Simone B. Borges da; Silva, Laureci Ferreira da. **Etnografia e autoetnografia na formação de professores.** In: KLEIMAN, Angela B.; ASSIS, Alves Juliana (orgs.). Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016, p. 223-252.

TEIXEIRA, Inês A. C.; PÁDUA Karla C. **Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, II, 2006, Salvador. Anais... Salvador: [s.n.], 2006.

_____. Os professores como sujeitos sócio-culturais. In: DAYRELL, Juarez (org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura.. Belo Horizonte: UFMG, 1996

TORELLY, Luiz Philippe. **Patrimônio cultural. Notas sobre a evolução do conceito.** Arqtextos, São Paulo, ano 13, n. 149.04, Vitruvius, out. 2012 <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/13.149/4539>.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

ALFORRIA da Percepção: Festa de Nossa Senhora do Rosário. Direção: Cassio Gusson. Produção: Paulo Genestreti. Serro, MG. Dur. 17min 51seg. 2009. Disponível em: [http://portacurtas.org.br/filme/?name=alforria da percepcao festa de nossa senhora do ros ario](http://portacurtas.org.br/filme/?name=alforria%20da%20percepcao%20festa%20de%20nossa%20senhora%20do%20rosario)

ARUANDA. Direção: Linduarte Noronha. Produção: Linduarte Noronha e Rucker Vieira. João Pessoa, PB, 1960. Dur. 21min 21seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tyyVjwiguT4>

BABILÔNIA 2000. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: VideoFilmes, Cecip, Donald K. Ranvaud e Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro, 2001. Dur. 80 min.

BOCA de Lixo. Direção: Eduardo Coutinho. São Gonçalo, RJ, 1993. Dur. 49min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oZcTlC757mM>

CABRA Marcado para Morrer. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Mapa Filmes e Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro, 1984. Dur. 119 min.

CINQUENTA Anos do Reinado e Festa de Nossa Senhora do Rosário em Japaraíba Minas Gerais. Direção: Wender Salviano. Produção: Práxis Produções. Japaraíba, MG. 2017. Dur. 34min 44seg. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=QS2-ST10Rks>

CONGÁ. Direção: Marco Fé e Sergio Spina. São Paulo, 2017. 07 min 36 segs. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=swExWXBbi1c>

CONGADA – Reis Negros. Direção: Rodrigo Campos. Produção: Fam Filmes, Rede Minas, Fundação Pe. Anchieta. Belo Horizonte, Contagem, Pedro Leopoldo. MG. 2005. Dur. 51min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qd_8j50IhCs

CURANDEIROS do Jerê. Direção: Marcelo Abreu Góis. Produção: Marcelo Matos, Fernanda Sindlinger, Daniel Dourado. Rio de Janeiro, 2010. Dur. 25min 45seg.

EDIFÍCIO Master. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Vídeo Filmes. Rio de Janeiro, 2002. Dur. 110 min.

FÉ. Direção: Ricardo Dias. Produção: Cinematográfica Superfilmes. São Paulo, 1999. Dur. 91min

FÉ em Deus e nos Orixás. Direção: Felipe Moura, Frederico Kataoka, Juliana. Produção: Felipe Moura, Frederico Kataoka, Juliana. Pernambuco, 2002. 15min 09seg. Disponível em: http://curtadoc.tv/curta_tag/religiao/

FESTA de Nossa Senhora do Rosário. Direção: Pedro de Filippis. Produção: Pedro de Filippis. Serro, MG, 2012. Dur. 5min 30seg. Disponível em: <http://curtadoc.tv/curta/cultura-popular/festa-da-nossa-senhora-rosario>

FIO da Memória, O. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro - Funarj. Rio de Janeiro, 1991. Dur. 115 min.

FIM e o Princípio, O. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro, 2005. Dur. 110 min.

FRAGMENTOS da História: O Filme de Compilação – Debate com Eduardo Coutinho Sobre “Um Dia na Vida” 26 de abril de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JtR4lspJo8I>

INTEGRA conversa com Eduardo Coutinho na PUC – SP. Rede PUC – São Paulo, 27/04/2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eLSMA4qZm34>

INTEGRAÇÃO Racial. Direção: Paulo César Saraceni. Produção: MEC – Setor de Filmes Documentários da PHAN. Rio de Janeiro, 1964. Dur. 40min.

MEMÓRIA do Cangaço. Direção: Paulo Gil Soares. Produção: Thomaz Farkas. Rio de Janeiro, 1964. Dur. 29 min.

O PAÍS de São Saruê. Direção: Vladimir Carvalho. Produção: Vladimir Carvalho e João Ramiro. Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do norte, Ceara, 1966 – 1967 – 1970 – 1971. Dur.80min.

O POVO Brasileiro. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Produção: TV Cultura, GNT, Fundar. Rio de Janeiro, 2005. Dur. 280min.

PANORAMA do Cinema Brasileiro. Direção: Jurandyr Passos Noronha. Produção: Júlio Heilbron. Rio de Janeiro, 1968. Dur. 2h 20min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pHA2jPNASu4>

RAINHA. Direção: Franco Vasconcelos. Produção: Franco Vasconcelos, João José. Itaúna, MG. 2009. Dur. 16min.

RITUAIS e Festa bororo. Direção: Luiz Thomaz. Produção: Conselho Nacional de Proteção ao Índio. Rio de Janeiro, 1916.08-09. Dur. 26 min.

ROSÁRIO. Direção: Tomás Viana, Carol Kanashiro. Produção: Tomás Viana, Carol Kanashiro. Milho Verde - MG, 2012. Dur. 24min 25seg. Disponível em: <http://curtadoc.tv/curta/cultura-popular/rosario/>

SANTO Forte. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Cecip. Rio de Janeiro, 1999. Dur. 80 min.

SEIS Dias de Ouricuri. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Rede Globo. Rio de Janeiro, 1976. Dur. 41 min.

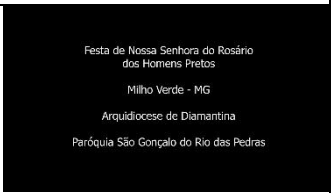
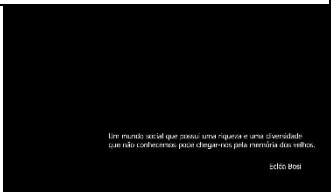
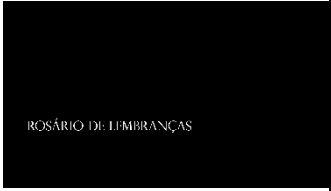
THEODORICO, imperador do sertão. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Rede Globo. Rio de Janeiro, 1978. Dur. 49 min.

ÚLTIMAS Conversas. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: VideoFilmes. Rio de Janeiro, 2015. Dur. 85 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LyBBcJAwagw>

VIRAMUNDO. Direção: Geraldo Sarno. Produção: Thomas Farkas. São Paulo, 1964 – 1965.
Dur. 40min

I – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO “ROSÁRIO DE LEMBRANÇAS”

ROTEIRO DOCUMENTÁRIO: ROSÁRIO DE LEMBRANÇAS				
Autor: Gilson Ferreira Silva				

CENA	TEMPO	AUDIO	IMAGEM	PLANO
01	00:00 Até 00:21	D. Geralda, cantando música inicial da Festa do Rosário, pedindo proteção à santa, para que corra tudo bem na festa.	Letreiro	
02	00:21 Até 00:34	D. Geralda, cantando música Inicial da Festa do Rosário,	Letreiro Epígrafe	
03	00:34 ATÉ 00:40	D. Geralda, cantando música Inicial da Festa do Rosário	Letreiro titulo	
04	00:40 Áté	TEXTO D. GERALDA	D. Geralda Mostrando fotos Da festa	
05	Continua	– Aqui é compadre Francisco, catopê, era o dançante do catopê	Foto Compadre Francisco	

06	Continua	Aqui é Sebastião que era mestre do Catopê.	Foto Sebastião, Mestre do Catopê	
07	Continua	Aqui já é esses “cabloquinos”, Aparecida, aí com os Cabloquinos, aí!	Foto Cabloquinhos ou Meninas do Rosário	
08	Continua	Aqui é meu marido mestre da Marujada.	Foto Sr. Geraldo Mestre da Marujada	
09	Continua	Aqui é Ivo, já fardado pra dançar o Catopê no domingo. É o mestre!	Foto Sr. Ivo. Mestre da Marujada	
10	Continua	Aqui, aqui já é o filho de Crispim, sendo guarda coroa que ele vem com a espada assim na frente limpando assim a rua e pra poder passar o andor o reinado, passar na rua, ele vem com a espada na frente comandando a coisa.	Foto Filho do Sr. Crispim, como guarda coroa	
11	Continua	Agora aqui desse lado a marujada, tá vendo aí a Marujada e desse lado de cá o catopê.	Foto marujada	
12	Continua	Vinha Zé Fabiano com Geraldo que era mestre da Marujada é contramestre, não: ele era, o Valmir, contra mestre que é o meu filho que é quem saiu no lugar dele e	D. Geralda	
13			Foto	

	Continua	Zé Fabiano o doutor da Marujada esses vem no meio e ajudando a arrumar, como eles falavam antigamente, os Gajeiros os dançantes chamava gajeiro eles vinha arrumando os gajeiros na fila certa prá poder vir certinha a fila.	Sr. Zé Fabiano	
14	Até 03:03	Aqui é Zé Fabiano, que era o Doutor da marujada, aí tá vendo? Já morreu também!	Foto Sr. Zé Fabiano	
15	03:03 ATÉ 03:21	Som ao fundo de mulheres cantando Ave Maria entra fusão narração D. Elizabete	Imagem da igreja do Rosário em Milho Verde.	
16	03:21	TEXTO – Os tios do meu pai eram chefes da dança também!	D. Elizabete, arrumando a igreja para a festa.	
17	Continua	É da marujada, e os outros amigos dele mais velhos, os negros lá do Baú, eram chefes do Catopê. né? Então essas danças eram tradicionais daqui da festa de Nossa Senhora do Rosário era a dança do catopê e da marujada. E depois foi passando	D. Elizabete	
18	Continua	para outros mais novo, mas agora esses novos não tão mais, parece que eles não fica interessado em estar conservando.	D. Elizabete	
19	Continua	D. Albertina a mãe de D. Geralda lá da quitanda é que cuidava das roupas lá da igreja da limpeza da igreja, depois		

		ela foi ficando mais velha, agora a gente tá aí ajudando a cuidar da faxina da igreja cuidar das roupas da igreja que eu cuido.	D. Elizabete	
20	Continua	Mas na hora da ornamentação da igreja tudo é tem uma equipe aí que a gente vai lá e organiza tudo direitinho prá ficar bonito né! a igreja no dia da festa prá Nossa Senhora do Rosário.	D. Elizabete	
21	Continua	Tem muita comida e os doces ne! Então, já tem muitos anos que eu faço esse doce pras pessoas que fazem a festa do Rosário, elas trazem	D. Elizabete	
22	Continua	as coisas pra gente fazer é uma ajuda que eu faço pra festa de estar fazendo o doce sem estar cobrando nada porque eu acho que a gente tem que ajudar, seja pessoa daqui que faça a festa ou pessoas de fora que venha fazer a festa sempre eu faço esse negócio do doce que eu gosto de fazer,	D. Elizabete	
23	Continua	elas trazem as coisas pra cá e a gente faz aqui nesse espaço que eu tenho aqui que eu faço os doces. A gente procura fazer bem-feitinho pra poder agradar as pessoas.	D. Elizabete	
24	Até 05:50	Então é essa a tradição da nossa festa do Rosário.	D. Elizabete.	
25	05:50	TEXTO D. GERALDA. De primeiro era assim: o padre vinha, o padre chegava sexta feira ficava a sexta feira tinha a celebração, sábado	D. Geralda	

		tinha a celebração da bandeira, a sexta feira era o último dia da novena era celebração do último dia da novena, e no sábado tinha a celebração da bandeira, era missa trazia a bandeira vinha celebrava a missa depois da missa ia estiar a bandeira Ia na casa do mordomo do mastro tirava a bandeira e vinha os		 
27	Até 06:42	missa depois da missa ia estiar a bandeira Ia na casa do mordomo do mastro tirava a bandeira e vinha os Catopê acompanhava, mas assim, porem todo mundo ninguém vinha fardado ninguém ia de coisa não ia de roupa normal mesmo. Aí trazia a bandeira pra igreja lá rezava igual reza estiava a bandeira depois da bandeira eles dançava ao redor do mastro.	D. Geralda	 
28	06:42 Até 06:56	Os Catopês do Baú, tinha uns Catopê antigo do Baú , Ausente que aquilo cantava com a voz grossa cantando bonito né!	IMAGEM FESTA DO ROSÁRIO EM MILHO VERDE MG.	
29	06:56	AUDIO AMBIENTE E LOCUTORA Festa de Nossa Senhora do Rosário em Milho Verde. Daqui a pouquinho O padre Kenedy e amigos fazendo um show para você que esta aqui visitando Milho Verde, você que é de Milho	IMAGEM – FIEIS LEVANTAND O MASTRO DA BANDEIRA E	

		Verde,	FOGOS	
30	Continua	Almenara também está aí! Oba!!!sejam muito bem-vindos viu! A esta festa que te recebe de braços abertos, agradecemos você que colabora, que participa desta festa tão bonita de Nossa Senhora do Rosário.	IMAGEM IGREJA DO ROSÁRIO MILHO VERDE	
31	08:18	Lembrando que nós temos aqui adesivos da banda padre Kenedy e amigos, você pode procurar aqui o Teiló, com apenas quatro reais viu! Você vai estar colaborando com a banda padre Kenedy e amigos.	FADE OUT --	
32	08:18	TEXTO VAVÁ. Antigamente eu conhecia a turma veia do Catopê, conhecia essa turma maravilhosa a turma do catopé era uma turma grande antigamente no tempo de Laurindo de Bastião Fabiano e aprende muitas coisas com o chefe bater caixa, (Vavá batuca na mesa e canta)	Vavá	
33	Continua	- --- Nosso rei dimbá sá raê de má! nosso rei dimbá sá raê de má! Oi dimba é dimba que toca ô nosso rei dimbá!	Vavá	
34	Continua	Aprende muitas coisas boas, eu estou cantando só uma parte só que eu aprende foi muita coisa. Graça a eles, que tá! Que já morreram, que já morreu eu aprende com eles	Vavá	

35	Continua	Agora Geraldo Miúdo, eu aprende a bater sino.	Vavá	
36	Continua	Antigamente o grupo era grande , a turma mais véia né mas agora foi acabando que muitos morreram a maior parte morreram, que dançava Catopê lá do Baú e outros passou pra outra religião né!	Vavá	
37	continua	Mas o grupo não está com boa com muita boa vontade não por que, mesmo esses pouquinho que tá dançando já num tá muito animado a dançar por isso que acabou né!	Vavá	
39	Continua	Agora! Só que tem que a festa prá mim, só tem uma coisa passou de meia noite é outras festas é duas festas, depois de meia noite é até a hora que acontece o mastro, forro, meia noite, meia noite e meia, agora, é aí que que acontece?	Vavá	
40	Até 11:02	Agora passou de madrugada torna a ser outras festas né? Festa ruim né?	Vavá fade out	
41	11:02	Texto – D. GERALDA A participação das mulheres, a participação era de ajudar fazer os doces, fazer as quitandas, cozinhar né? Fazer que de primeiro, hoje em dia compra essa galinhada limpa que galinha de granja essas coisas já compram limpa né? Antigamente não antigamente tinha que matar limpar tudo então ajuntava esse pessoal se a	D. Geralda	

		rainha fosse lá do Baú, eles sempre tinham!		
42	Continua	Era a rainha lá do Baú vinha as mulheres do Baú, juntava com as mulheres daqui, que todo mundo ajudava, ajudava muito e não era não tinha ninguém pago hoje em dia tem que pagar cozinheira tem essas bobagens tudo né? Antigamente ninguém recebia nada por isso era o prazer que tinha de fazer para Nossa Senhora do Rosário.	D. Geralda	
43	Continua	E então a comida era para todo mundo, pessoal de fora que vinha e que as comunidades de perto que antigamente não existia turismo aqui era o pessoal mesmo das comunidades daqui de arredor que aí pegava e todo mundo comia na casa do rei e da rainha mas todo mundo doava também to mundo doava as coisas.	D. Geralda	
44	Continua	Aí bom depois que todo mundo comia vinha o catopé se acabasse primeiro vinha ao redor da mesa dançava ao redor da mesa, agradecia a rainha agradecia rei agradecia as cozinheiras agradecia as ajudantes agradecia tudo e saia, aí vinha a marujada terminou de almoçar depois né! Vinha elas pela mesma forma rodeavam a mesa todo mundo dançando e cantando agradecendo rei, rainha, cozinheira e coisa cantando.	D. Geralda	

45	Até 13:27	Mas hoje em dia não, hoje em dia é mais misturado é servindo e não sei o povo antigamente tinha, como se diz, não tinha estudo não tinha nada cada um aprendia do, pela memória mesmo né? E sabia respeitar as coisas sabia se organizar prá acontecer o melhor que fosse.	D. Geralda	
	13:27	som direto na câmera Catopê cantando em língua africana	GRUPO CATOPÊ BUSCADO REI	
47	Continua	som direto na câmera Catopê cantando em língua africana	IMAGEM GRUPOS Catopê Marujada Meninas do Rosário	
48	Continua	som direto na câmera Meninas do Rosário cantando versão do Roberto Carlos.	imagem Meninas do Rosário buscando rainha em casa	
49	Até 14:43	som direto na câmera Meninas do Rosário cantando versão do Roberto Carlos.	fusão imagem Meninas do Rosário buscando rainha em casa	

50	14:43	TEXTO - D. Cida. Quem teve a ideia não fui eu, foi o meu cunhado Antônio Valério, a verdade tem que ser dita né? Só que mexer com meninas é complicado aí ele parou e eu continuei com elas e estou até hoje.	D. Cida	
51	Continua	Antes não tinha vestes direito a gente pediu um pano daqui um pedaço de pano de lá emendamos tudo, não é mãe? E prá fazer as roupas e não tinha penas daquelas penas enfeitadas colorida, nos saímos pros galinheiros a fora arrancando penas das galinhas, (risadas) levei várias bicadas pra fazer o penacho, capacete né? Das meninas	D. Cida	
52	Continua	Aí depois alguém lá do Serro, me deu umas penas aí já fomos botando pena de galinha com uma pena enfeitando no meio das penas coloridas.	D.Cida	
53	Continua	Só que eu e compadre Antônio inventamos Caboquinhas meninas por que muita menina que tinha aqui e tem que botar essas meninas prá fazer alguma coisa, na religião, né? Para elas entender o que é fé e elas gostam do que elas faz!.	D. Cida	

54	Continua	Só existia marujada e os Catopês, não existia1 compadre Antônio inventou e eu junto com ele depois ele parou e eu continuei. Caboclo do Serro é caboclo vestido de pena é aquela roupa deles, aquilo lá é muito antigo vem de geração e eu jamais penso em fazer igual nem	D. Cida	
55	Até 16:40	a eles nem aos Catopês nem a Marujada não quero passar a frente de ninguém só quero fazer o que a gente faz com amor e vamos mudando cada dia que passa a gente inventa uma moda. Quando o pessoal pensa que o grupo tá acabando a gente chega com uma novidade e vamos lá!.	IMAGEM D. CIDA FUSÃO MENINAS DO ROSÁRIO PORTA DA CASA DA RAINHA	
56	Até 17:01	SOM DIRETO DA CAMERA MENINAS DO ROSÁRIO CANTANDO versão MÚSICA ROBERTO CARLOS –	MENINAS DO ROSÁRIO NA PORTA DA CASA DA RAINHA FUSÃO COM IMAGEM D. GERALDA.	
57	17:01	texto D. Geralda A gente vivia de promessa de nossa Senhora do Rosário de curar muitas doenças.	D. Geralda	
58		Mas tem muitas graças recebidas por Nossa Senhora do Rosário muitas pessoas que aqui pra nós, não existia medico não existia quase nada aqui pra gente tudo era muito difícil nos não tinha estrada nós não tinha nada nos era a mesma coisa de bicho morando no mato a mesma coisa de índio, então, se adoecia uma pessoa	IMAGEM MARUJADA E CATOPÊS RETIRANDO IMAGEM DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE DENTRO	

		fazia uma promessa.	DA IGREJA	
59	17:30	Assim mesmo eu corto, cabeça e o rabo. O que que eu corto? (Mãe responde) cobreiro bravo	IMAGEM D. DALVA BEZENDO	
60	Continua	D. Dalva Assim mesmo eu corto a cabeça e o rabo. No poder do espirito santo isso está sendo curado.	D. DALVA BEZENDO CRIANÇA	
61	Continua	Assim mesmo eu corto, cabeça e o rabo. O que que eu corto? (Mãe responde) cobreiro bravo	D. DALVA BEZENDO CRIANÇA	
62	Continua	D. Dalva Assim mesmo eu corto a cabeça e o rabo. No poder do espirito santo isso está sendo curado.	IMAGEM D. DALVA BEZENDO CRIANÇA	
63	Continua	Assim mesmo eu corto, cabeça e o rabo. O que que eu corto? (Mãe responde) cobreiro bravo D. Dalva Assim mesmo eu corto a cabeça e o rabo. No poder do espirito santo isso está sendo curado.	MAGEM DA MÃE FUNDE COM IMAGEM DE D. DALVA DEPOIMENT O	
64	Continua	TEXTO D, DALVA TEM MUITO TESTEMUNHO sobre essa santa viu! Cê tá querendo saber,		

		você vai saber um pedacinho aí.		
65	Continua	Minha patroa, eu tava trabalhando pra comprar a despesa, ajudar comprar, que eu achava que ninguém não ia dar o suficiente, eu fui trabalhar, dava um pouquinho prá casa prá fazer comidinha pros meninos e um pouquinho eu punha lá na caixinha prá Nossa senhora,	IMAGEM D. DALVA	
66	Continua	eu tava guardando com uma patroa minha, ela falou assim: D. Dalva, eu vou dar a senhora cinco reais para ajudar, ajuda? Eu falei, ajuda, muito pouco com Deus é muito e muito sem Deus não é nada, ajuda de mais.	IMAGEM D. DALVA	
67	Continua	Mas na hora ela queria que eu trabalhasse na quinta feira e eu já vinha atrasada ela queria que eu trabalhasse na quinta feira eu não fui ela pegou os cinco reais que ela tinha dado pra Nossa Senhora. Ela pegou o dinheiro os cinco reais e na hora , na hora que eu fui pegar o dinheiro que estava guardado com ela ela falou! Oh! D. Dalva tirei aqueles cinco reais vou precisar comprar uns remédios, mulher rica!	IMAGEM D. DALVA	
68	Continua	Ela tem de tudo. Eu pisei parecia que eu estava pisando numa taboa de taxa de taxa de pregar sapato espinhei toda dos pés a cabeça, falava não tem problema não D. Eloisa, Deus me ajuda que eu vou dar conta.	IMAGEM D. DALVA	

69	Continua	Oh! Gilson pior coisa né? Quando eu cheguei lá ela falou assim: oh! D. Dalva a festa teve boa? Eu falei; maravilhosamente bem D. Eloisa, e a senhora ficou bem aí? Ela falou Eu não! Eu falei, por que? A minha netinha do soldado, do Mauro, senhora sabe quem? Falei! Sei	IMAGEM D. DALVA	
70	Continua	aquela menina faleceu, ficou igual Nossa Senhora no caixão! Tinha dela dar esse testemunho prá mim por que Nossa Senhora aqui ia receber os cinco reais dela talvez Nossa Senhora o problema que a menina tivesse lá talvez Nossa Senhora segurasse o problema prá ela né? Se ela tivesse a fé junto com a minha.	IMAGEM D. DALVA	
71	Continua	Hoje tá um pouco meia sem graça. Por que antigamente ela era mais original por que tinha matina batia no sino meu tio Juca de Mídio, irmão da minha mãe, é saia essa rua toda batendo caixa e e uma pessoa la tocando o sino.	IMAGEM D. DALVA	
72	Continua	Marujo já dois anos que não dança, a Marujada daqui! O primeiro ano, ano passado diz que Assis tinha morrido é um companheiro da Marujada, ele deu testemunha lá o Jones de João Fabiano deu testemunha lá que por conta homenagem ao amigo ninguém saiu dançando, deveria dançar prá homenagear o corpo né?	IMAGEM D. DALVA	

73	Continua	Não dançou! Não dançou esse ano também marujada daqui não saiu tá terminando por falta de quê que eu não sei! Porque a tradição de receber os dançantes é com nós todos, todas festas eu ajudo. É isso que tá me deixando triste viu Gilson é os dançantes parando que eu que ria que eles ficassem no lugar.	IMAGEM D. DALVA	
74	Continua	Falei com João agora na folia, ele foi clamar no pai dele que nos rezamos prá esses fulião todos que já foram, nas orações todas nos estamos pondo na mão de Deus os que já foi Geraldo Miudo ali, todos ele que dançaram e já faleceram nos posemos na mão de Deus esses dias da fulia todos nós estamos orando pra eles.	IMAGEM D. DALVA	
75	22:40	Mas eu falei assim: porque vocês novos não pode ficar no lugar deles? Fica! Pega essa tradição não custa nada , não arranca pedaço, pode é prosperar a vida da gente prá melhor.	IMAGEM D. DALVA	
76	22:40	som padre rezando ave Maria em off entra depoimento de D. Maria Coração texto Maria Coração – Antigamente, a festa de Nossa Senhora do Rosário era muito boa, era oito dias de novena que era! Vinha muita gente, tinha os catopé	Procissão com som direto Padre rezando ave Maria	
77	22:55	tinha os marujos porque a festa daqui era da antiguidade era dos escravos foi os escravos que fundo é tanto que a igreja daqui tinha era os escravos que fez né?.	D. Maria Coração D. Ângela (Filha)	

78	23:00	Mas agora tá ficando mais resumida né? Por que os dançantes mesmo tão morrendo muito já morrerão muito já tá diminuindo os marujos também já tá diminuindo os chefes do marujos já faleceram né? Tem os marujos aí mas não é igual antigamente não, mas era muito animado e muito bonita que era muito animada muito bonita e a quase que era	D. Maria Coração	
79	Continua	a rainha era só gente escura que saia né? Gente preta agora não tem muita gente que vem pede prá sair pede de belo Horizonte , do Serro então agora graças a Deus. Mas a festa daqui agora não é igual a de antigamente não é igual antigamente não.	D. Maria Coração	
80	Continua	Tem o mastro no sábado no domingo tem a procissão e já entrega a coroa, tá diferente né?, Agora com dar a comida tudo doce essas coisas tá do mesmo jeito né?.	D. Maria Coração	
81	Continua	A festa lá do Nossa Senhora do Rosário é lá do Baú ne? Foi os escravos, a igreja que tinha aqui é, a igreja que tinha aqui era do tamanho do cemitério essa igreja daí todo mundo tem muita coisa com ela, que fala que essa daí é dos pobre e dos pretos que a outra lá que é dos ricos e dos pobre, dos ricos e dos brancos por tanto que essa daqui o povo tem muita coisa com ela né? com a de lá	D. Maria Coração	

82	Continua	Nossa Senhora dos Prazeres não tem não. Já fiz a festa de nossa Senhora dos Prazeres nove anos, nove vezes e a gente mesmo é que tem de lutar e fazer a festa porque lá eles não tem muita coisa com a igreja de lá não! Fala que ela é dos brancos e dos ricos, agora essa daqui não todo mundo tem muita coisa com ela, e tem a festa aí e faz a festa até hoje. Rainha não , eu já fui juíza né? Tinha até vontade de ser rainha mas agora não aguento mais tô com oitenta e nove anos e não tô podendoné? Agora alguma coisa eu faço, agora vou fazer a festa de São Sebastião que toda festa que tem aí eu ajudo sou ajudante.	D. Maria Coração	
83	Continua	E tem outra que sai nas festas dela é sempre só os Catopê e a Marujada que antigamente que tirou ela do mar né? Que foi as dança foi a musica foi os caboclo ninguém não conseguiu tirar ela do mar então quando foi os Catopês foi que ela saiu do mar por tanto que é os Catopê é que tira ela que tem a	D. Maria Coração	
84	Continua	E tem São Benedito, um pretinho que sai com ela e esse não larga ela. Quando foi uma vez, ela estava São Benedito estava em Belo Horizonte retocando ele lá, então fizeram a procissão dela que não podia deixar de não fazer né? Então saiu com ela então quando chegou ali na porta da pousada não seguia de forma nenhuma não seguia não teve que voltar com ela prá igreja porque São Benedito não estava junto com ela.	D. Maria Coração	

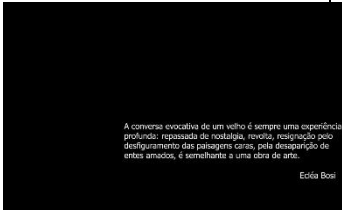
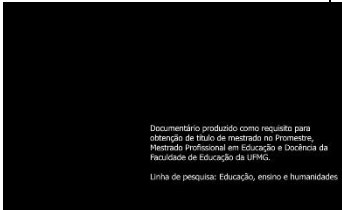
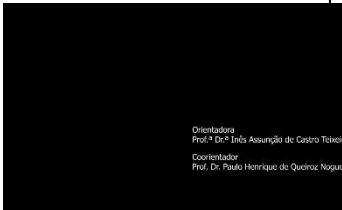
85	Continua 27:00	Toda vida eu cantei toda vida fui cantora de igreja né? Aí eu ía por tanto até quando tem a reza aí que tem os coisa sempre eu que vou prá cantar os cânticos dela né?. Todo mundo tem muita fé com ela. Agora com a Senhora dos prazeres também tem, mas né? Eles têm mais é com essa mesmo. NÉ?	D. Maria Coração	
86	27:00 27:30	Som Ambiente TEXTO D. Geralda em off O padre celebrava a missa e entregava, fazia a entrega da coroa, aí fazia as entregas das coroas os novos reis eles iam levar os novos reis pra casa do rei né?	REIS E RAINHAS ENTREGANDO A COROA	
87	27:30	E lá entregava rei entregava rainha na casa dela também os novos que eram do outro ano seguinte aí eles saiam despedindo Catopê prum lado, marujada pro outro despedindo das casas nas portas, nas casas sempre todo mundo tinha	D. Geralda	
88	27:47	Alguma coisa qualquer para oferecer prá eles e eles cantando e despedindo fazendo as cantigas deles. Os catopés cantava muito que é como que é : quatro libra de carne é mocotó alegria de pobre é um dia só	Fieis carregando andor com imagem de Nossa senhora do Rosário,	

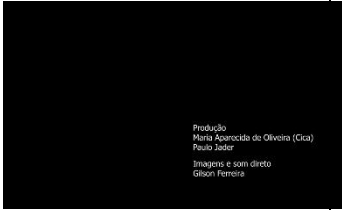
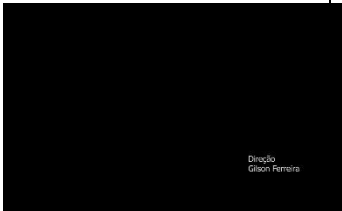
89	Continua	A fala de D. Geralda fica em off Continuação do texto adeus, adeus, adeus, adeus para o ano eu voltarei se eu não morrer para o ano que vem eu voltarei e despedindo em casa em casa e cada casa que eles fossem cada um oferecia uma coisa para eles uma bebida, uma coisa qualquer um doce, e aí entregava todo mundo e tava a festa terminada segunda feira hoje em dia entrega tudo é num dia só né?	fieis carregando andor com Nossa senhora do Rosário, entrando na igreja para guardar a imagem na igreja.	
90	Continua	Som ambiente do interior da igreja	fieis rezando ao pé da santa	
91	28:50	texto – D. Geralda Eu não gosto muito de ficar lembrando, é que eu lembro do meu marido, (silencio) texto: muita coisa faz a gente ficar recordando muita coisa do passado muita coisa. (breve silencio)	D. Geralda	
92	Continua	Texto D. Geralda O padre não gosta que bate muito sino não, todo dia, a vida toda é assim: bate três vezes o sino que é prá poder começar a novena né? Que eu vi começou a novena sem bater sino, eu estava esperando bater sino que dê o sino que dê / quando eu escutei daqui que aqui é pertinho já estava é começando a rezar lá e	D. Geralda	

93	Continua	eu sai correndo pra poder e rezar novena lá! Batei sino uma vez dois dias uma vez só na hora da novena. Que todo dia bate três vezes prá todo mundo escuta e ir ver e saber que tá começando que a última vez é começo que é prá todo mundo começa e chegando na igreja , mas hoje em dia não, ele não gosta muito que bate sino não!.	. Geralda	
94	Continua	Mas vocês não viram a benção de Nossa senhora do Rosário! Cês prestaram atenção? Garanto que ninguém prestou atenção nessas coisas! Eu prestei atenção! Prestei atenção! Prô cês vê que Nossa Senhora Gosta das coisas é certa e os trem é certo!	D. Geralda	
95	Continua	Coisa de show de padre, show dessas pessoas coisa, na hora depois do coisa que é assim ia ter esse show né? O que que Nossa senhora mandou pra nós que todo mundo foi embora? Não ficou ninguém? Ela mandou a chuva do céu que nos estava numa sequidão horrorosa uma poeira horrorosa,	D. Geralda	
96	Continua	Nossa senhora Mandou a chuva, não teve Show de padre! não teve show de ninguém! Todo mundo foi pra casa dormir. O que que é? Nossa Senhora que viu que as coisas não estavam certas. Eu fiquei e falei olhe não abuse com Nossa Senhora não, que ela é poderosa, ela é poderosa, garanto que ninguém prestou atenção nisso e eu fiquei prestando a atenção.	D. Geralda	

98	Continua	Teve Show? Nossa senhora do Rosário minha fia é boa de mais ela tem as virtudes dela que ela manda as graças pra gente ela pede deus lá que manda as graças sem a gente nem perceber.	D. Geralda	
99	Continua	BREVE SILENCIO – Foi bom! já falei bastante, Já falei bastante.	D. Geralda	
100	Continua	Eu fiquei só escutando cadê o show do padre? cadê o show do padre que iá fazer o show?	D. Geralda	
101	32:38	SOM DIRETO D. MARIA CORAÇÃO CANTANDO MÚSICA VIRGEM DO ROSÁRIO - Virgem do Rosário sois-vos a mimosa entre as outras flores sois a mais formosa entre as outras flores sois a mais formosa	D. Maria Coração	
102	Continua	Maria concebe o vel bem carnado que veio ao mundo remir os pecados que veio ao mundo remir os pecados Maria concebe o vel bem carnado que veio ao mundo remir os pecados que veio ao mundo remir os pecados	D. Maria Coração	

103	Continua	Fazei doce mãe e no ceu também a Jesus louvamos para sempre amém a Jesus louvamos para sempre amém Virgem do Rosário sois vos a mimosa entre as outras flores sois a mais formosa entre as outras flores sois a mais formosa	D. Maria Coração	
	Continua	Silêncio	D. Maria Coração	
104	Continua	Silêncio	D. Maria Coração	

				
106	Continua	Silencio	D. Maria Coração	
107	Continua	Silencio	D. Maria Coração	
108	34:44	Vavá: cantando Letra da música. - Alegria do pobre é um dia só quatro libras carne é mocotó Quatro libras carne é mocotó alegria do pobre é um dia só	LETREIRO EPÍGRAFE	
109	Continua	alegria do pobre é um dia só quatro libras carne é mocotó quatro libras carne é mocotó alegria do pobre é um dia só	LETREIROS FINAIS	
110	Continua	- Alegria do pobre é um dia só quatro libras carne é mocotó Quatro libras carne é mocotó alegria do pobre é um dia só	LETREIROS FINAIS	

111	Continua	Alegria do pobre é um dia só quatro libras carne é mocotó quatro libras carne é mocotó alegria do pobre é um dia só	LETREIROS FINAIS	
112	Continua	Texto final Vavá – Aí é essas partes! Que eu tenho gravado é o sino e alguma parte, Joga na INTERNET, na Globo quero que você faz isso pra mim! Na Globo na internet pro pessoal ver as coisas boas pra dar valor beleza? Correto? Pro pessoal dar valor aos grupos!	LETREIROS FINAIS	
113	Continua	Na Globo na internet pro pessoal ver as coisas boas pra dar valor beleza? Correto? Pro pessoal dar valor aos grupos!	LETREIROS FINAIS	
114	36:29	FIM	LETREIROS FINAIS	